

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FONOLOGIA E MORFOLOGIA

ROBERTA SPESSATTO DA SILVA

**PREDIZIBILIDADE DA MARCAÇÃO DE GÊNERO EM SUBSTANTIVOS NA
LÍNGUA ESPANHOLA: UMA ANÁLISE DE VÍDEOS DO YOUTUBE**

PORTO ALEGRE

2019

ROBERTA SPESSATTO DA SILVA

**PREDIZIBILIDADE DA MARCAÇÃO DE GÊNERO EM SUBSTANTIVOS NA
LÍNGUA ESPANHOLA: UMA ANÁLISE DE VÍDEOS DO YOUTUBE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem – Fonologia e Morfologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Roberta Spessatto
PREDIZIBILIDADE DA MARCAÇÃO DE GÊNERO EM
SUBSTANTIVOS NA LÍNGUA ESPANHOLA: UMA ANÁLISE DE
VÍDEOS DO YOUTUBE / Roberta Spessatto Silva. -- 2018.
114 f.
Orientador: Luiz Carlos da Silva Schwindt.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Morfologia. 2. Gênero gramatical. 3.
Produtividade morfológica. 4. Linguagem inclusiva. 5.
Língua espanhola. I. Schwindt, Luiz Carlos da Silva,
orient. II. Título.

Roberta Spessatto da Silva

PREDIZIBILIDADE DA MARCAÇÃO DE GÊNERO EM SUBSTANTIVOS NA LÍNGUA
ESPAÑHOLA: UMA ANÁLISE DE VÍDEOS DO YOUTUBE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem – Fonologia e Morfologia.

Porto Alegre, 22 de março de 2019.

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

Monica Nariño Rodríguez
Departamento de Línguas Modernas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Raquel Gomes Chaves
Centro de Letras e Comunicação
Universidade Federal de Pelotas

Valéria Neto de Oliveira Monaretto
Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Luiz Carlos da Silva Schwindt
Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Neiva Spessatto da Silva, e à minha dinda, Nelita Spessatto, que sempre apoiaram meus sonhos e estiveram ao meu lado em absolutamente todos os momentos da minha vida.

Ao meu orientador, Luiz Carlos Schwindt – que é uma das minhas inspirações – pela paciência, e, mesmo querendo me matar (quase todo o tempo), acreditou em mim até o fim. Ah, profe, tu sabe o quanto te adoro e te agradeço por este momento. Obrigada!

À Monica Nariño, por ser tão especial dentro e fora da academia e por me dar forças para nunca desistir.

Aos importantes personagens acadêmicos desta minha, ainda breve, caminhada, Mariana Terra Teixeira, Fabíola de Paola, Marcelo Gonçalves Maciel e Carlos Castillo: pelas sugestões, contribuições e, obviamente, pelo exemplo. Vocês foram fundamentais para o término desta dissertação.

À minha psicóloga, amiga e irmã de alma Camila Felipe por sempre me mandar escrever (mesmo com uma cerveja na mão!).

Às minhas amigas Bibianna Pavim, Daniela Tonet, Débora Peixoto, Gabriela Zurawski, Mariana Granja Brum e Milene Martinez, por compreenderem que minha ausência não era por falta de vontade de vê-las, mas por necessidade de terminar o mestrado (embora eu tenha feito o impossível para estar presente, né?!).

Aos meus amigos do Unificado, Ávila Oliveira, Eloi Fernandes e Fabio de Oliveira Vasques, que aguentaram meus surtos (e continuaram me amando!) por eu não conseguir mais respirar de tantas coisas que eu tinha para fazer.

À Paula Simas que me deu aquele help com o inglês no momento que eu mais precisei.

À Patrícia Zanella por me salvar com o seu último olhar antes da versão final.

E, óbvio, ao meu amor, Renan de Simas, por passar muitas noites e dias jogando videogame (já com calos nos dedos), para não atrapalhar minha concretização deste trabalho e me apoiar integralmente em todas as minhas decisões.

RESUMO

O gênero é um termo polissêmico utilizado em diferentes âmbitos e o seu significado se adapta ao contexto no qual é inserido e estudado. Neste trabalho, a abordagem desse termo se restringe ao gênero gramatical. Baseando-nos no trabalho de Schwindt (2019) sobre o português brasileiro, nesta dissertação, fizemos uma análise do sistema de marcação do gênero gramatical da língua espanhola em substantivos terminados em /a/, /e/ e /o/, a partir dos conceitos de disponibilidade e rentabilidade (CORBIN, 1987), sob a ótica da escola estruturalista. Inicialmente, o estudo se justifica pelo fato de muitos falantes associarem o gênero gramatical apenas ao sexo biológico e buscarem justificativas para a utilização da linguagem inclusiva. O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar se a língua espanhola possui um caráter sexista pelas suas marcas de feminino e de masculino, bem como o uso do segundo como gênero não marcado. Assim sendo, buscamos analisar quão predizível é o gênero dos substantivos em espanhol. Por um lado, segundo Morera (2011), Dewaele e Véronique (2001), o gênero dos substantivos é idiossincrático e determinado lexicalmente. Por outro lado, Corbett (1991) sustenta a ideia de que falantes nativos têm a habilidade de atribuir gênero aos substantivos da língua, sendo o gênero algo mais transparente aos falantes e menos memorizado e gravado idiossincraticamente no léxico. Dessa forma, buscamos comparar a marcação de gênero em substantivos do espanhol com pesquisas já apresentadas da marcação do português sob a ótica da produtividade morfológica – disponibilidade e rentabilidade. Analisamos, aqui, a marcação de gênero de substantivos em espanhol na linguagem vernacular de mulheres falantes nativas do espanhol peninsular em cinco entrevistas de um canal feminista do Youtube chamado BuzzFeed. Foram analisados cinco vídeos, totalizando 43 minutos de espanhol falado. Os dados analisados justificam a intuição dos falantes sobre um sistema binário – que parecia nomes terminados em /a/ ao feminino e /o/ ao masculino - e os resultados corroboram a hipótese da predizibilidade da marcação de gênero e da incoerência da chamada linguagem inclusiva ou não sexista, visto que seu uso não contempla a produtividade morfológica.

Palavras-chave: Morfologia. Gênero gramatical. Produtividade morfológica. Rentabilidade. Linguagem inclusiva. Língua espanhola. Língua portuguesa.

ABSTRACT

Gender is a polysemic term used in different settings and its meaning adapts to the context in which it is inserted and studied. In this essay the approach of this term is restricted to the grammatical genre. Based on Schwindt's work (2019) on Brazilian Portuguese, in this dissertation, we performed a marking system analysis of the the Spanish language's grammatical genre in nouns ending in / a /, / and / and / or /, from the concepts of availability and profitability (CORBIN, 1987), from structuralist school perspective. Initially, the study is justified by the fact that many speakers associate grammatical gender only with biological sex and seek justifications for the use of inclusive language. The objective of this dissertation, therefore, is to analyze if the Spanish language has a sexist character for its feminine and masculine marks, as well as the use of the second as unmarked gender. Therefore, we seek to analyze how predictable the gender of nouns is in Spanish. On the one hand, according to Morera (2011), Dewaele and Véronique (2001), the genus of nouns is idiosyncratic and lexically determined. On the other hand, Corbett (1991) supports the idea that native speakers have the ability to attribute gender to the nouns of the language, the genre being more transparent to the speakers and less memorized and recorded idiosyncratically in the lexicon. In this way, we seek to compare the gender marking in nouns of Spanish with research already presented on the Portuguese marking under the view of morphological productivity - availability and profitability. Here we analyze the genus marking of nouns in Spanish in the vernacular language of native Spanish speaking women in the peninsular Spanish language in five interviews of a feminist Youtube channel called BuzzFeed. Five videos were analyzed, adding 43 minutes of spoken Spanish. The data analyzed justify the speakers' intuition about a binary system, which ended up in the feminine and / or masculine ending names, and the results corroborate the hypothesis of the predictability of gender marking and the incoherence of the so-called inclusive language or not sexist, since its use does not contemplate the morphological productivity.

Keywords: Morphology. Grammatical gender. Morphological productivity. Profitability. Inclusive language. Spanish language. Portuguese language.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GGr	Gênero Gramatical
LE	Língua Espanhola
LI	Linguagem Inclusiva
LP	Língua Portuguesa
LPB	Língua Portuguesa Brasileira
OP	Oposição Privativa
RAE	Real Academia Española

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 - Organização da palavra por Bermúdez-Otero (2012).....	44
Figura 2 - Organização das vogais temáticas por Bermúdez-Otero (2012)	47
Gráfico 1 - Distribuição do gênero nos dados de acordo com os grupos estipulados	79
Gráfico 2 - Porcentagem geral de substantivos femininos e masculinos sexuados e não sexuados na LE nos dados analisados	80
Gráfico 3 - Porcentagem detalhada de substantivos femininos e masculinos sexuados e não sexuados na LE nos dados analisados	81
Quadro 1 - Fragmento de Trabalho Científico do Historiador G. O'Donnell.....	28
Quadro 2 - Guía para el uso no sexista del lenguaje em la Universitat Autònoma de Barcelona.....	31
Quadro 3 - Pronomes Neutros	32
Quadro 4 - Exercício de gênero gramatical proposto por Roca (2005).....	57
Quadro 5 - As propriedades desinenciais da língua espanhola	59
Quadro 6 - Lista com dez desinências sugeridas por Roca (2005).....	62
Quadro 7 - Entrevistadas	69
Tabela 1 - Resultados do Vídeo 1 de Melo Moreno (<i>youtuber</i> e cantora)	71
Tabela 2 - Resultados do Vídeo 2 de Bolli (<i>youtuber, instagrammer e stuffmaker</i>).....	73
Tabela 3 - Resultados do Vídeo 3 de Tomasa del Real (cantora de Reggaeton).....	74
Tabela 4 - Resultados do Vídeo 4 de Teresa Rodríguez (deputada, professora, ativista e candidata às eleições de Andalucía)	75
Tabela 5 - Resultados do Vídeo 5 de Mala Rodríguez (cantora de rap).....	77
Tabela 6 - Resultados Gerais da Pesquisa	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 GÊNERO, UM TERMO POLISSÊMICO	15
2.1 GÊNERO GRAMATICAL VERSUS SEXO BIOLÓGICO	15
2.2 GÊNERO GRAMATICAL E LINGUAGEM INCLUSIVA: UMA (R)EVOLUÇÃO LINGUÍSTICA?	22
2.2.1 A marcação desinencial não sexista	26
3 DESCRIÇÃO DO GÊNERO GRAMATICAL	34
3.1 A HIPÓTESE DA PREDIZIBILIDADE DO GÊNERO GRAMATICAL.....	34
3.1.1 A visão de Corbett (1991) sobre gênero gramatical e vogal temática	36
3.2 PRODUTIVIDADE	40
4 O SISTEMA DE MARCAÇÃO DE GÊNERO DOS SUBSTANTIVOS DA LÍNGUA ESPANHOLA	44
4.1 A IMPORTÂNCIA DA VOGAL TEMÁTICA E DO GÊNERO NÃO MARCADO PARA A ATRIBUIÇÃO DE GÊNERO GRAMATICAL.....	46
4.1.1 Vogal temática: um aspecto relevante	46
4.1.2 O gênero não marcado na língua espanhola	49
4.2 A VISÃO SOB A ÓTICA DA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA	52
4.3 O GÊNERO EM SEU VIÉS LINGUÍSTICO: IGNACIO ROCA	56
4.3.1 A visão de Roca sobre a estrutura desinencial do espanhol	58
4.3.2 A análise da desinência como morfema de gênero	62
5 METODOLOGIA E ANÁLISE EMPÍRICA DA MARCAÇÃO DE GÊNERO DOS SUBSTANTIVOS EM LE PENINSULAR NA FALA DE MULHERES FEMINISTAS	66
5.1 ESPECIFICIDADES DE PESQUISA	67
5.2 OBJETIVO PRIMÁRIO	68
5.3 OBJETIVOS SECUNDÁRIOS	69
5.4 MÉTODOS	69
5.4.1 Materiais e participantes	69
5.4.2 Procedimento de coleta de dados	69
5.5 RENTABILIDADE DA MARCAÇÃO DE GÊNERO.....	71
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	89
ANEXO A - VÍDEO 1	95

ANEXO B - VÍDEO 2.....	98
ANEXO C - VÍDEO 3	101
ANEXO D - VÍDEO 4	103
ANEXO E - VÍDEO 5.....	110

INTRODUÇÃO

Gênero é um termo polissêmico utilizado em diferentes âmbitos, na literatura, nas ciências sociais, nas ciências biológicas (como espécie, categoria), na arte e, também, na linguística – gênero gramatical (GGr) ou gênero textual (discursivo), por exemplo –, e o seu significado se adapta ao contexto no qual é inserido e estudado. Neste trabalho, discutiremos um tipo de gênero, o gramatical, e como essa polissemia da palavra gênero pode gerar desentendimentos em relação ao seu conceito dentro da linguística formal, a fim de analisar questionamentos levantados pelos falantes em relação ao seu caráter sexista e compreender as motivações da chamada linguagem inclusiva (LI) presente tanto no português brasileiro (PB) quanto no espanhol. Para tal, faremos um estudo sobre o GGr dos substantivos, analisando-os em uma língua latina, o espanhol, comparada ao português, focando no contraste entre GGr e sexo biológico.

A discussão sobre GGr, tratada neste estudo, apoiar-se-á na análise linguística de cunho formal – entendida aqui como a abordagem que atribui ao uso linguístico uma contraparte mental (como a oposição língua versus fala, de Saussure, ou competência versus performance, de Chomsky). Desse modo, abordaremos o conceito de GGr, as suas marcas de feminino e de masculino, bem como o uso do segundo como o gênero não marcado da língua, explicado pela escola estruturalista. Nossa pesquisa, portanto, procurará entender como ocorre a marcação de GGr na língua portuguesa brasileira (LPB) e na língua espanhola (LE) e qual o papel, do ponto de vista teórico, dessa marcação para o funcionamento do sistema linguístico.

Logo, esta dissertação estruturaremos dois principais objetivos: o primeiro será analisar se a marcação do GGr na LE é sexista ou não; o segundo objetivo se resumirá a promover uma discussão, a partir dos achados de Schwindt (2019) para o português, sobre a idiosincrasia do GGr e a sua predizibilidade. Se o gênero é idiosincrático, se está listado lexicalmente, só poderá ser imprevisível, isto é, não é possível prevê-lo. No entanto, veremos diferentes correlações observando a frequência dos segmentos terminais a fim de mostrar que o GGr não é tão idiosincrático quanto aparenta, uma vez que a fonologia e a morfologia oferecem pistas para sua escolha, fazendo com que um falante nativo “o acerte”, como sugere Corbett (1991), mesmo em uma palavra desconhecida. Em resumo: descreveremos os contextos de uso das marcas de GGr em LE, a fim de mapear predominâncias que contribuam para seu caráter mais ou menos previsível por parte dos falantes, relacionando aos julgamentos acerca do aparente sexismo linguístico presente no idioma.

Sob esse viés, a hipótese apresentada nesta dissertação será a de que o GGr na LE apresenta uma possível predizibilidade pela estrutura morfológica e fonológica da palavra. Esse pressuposto visa a testar o senso comum de que línguas latinas, como o espanhol, privilegiam formas masculinas em seus discursos, de modo a serem analisadas pela sociedade como sexistas. A principal premissa para esse falseamento reside no fato de que, como no português, em espanhol, GGr não necessariamente está relacionado ao sexo biológico, e, além disso, as aplicações da conhecida LI contradizem as principais regras morfológicas em relação a criação de novas palavras, tornando-se assim, inviáveis.

Com base nos conceitos de produtividade, segundo Schultink (1961), analisaremos quanto predizível é o GGr dos substantivos em LE. Por um lado, segundo Morera (2011), e Dewaele e Véronique (2001), o gênero dos substantivos é idiossincrático e determinado lexicalmente. Por outro lado, Corbett (1991) sustenta a ideia de que falantes nativos têm a habilidade de atribuir GGr aos substantivos da língua, sendo gênero algo mais transparente aos falantes e menos memorizado idiossincraticamente no léxico.

Conforme os dados de Schwindt (2019) do PB, a exponenciação da categoria gênero parece ser menos imprevisível na língua portuguesa do que sugere a literatura, se vista sob a ótica da produtividade morfológica e levado em conta o fator rentabilidade. Assim, neste trabalho, buscaremos avaliar a marcação de gênero em substantivos do espanhol perante a produtividade morfológica – disponibilidade e rentabilidade (cf. CORBIN, 1987).

Além disso, é importante ressaltar os seguintes aspectos: em primeira análise, esse estudo se limitará a substantivos, pois eles são núcleos de sintagmas nominais; dessa forma, o seu GGr é a base para a concordância, ou seja, para o GGr das outras palavras que os circundam adnominalmente; portanto, toma-se como menos relevante qualquer outra análise a partir de determinantes ou adjuntos, já que, em espanhol, como em português, o GGr dessas funções é, nessa perspectiva, mero produto de concordância, entendendo que o sintagma se forma a partir do núcleo, e, à vista disso, não olhamos para a língua, unicamente, na sua superfície ou no seu uso. Em segunda análise, esse estudo não contrariará outras vertentes discursivas que analisam aspectos ideológicos e sua relação com a língua, porquanto se procurará trazer uma perspectiva do sistema linguístico e das possibilidades existentes no sistema para flexão de gênero. Ou seja, tal análise não anulará outras possibilidades, mas sim englobará o comportamento linguístico interno do sistema das línguas em questão.

A relevância dessa análise tornar-se-á importante, na medida em que busca esclarecer algumas questões recentes e bastante discutidas sobre o conceito de GGr e o seu caráter

ideológico, uma vez que, se a língua é o reflexo da sociedade, a dúvida se dá em relação ao fato de uma marcação feminina ou masculina da língua representar ou não um caráter sexista. Afinal, podemos indagar que ou as línguas portuguesa e espanhola são machistas e estão sofrendo um processo de amadurecimento social, ou a discussão ocorre pela falta de esclarecimento gramatical¹ e funcional desses idiomas como sistemas linguísticos complexos.

Clegg (2010), em sua pesquisa intitulada **Native Spanish Speaker Intuition in Noun Gender Assignment** (A intuição do falante nativo do espanhol para a determinação de gênero nos substantivos), afirma que 52% do total dos substantivos dicionarizados do espanhol são masculinos e 45% femininos. Sabendo que os substantivos em LE, assim como em LP, são, obrigatoriamente, femininos ou masculinos, é possível perceber que faltam 3% dos substantivos para que Clegg (2010) atinja a totalidade de 100%, mas essa irregularidade ocorre por tratar-se de palavras que assumem tanto o gênero feminino quanto o masculino. Como já enfatizamos, a LP e a LE apresentam comportamento semelhante; logo, acreditamos que, assim como no português, descrito por Schwindt (2019), entre os nomes sexados, há prevalência de masculino, assegurando, talvez, para muitos, a percepção de uma língua machista; contudo, na LP, há leve vantagem quantitativa para substantivos femininos no léxico tomado de modo geral.

Para atingir o propósito dessa dissertação, faremos uma pesquisa empírica analisando a marcação de gênero de substantivos em espanhol na linguagem vernacular de mulheres falantes nativas do espanhol peninsular. Os dados serão coletados de cinco vídeos de entrevista em um canal feminista do Youtube chamado BuzzFeed. Em cada vídeo, a entrevistada começará se apresentando e, após a apresentação, responderá a perguntas relacionadas às suas funções cotidianas, como suas profissões, por exemplo, e ao machismo que ainda se faz presente em diversas situações.

Nosso objetivo com esses vídeos se resumirá a analisar quantitativamente os substantivos femininos e masculinos terminados em /a/, /o/ e /e/ átonos, e seus respectivos plurais, presentes nos discursos das entrevistadas com a finalidade de analisar o uso da linguagem inclusiva por um grupo de feministas, o qual foi o principal motivador para a criação de guias para o uso de uma língua não sexista.

¹ Gramática, segundo Schwindt (2014), pode ser vista em duas perspectivas: em uma perspectiva normativa e em uma perspectiva científica. A primeira faz referência ao livro escolar e a segunda ao conjunto de regras ou restrições que governam o sistema linguístico. Em relação a falta de esclarecimento gramatical, abordada nesse momento, a gramática é vista na perspectiva científica, ou seja, como o conhecimento linguístico internalizado dos falantes de uma determinada língua.

Para tanto, a presente dissertação organizar-se-á da seguinte forma: no capítulo 2, abordaremos a controvérsia gênero gramatical versus sexo biológico e as questões relacionadas à LI; no capítulo 3, descreveremos o gênero gramatical do ponto de vista do sistema linguístico e analisaremos a hipótese da predizibilidade do GGr; no capítulo 4, nos aprofundaremos no sistema de marcação de gênero nos substantivos de língua espanhola. Nesta seção não apenas estudaremos as relações existentes entre GGr e vogal temática (VT)², mas também compreenderemos a relação existente do masculino como forma não marcada no idioma; no capítulo 5, apresentaremos nosso estudo empírico e analisaremos os dados provenientes da fala das informantes feministas mencionadas; e, no capítulo 6, apresentaremos as considerações finais.

² A vogal temática (VT) foi apresentada por diferentes autores com diferentes nomes: morfema de classe formal, índice temático, classe nominal, classe temática e etc. Como a sua nomenclatura não é relevante para o nosso estudo, abordaremos todos esses nomes como *VT* com o objetivo de promover uma leitura mais fluida.

2 GÊNERO, UM TERMO POLISSÊMICO

A palavra gênero comporta por si só muitos significados em diferentes esferas sociais. Por essa razão, esse trabalho tem como objetivo discorrer sobre o GGr e os desentendimentos linguísticos que ocorrem em relação ao seu uso e à sua abordagem, assim como mostrar como a polissemia presente na palavra gênero pode ser responsável pelas discordâncias existentes devido à não distinção entre o que se entende por GGr e por gênero social (ou sexo biológico). Dessa forma, cada língua tem uma categoria de GGr única e determinada. Segundo Corbett (1991), há línguas em que a categoria gramatical de gênero é preponderante, enquanto noutras é reduzida ou mesmo inexistente. De acordo com Schwindt e Collischonn (2015) ao passo que o guarani, por exemplo, não distingue GGr em substantivos e pronomes, outras línguas têm GGr, mas não relacionado à categoria semântica “sexo” e sim a categorias como “animado/inanimado”, ou “humano/não humano” (por exemplo, as línguas sul-americanas). Corbett (1991) também apresenta o caucasus, que possui trinta e cinco gêneros. Ou seja, estudar GGr não se restringe apenas em dividi-lo em masculino e feminino.

2.1 GÊNERO GRAMATICAL *VERSUS* SEXO BIOLÓGICO

Sabe-se que a língua é um produto social e está condicionada por fatores sociais. Na perspectiva da Análise do Discurso, por exemplo, afirma-se que não há nenhum tipo de discurso ingênuo, já que o enunciador sempre tem uma intenção comunicativa. Por conseguinte, a discussão entre GGr e sexo biológico torna-se fortemente presente nos dias de hoje: tendo em vista essa premissa, é possível haver sexismo por parte dos emissores no discurso.

Em linhas gerais, de acordo com Jaworski e Coupland (2006), um discurso refere-se ao uso da linguagem de indivíduos relacionada à formação cultural, social e política determinada por suas interações na sociedade. Discursos, desse modo, emanam de interações sociais compartilhadas entre grupos sociais e estruturas complexas da sociedade, das quais eles são capturados, e vão além do próprio código para incluir as ações e comportamentos das pessoas. Mais especificamente, de acordo com Parker (1990), o discurso faz diferença na concepção de linguagem, uma vez que seus efeitos só podem ser compreendidos no contexto em que são formados; portanto, o discurso não se refere a textos em si, mas implica padrões e comunidades de conhecimento e de estruturas, nas quais um texto é uma realização única de

um discurso. Embora a linguagem e o meio social interajam de forma evidente, cabe ressaltar que esse estudo não contraria outras vertentes discursivas que analisam aspectos ideológicos e sua relação com a língua; aqui, contudo, procura-se trazer uma perspectiva do sistema linguístico e das possibilidades existentes para flexão de GGr. Isso quer dizer que tal análise não anula outras possibilidades, mas compreende o comportamento linguístico interno da língua em questão. Por comportamento linguístico interno, queremos dizer que nosso entendimento acerca de sintagma se forma a partir do núcleo, ou seja, nossa análise não visa à língua na superfície ou no uso, mas à sua estrutura profunda.

Temos uma tendência em procurar uma explicação provável, regular e racional para tudo o que nos circunda, incluindo a ferramenta que usamos para nos conectar com o mundo: a linguagem que, em sua riqueza de nuances e usos pragmáticos, é colocada a serviço dos usuários, que pouco provavelmente refletem sobre suas bases gramaticais, mas que diariamente usam suas possibilidades discursivas. Ademais, é interessante ressaltar que o falante, alheio às teorias gramaticais, também ignora qualquer base teórica sobre as ideologias, o que não o impede, em qualquer caso, de usar a linguagem como veículo para expressar suas ideias. Elas nascem, pois, não da gramática, nem mesmo do léxico, mas dos usuários em sua capacidade de intérpretes do mundo. Cuervo (1954) conta como os linguistas intuem esse fato e tentam descrevê-lo, buscando encontrar uma lógica linguística oculta que, em nenhum caso, se deve a anomalias do sistema linguístico; entretanto, há situações em que os usuários da língua a percebem e a utilizam, em um viés sexista, pelo simples fato de suas associações intuitivas serem estabelecidas por determinados discursos.

Além disso, as análises feitas sobre a categoria gênero, não somente nas escolas, como também na concepção geral da sociedade, em sua maioria, apresentam o GGr diretamente relacionado à noção de sexo biológico. Os livros didáticos, por exemplo, não explanam que a terminação /o/ representa o gênero não marcado na língua (CÂMARA JR., 1970). Passamos todo o ensino básico acreditando que a terminação /o/ é marcação de gênero masculino e a terminação /a/ de gênero feminino. Ou seja, não há uma reflexão sobre o feminino como forma marcada e o masculino como não marcada fazendo com que a falta de esclarecimento crie uma justificativa para a LI.

Tais questionamentos e afirmações não surgiram de uma ideia abstrata sobre a marcação de GGr. Nebrija (1492, apud ROMEO; MUÑOZ, 1946)³ associa qualquer termo

³ Elio Antonio de Nebrija, autor da primeira gramática da língua castelhana – a qual foi também a primeira gramática das línguas neolatinas –, definiu gênero como **aquello por que el macho se distingue de la hembra, et el neutro de entre ambos**, ou seja, fez uma referência clara de gênero gramatical com sexo biológico.

masculino necessariamente com o sexo biológico masculino e qualquer termo feminino com o sexo biológico feminino. Essa hipótese se comprova equivocada por ela mesma, tendo em vista que há substantivos masculinos como **rió** (rio) ou **puente** (ponte) e femininos como **botella** (garrafa) ou **silla** (cadeira) que não denotam sexo e, nem por isso, deixam de ter GGr.

Com Curso de Linguística Geral, em 1916, Ferdinand Saussure elaborou um modelo abstrato da língua a partir dos seus atos de fala. Ao se apropriar da língua como objeto de estudo, o Curso de Linguística Geral afirma que **a língua é a parte social da linguagem** ou uma **instituição social**, reiterando ainda que **a língua é um sistema que conhece apenas sua ordem própria** (SAUSSURE, 1986, p. 31-34). Ela representa uma comunidade falante, uma vez que as línguas não existiriam sem seus falantes; além disso, cada comunidade linguística apresenta a sua história por meio do uso da linguagem. Na visão de Calvet (2002), as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes, quer dizer, a língua é um reflexo social.

Na linguística, as investigações sobre categoria conhecida por GGr é um estudo de natureza morfológica. Para Fromkin et al. (2000, p. 25, tradução nossa): “A morfologia é o estudo das palavras e de sua estrutura. O que é uma palavra? As palavras são unidades linguísticas significativas que podem ser combinadas para formar frases e sentenças”⁴. A esse respeito, a RAE (2010) afirma que, a morfologia lida com a estrutura das palavras, sua constituição interna e suas variações. Quando analisamos o GGr, estamos analisando a sua estrutura interna. Buscamos se há ou não marcas de feminino ou de masculino e, após essa análise, classificamos a palavra de acordo com o gênero determinado. Na visão de Almela (1994), gênero é um sistema de classificação; portanto, na gramática, significa classe. Contudo, não podemos confundir-lo ou reduzi-lo a nenhuma de suas funções: “o gênero concebe, representa as unidades gramaticais como classes. O conjunto de gêneros é uma classificação que tem a peculiaridade de desfrutar de uma base arbitrária” (ALMELA, 1994, p. 394, tradução nossa)⁵.

Os estudos linguísticos morfológicos despertaram e estimularam um interesse coletivo que aponta a linguagem como a expressão de um sistema social estratificado. Esses aspectos relacionados ao sistema linguístico têm sido objeto de debate entre linguistas e não linguistas e desencadearam uma bibliografia substancial em relação à teoria gramatical, pragmática, sociolinguística, lexicográfica e psicolinguística sobre gênero. Morera (2011), inclusive,

⁴ “Morphology is the study of words and their structure. What is a word? Words are meaningful linguistic units that can be combined to form phrases and sentences”.

⁵ “El género concibe, representa las unidades gramaticales como clases. El conjunto de géneros es una clasificación que tiene como peculiaridad la de gozar de una base arbitraria”.

afirma que, por razões semântico-linguísticas, referenciais e formais muito diferentes, esse mecanismo idiomático que os estudiosos da linguagem chamam de GGr sempre representou, e provavelmente continuará a representar no futuro, um dos questionamentos mais intrincados e difíceis de solucionar da morfologia nominal da língua espanhola.

Para Corbett (1991), o gênero é uma categoria observável, difundida em algumas línguas – por exemplo, nas famílias indo-europeias e dravidianas – e ausente em outras – como na família dos urálicos. Os sistemas de gênero podem ter sexo como componente, como na língua espanhola, com gêneros masculino e feminino; entretanto, igualmente, o sexo pode ser irrelevante, como nas línguas algonquianas, nas quais a distinção se dá entre animado e inanimado.

Porquanto sexo e gênero são dissociados no plano gramatical, é necessário indicar como e em que medida as informações semânticas dos nomes que designam seres animados são gramaticalmente definidas de acordo com o sexo da referência. Por isso, é tão comum confundir o significado do termo **gênero** com a referência extralinguística, afinal esquecemos que, na gramática, ele tem um significado classificatório nem sempre relacionado a sexo. Para Corbett (1991), inclusive, gênero é a mais intrigante das categorias gramaticais. Já para Morera (2011), o GGr se manifesta na concordância, mas essa concordância não está ligada ao significado ou à referência, mas sim a uma **coordenação entre os significantes inerentes à ideia de gênero que nos ajuda a saber quais elementos estão ligados ao substantivo**. Para o autor, o GGr carrega uma função formal de concordância (de concordância sintática, não semântica) cujo papel básico é indicar com qual substantivo concreto se relaciona um determinado pronome ou adjetivo. Além disso, ele reconhece que a importância do referente ao longo da história dos estudos da linguagem cristalizou-se na ideia de reduzir o gênero gramatical à marca sexual nos nomes que designam os seres animados. Em síntese, eles congregaram **masculino com macho** e **feminino com fêmea**. Essa confusão, baseada em explicações gramaticais tradicionais, é estabelecida principalmente para substantivos cujos referentes são animados.

Os estudos morfossintáticos sobre gênero, na ótica de Carvalho (2018), se inclinam a simplificar a relação entre gênero natural⁶ (baseando-se apenas em propriedades semânticas

⁶ Existe um contraste entre o gênero natural e gênero gramatical para Carvalho (2018), Spitzová (2001) e Vilela (1973). Na visão desses autores, embora ambos sejam classificados gramaticalmente, o gênero natural baseia-se no sexo biológico, já o gramatical, não. Inclusive, na visão deles, o gênero natural pode ser nomeado também como gênero biológico.

como masculino versus feminino e animado versus inanimado) e GGr⁷, o qual é atribuído sem nenhuma relação a qualquer propriedade semântica. De acordo com o autor, a maneira como o GGr é distribuído varia nas línguas naturais. Por exemplo, entre o português e o espanhol, há um grupo de palavras conhecido como **palabras heterogénicas** (palavras heterogénicas). Esse grupo apresenta substantivos que com o mesmo significado nos dois idiomas, mas se diferenciam no GGr. Vejamos os seguintes exemplos:

- (1) a. português: ponte (gênero feminino)
- b. espanhol: puente (gênero masculino)

- (2) a. português: leite (gênero masculino)
- b. espanhol: leche (gênero feminino)

Como podemos perceber, não há nada de diferente no significado de **ponte/puente** ou de **leite/leche** que necessite de um gênero específico nas duas línguas. Nesse caso, o gênero é gramatical. Contudo, Carvalho (2018) afirma que há outros nomes nos quais os significados especificam o gênero nas línguas. Vejamos os seguintes exemplos:

- (3) a. português: pai (gênero masculino)
- b. espanhol: padre (gênero masculino)

- (4) a. português: mãe (gênero feminino)
- b. espanhol: madre (gênero feminino)

Nos dois exemplos acima, os substantivos **pai/padre** e **mãe/madre** correspondem a entidades masculinas e femininas, logo essas entidades correspondem aos respectivos gêneros.

Sabemos que as línguas usam diferentes processos para formar palavras, e o mesmo ocorre com a formação do GGr. Ocasionalmente, há marcas formais explícitas; em outros casos, trata-se de uma propriedade gramatical inerente, quando é visível na terminação de algumas palavras. Inclusive, é importante ressaltar que, ao mencionar GGr nas línguas, nos referimos a uma categoria em que ele é relacionado não somente ao traço semântico de sexo,

⁷ Carvalho (2018) nomeia o gênero gramatical como gênero arbitrário; contudo, neste trabalho, chamaremos o gênero arbitrário como gramatical para que não haja confusão de compreensão em função da nomenclatura.

mas também a outras características semânticas intrínsecas ao lexema⁸. O lexema possui uma matriz de traços⁹, a qual existem informações que já lhes são inerentes. Um estudo sobre GGr e sexo biológico é simples, e o seu resultado é previamente esperado; entretanto, nem todas as palavras são animadas ou sexuadas.

De acordo com Carvalho (2018, p. 637), a atribuição de gênero sucede em duas dimensões: (i) gênero atribuído de acordo com algumas propriedades naturais/semânticas do mundo real; ou (ii) gênero atribuído de maneira arbitrária. Também o autor analisa duas línguas para a sua afirmação: a francesa e a inglesa. Em francês, como poderemos perceber no exemplo (5), a morfologia de gênero é utilizada para indicar gênero natural e gramatical. Já em inglês, apresentado no exemplo (6) abaixo, o gênero é restrito ao sexo biológico, ou seja, ao gênero natural. Vejamos os seguintes exemplos apresentados por Carvalho (2018):

(5) Francês

- a. gênero natural masculino: un garçon (um garoto)
- b. gênero natural feminino: une fille (uma garota)
- c. gênero gramatical masculino: un livre (um livro)
- d. gênero gramatical feminino: une table (uma mesa)

(6) Inglês

- a. gênero natural masculino: a boy (um menino)
- b. gênero natural feminino: a girl (uma menina)

A concepção semântica de gênero, na visão de Morera (2011), oferece uma perspectiva única e esclarecedora sobre quais aspectos enfrentamos quando falamos de gênero na gramática prescritiva. Seus esforços estão concentrados em descobrir o valor semântico do gênero gramatical como um componente intrínseco.

Há sistemas estritos de atribuição semântica para o gênero. Sridhar (1990), por exemplo, apresenta a língua kannada, uma língua dravidiana falada no estado de Karnataka, no sul da Índia. Nessa língua, a função de gênero é somente semântica. Nela, há três tipos de

⁸ De acordo com Mota (2016), o lexema é entendido como unidade abstrata do léxico, com representação morfológica, representação fonológica básica e significação própria.

⁹ Segundo Mota (2016), a cada lexema está associada uma matriz de traços que o identifica de forma clara quanto a um conjunto de propriedades de diferentes domínios da gramática. Essa matriz assegura que as palavras flexionadas associadas ao lexema possuam as especificações necessárias e típicas da sua classe lexical, sejam bem formadas, estejam aptas a serem usadas nos enunciados.

gênero: feminino, masculino e neutro. Substantivos denotando humanos do sexo masculino são masculinos e substantivos denotando humanos do sexo feminino são femininos. Divindades, demônios e corpos celestes são subdivididos nesses dois gêneros. Todos os substantivos remanescentes, incluindo aqueles que denotam bebês e animais, são neutros. Há também a língua kolami, outra língua dravidiana, apresentada por Emeneau (1955), que possui apenas dois gêneros: os substantivos denotando humanos masculinos são masculinos e todos os outros pertencem ao gênero não masculino. Em contraponto, temos a língua diyari, uma língua da Austrália do Sul, apresentada por Austin (1981), na qual há um gênero para substantivos com referências femininas e outro para todos os substantivos remanescentes.

Corbett (1991) também apresenta línguas, como as dravidianas, cujo significado do substantivo é o que determina o gênero. Contudo, segundo o autor, em outras línguas, o papel da semântica é mais restrito. Em todos os casos, é importante saber que a visão de mundo dos falantes determina as categorias envolvidas, pois, enquanto existem línguas cujos critérios semânticos são fundamentais, há outras línguas que não se encaixam nesse aspecto e, portanto, dependerão também da forma dos substantivos para a determinação do gênero, e não apenas do seu significado. As pesquisas do linguista apresentaram dois extremos de substantivos em duas diferentes línguas: a tâmil e a qafar. A primeira se caracteriza pelo fato de o significado do substantivo ser suficiente para a atribuição do seu gênero, e a segunda por carregar o gênero dos seus substantivos em função da sua forma, na maioria dos casos. Embora ambas as línguas representem visões opostas nas investigações do autor, é importante ressaltar que, por mais que a língua qafar tenha um aspecto mais formal, essa característica não ignora o significado do substantivo: o gênero sempre tem um núcleo semântico. Um exemplo utópico seria uma língua em que houvesse duas classes de concordância divididas em substantivos terminados em consoantes e substantivos terminados em vogais. Nesse contexto, não haveria regularidade semântica para a distribuição de substantivos, pois não existiria um núcleo semântico. Ainda de acordo com Corbett (1991), essa classificação hipotética não existe; assim sendo, as regras de atribuição formal, embora apelem para dois tipos de informação - fonológica e morfológica -, nunca serão suficientes para a atribuição de gênero sem a semântica.

Os sistemas morfológicos, para Corbett (1991, p. 34), estão conectados a sistemas semânticos de duas maneiras: (i) eles sempre têm um núcleo semântico, e não há sistemas puramente morfológicos. As regras morfológicas atribuem os substantivos no resíduo semântico aos gêneros, isto é, são requeridas no momento em que as regras semânticas

falham. E (ii) os sistemas morfológicos também podem se sobrepor aos semânticos; entretanto, há casos em que a morfologia e a semântica não se sobrepõem. Portanto, ao analisarmos os sistemas de marcação de GGr nas línguas, não podemos nos restringir apenas a um olhar formal, tendo em vista que, embora existam sistemas puramente semânticos, não há sistemas de marcação de gênero exclusivamente morfológicos. Observe a assimetria: as línguas podem usar regras semânticas ou semânticas e formais, mas não apenas regras de atribuição formais.

Conforme esclarece Corbett (1991), há casos em que o significado e a forma do substantivo conflitam em termos de atribuição de gênero. Mesmo que existam critérios semânticos e formais, o linguista assume que há um desequilíbrio entre ambos e admite-os em disputa; porém, o critério semântico é o que domina.

O espanhol é um idioma cujo GGr é intrínseco ao tema (como veremos posteriormente na seção 4.1) e se baseia em critérios semânticos e formais. Na visão de Calvo (1979), a diferença desse idioma em relação a outros sistemas linguísticos, nos quais a base semântica estabelece a classificação de gênero, é que, nos outros, a classificação do gênero ocorre por diferentes aspectos, inclusive físicos – como cor, textura, tamanho etc. Já na língua espanhola, o critério semântico é inferido a partir do sexo biológico, e as vogais temáticas dos fonemas finais dos significantes contêm grande (não exclusiva) relevância na designação morfológica e no gênero gramatical da palavra.

Como podemos ver, a distinção entre masculino e feminino, na LE e na LP, corresponde a uma distinção do gênero natural; portanto, não deve ser confundida com o conceito de GGr; isso ocorre, obviamente, porque o primeiro corresponde ao sexo das entidades do mundo real, e, simultaneamente, o segundo, além de uma possível e provável correspondência com o sexo dos seres sexuados, representa um sistema de classificação gramatical dos nomes que pode corresponder ao gênero natural ou ao gramatical, como apresentado anteriormente por Carvalho (2018).

2.2 GÊNERO GRAMATICAL E LINGUAGEM INCLUSIVA: UMA (R)EVOLUÇÃO LINGUÍSTICA?

Um dos objetivos deste trabalho é compreender os questionamentos sobre a LE acerca da relação existente entre o sexo biológico e o gênero gramatical e tentar respondê-los de forma mais clara possível. No sistema linguístico da LE, não é uniforme a relação da

atribuição de critérios semânticos e formais; além disso, há assimetria relativa ao valor funcional do GGr masculino e feminino, ou seja, a quantidade de palavras femininas é diferente da quantidade de palavras masculinas.

Segundo Perissinotto (1982), a partir dos anos 1970, concomitantemente aos movimentos feministas, surgiram teorias de não neutralidade linguística, as quais consideravam a língua sexista. Essas teorias se basearam no fato de o gênero gramatical masculino exercer a função de gênero não marcado, regendo a concordância, por exemplo. Isso significaria que a língua, ao aceitar a forma masculina não marcada como uma forma genérica, era apontada como uma consequência do predomínio histórico do homem sobre a mulher. Dessa forma, a língua espanhola, até hoje, é vista por muitos linguistas e não-linguistas como uma língua sexista, isto é, machista.

Em vista disso, é inegável que não há uma relação de gênero com traços [-anim] e [+anim]; todavia, em relação ao traço [-anim], segundo Villalva (2003), Hualde, Olarrea e Escobar (2002), o valor de GGr não tem um conteúdo referencial definido – estes são classificados arbitrariamente como masculinos ou femininos, inclusive os terminados em /o/ ou /a/, como **la mesa/ el poema; la mano/el vaso, la cama/el día, el planeta/la sirena**. Os substantivos terminados em /e/ átono também aceitam ambos os gêneros, como **la leche, el coche, la fuente**. Há também palavras terminadas em consoante, como **el árbol, la moral, la pared/ el reloj**. Consoante Pinto (2017), ao tratar-se de nomes com traço [+anim], o masculino morfológico normalmente se associa a uma entidade de sexo masculino; e o feminino, a uma entidade do sexo feminino.

Corbett (1991) afirma que, para estabelecer a existência e a quantidade de gêneros de uma determinada língua, é necessário que existam evidências de concordância em função do substantivo em questão. Ele ainda assegura que o GGr sempre contém um núcleo semântico; portanto, não há sistemas de gênero que sejam categorias exclusivamente formais.

Sabendo que o GGr – em diferentes idiomas – apresenta um núcleo semântico e que, na LE, ele é binário e a relação de gênero gramatical é, normalmente, associada a sexo biológico, as discussões acerca do sexismo linguístico no espanhol têm a ver, provavelmente, com duas motivações:

- (i) o falante consegue associar os substantivos ao gênero feminino ou ao masculino intuitivamente, pois não apenas se trata de uma língua que carrega um núcleo

semântico, mas também se caracteriza por apresentar o GGr em sua forma desinencial;

- (ii) a relação que se faz do GGr binário associa-se, em muitos casos, ao gênero natural, o que os falantes intuitivamente acreditam que eles são diretamente relacionados em todos os contextos.

De acordo com Scott (1989), o sexo é biológico; a marcação do gênero, entretanto, depende de uma construção social. Para o autor, se a gramática apresenta uma definição de GGr e a língua é um representante cultural, o termo gênero faz parte de reivindicações de feministas, que buscam novas teorias (e mais adequadas) para explicar sua realidade. Assim, a LI de gênero, abordada em estudos dessa linha, **defende a inclusão do feminino nos enunciados da linguagem**. Oliveira, Duque e Weyl (2012), também teóricos da LI, negam o uso do masculino como comum de dois gêneros e refletem sobre o uso de uma flexão adequada para palavras pertencentes ao masculino e ao feminino, com o objetivo de acabar com o machismo estabelecido na linguagem.

Em contraponto, é importante estabelecer que a Real Academia Española (RAE) não ignora o fato de a língua ser mutável; contudo, ela enxerga a categoria gênero gramatical como Corbett (1991). Para a RAE (2010, p. 23, tradução nossa), gênero é “uma propriedade gramatical de substantivos e de alguns nomes que afetam a concordância com determinantes, com os quantificadores e com adjetivos ou com participios”¹⁰. Inclusive, de acordo com Giraldo (1997), o gênero é um sistema que classifica os nomes em grupos ou classes, as quais podem ou não incluir a classe sexo biológico. Além disso, para o autor, a concordância é o que torna tal classificação possível.

Quando se faz alusão ao gênero, o nome é aquele que carrega a informação gramatical, mas, quando age dentro de uma sentença, ele deve concordar com as outras categorias gramaticais, como o adjetivo ou o pronome que o acompanha. GGr é, pois, uma categoria tipicamente associada aos nomes. É importante ressaltar que, embora nosso trabalho não trate dos adjetivos e dos determinantes, os primeiros também são marcados por gênero, mas de forma distinta dos substantivos, já que herdam o gênero por concordância, como ocorre com os segundos.

Com o conhecimento ou com o desconhecimento de que a regra de concordância mencionada acima está diretamente associada ao princípio de economia linguística, nas

¹⁰ “el género es una propiedad gramatical de los sustantivos y de algunos nombres que incide en la concordancia con los determinantes, los cuantificadores y los adjetivos o los participios”.

últimas décadas, têm surgido numerosos artigos – linguísticos e não linguísticos – denunciando o fenômeno do sexismo linguístico e destacando a necessidade de aumentar a participação feminina no uso da língua como forma de representatividade não-machista. Com esse fim, não apenas algumas instituições, mas também inúmeros falantes, têm prosseguido com iniciativas contra a denominada discriminação linguística. Miranda (2018) nos apresenta diversas situações em que o uso do feminino no corpus linguístico está ocorrendo. A principal iniciativa na luta contra o chamado androcentrismo linguístico surgiu na América Latina com o próprio governo, o qual foi nomeado de **desdobramento**, em que o uso do genérico masculino foi substituído pela duplicação do gênero para referir-se à população em geral; por exemplo, na República Bolivariana da Venezuela, na Constituição, temos a expressão **venezolanos y venezolanas**; na República Oriental do Uruguai, o órgão municipal conhecido como **Defensoría del Vecino** teve seu nome substituído por **Defensoría de las Vecinas y Vecinos**. Também na República Argentina, durante o mandato presidencial de Cristina Kirchner, as estruturas linguísticas foram reiteradamente forçadas em discursos dirigidos a **todos y todas** ou em apresentações da presidenta como **la presidenta de todos los argentinos y todas las argentinas**. Já na Espanha, a vice-presidenta Carmen Calvo declarou que o país tem uma constituição masculina.

Em função disso, a RAE se pronunciou oficialmente no seu site reprovando determinado uso e, com isso, explicou os motivos pelos quais não se deva usar a marcação dos dois gêneros feminino e masculino para designar indivíduos da mesma espécie

Em substantivos que designam seres animados, o masculino gramatical é usado não apenas para se referir a indivíduos do sexo masculino, mas também para designar a classe, ou seja, todos os indivíduos da espécie, sem distinção de sexos. [...] conseqüentemente, nomes masculinos, quando usados no plural, podem incluir ambos os sexos em sua designação. [...] Apesar disso, nos últimos tempos, por razões políticas, e não linguísticas, o costume de tornar esse uso comum, a alusão de respeito a ambos os sexos está se espalhando. [...] Esquece-se que, na linguagem, se prevê a possibilidade de se referir a coletivos mistos através do gênero gramatical masculino, possibilidade em que não se visse intenção discriminatória, mas a aplicação da lei linguística da economia expressiva; assim, no exemplo citado, ele poderia – e deveria – ter dito, simplesmente, para ajudar seus companheiros. Somente quando a oposição dos sexos é um fator relevante no contexto é necessária a presença explícita de ambos os sexos. (RAE, 2005, tradução nossa)¹¹

¹¹ “En los sustantivos que designan seres animados, el masculino gramatical no solo se emplea para referirse a los individuos de sexo masculino, sino también para designar la clase, esto es, a todos los individuos de la especie, sin distinción de sexos. [...] Consecuentemente, los nombres apelativos masculinos, cuando se emplean en plural, pueden incluir en su designación a seres de uno y otro sexo. [...] A pesar de ello, en los últimos tiempos, por razones de corrección política, que no de corrección lingüística, se está extendiendo la costumbre de hacer explícita en estos casos la alusión a ambos sexos”.

Entendemos que a necessidade de usar as formas do feminino e do masculino no discurso ocorre em função do desconhecimento da língua como objeto não só mutável, mas científico, já que ela apresenta um sistema abstrato de regularidades (fonológicas, morfológicas, sintáticas), com o funcionamento discursivo e intuitivo desse sistema. Embora o falante acredite que esteja agindo de forma politicamente correta e tenha como objetivo tentar diminuir a desigualdade social existente entre homens e mulheres, ele se equivoca ao confundir gênero gramatical com sexo biológico. Logo, não se torna plausível que existam indícios de discriminação contra a mulher no enunciado [**Bom dia a todos!**]. É como se o sentido do vocábulo **todos** estivesse preso ao único referente: ser humano do sexo masculino.

2.2.1 A marcação desinencial não sexista

Quando pensamos nos motivos que a LE é considerada sexista¹², é importante que ressaltemos a diferença, antes de tudo, do contraste entre o gênero natural e o gramatical. Spitzová (2001) afirma que o primeiro se une à realidade extralinguística, e o segundo não. Em relação ao gênero natural, podemos destacar os substantivos que expressam seres animados e sexuados. Como exemplo, temos os substantivos **niño** (menino) e **niña** (menina)/ **hombre** (homem) e **mujer** (mulher), em que os quatro substantivos se referem a seres animados e sexuados. Em contraste, GGr é uma categoria formal que não tem relação direta entre o significado do substantivo e o sexo biológico. Isso significa que o GGr é arbitrário. Pelo que vimos, o gênero natural e o gramatical não precisam coincidir, embora, caiba salientar que, em seres sexuados, na língua espanhola, quando temos um vocábulo terminado pela vogal /a/ e esse está em contraste com um vocábulo terminado pela vogal /o/, normalmente, temos uma oposição de gênero natural marcado gramaticalmente, assim como a terminação /o/ também possa atribuir valor genérico a determinados substantivos. Esse tipo de questionamento está fortemente presente na LE, na medida em que os defensores das LI não consideram a terminação /o/ como uma terminação não marcada, por exemplo. Em função disso, coletivos feministas, ONGs e referentes sociais impulsionaram a utilização do símbolo @ e da letra **x**, na escrita, como substitutos dos marcadores de gênero sugeridos pela corrente reformista da língua espanhola.

¹² Há estudos como **Masculino genérico e sexismo gramatical** de Mäder (2015), **ELE: género gramatical y sexismo lingüístico** de Nieto (1999) e **El sexismo lingüístico e implicaciones reformistas para la lengua: una perspectiva crítica del español y un estudio colateral del ga**, de Lomotey (2015) que apresentam a visão sobre o sexismo lingüístico presente na língua espanhola, assunto tratado nessa dissertação de mestrado.

Na visão de Colling (2015), o conceito de gênero foi criado para dar conta das relações de poder entre homens e mulheres, e hoje esse binarismo (homem versus mulher, masculino versus feminino) é extrapolado, já que se trata também das sexualidades que não se enquadram na forma como a sociedade e a cultura nomearam os sexos, como, por exemplo, gays, lésbicas e transgêneros. A historiadora defende o uso de caracteres, @ ou x, para conferir às palavras um gênero não marcado, visto que sua justificativa se dá pelo fato de que as pessoas trans, por exemplo, não binárias, não aceitam a estrutura rígida, dos dois gêneros, da linguagem demarcada: “formas como **todos** e **eles** se referem apenas aos homens.”

Em resposta ao artigo da historiadora, Schwindt e Collischonn (2015) justificam o porquê de não utilizar esses símbolos para “higienizar” a língua. Inicialmente, eles pontuam o fato de a autora criticar o uso de **todos** e **eles**, pois ela não reconhece nessas duas palavras que o gênero masculino simplesmente coincide com o não marcado, isto é, o gênero que inclui tanto o masculino quanto o feminino. Os autores chamam atenção também que o termo **gênero** vem do latim *genus* e significava originalmente tipo, espécie. Além disso, é desconhecimento de Colling (2015) que a terminologia gênero é polissêmica e no âmbito da linguística nem sempre ele está associado a sexo. Como já vimos, há línguas com 35 gêneros, e há outras línguas com nenhum gênero.

Schwindt e Collischonn (2015) apresentam que o português, e, neste contexto incluímos o espanhol, tem gênero relacionado à categoria semântica sexo biológico, e muitos autores o nomeiam de gênero semântico, por exemplo. No entanto, essa concepção está menos difundida do que se imagina, tendo em vista que, embora todas as palavras da língua portuguesa apresentem gênero gramatical, somente 13% dos substantivos se relacionam a sexo; nos outros 87%, o gênero não passa de uma categoria formal que determina a concordância.

Esses símbolos, obviamente, apenas obtiveram visualização nas redes sociais. Com relação a isso, inclusive, Possenti (2006, p. 33) declara que “escrever ‘no computador’, especialmente se on-line, é certamente um fator que induz a inovações, seja pela velocidade que se deseja imprimir à escrita, seja por eventuais limitações do teclado”. O autor acredita que essas inovações abrangem, de certo modo, a língua; contudo, não abarca o comportamento linguístico como objeto científico, pois, mesmo que as línguas sejam mutáveis, sabemos que as transformações não ocorrem caótica e imediatamente; ao contrário, são paulatinamente ordenadas.

Esse tipo de linguagem, também conhecido como internetês, admite uma certa hibridização linguística: quando, em interação, nas redes sociais, por exemplo, ocorre um entrecruzamento da escrita e da oralidade na linguagem; e quando há também a inserção de emojis (desenhos que expressam sentimentos e ações). Conquanto exista comunicação, para Ávila e Cox (2008), esse tipo de discurso linguístico não se ajusta ao âmbito nem da escrita, nem da oralidade, visto que tanto o **x** quanto o **@** são impronunciáveis e impossíveis de serem lidos. Já Marcuschi (2005) defende que essa forma de linguagem caracteriza uma modalidade singular. Na visão do autor, o internetês transgride constantemente os limites entre a linguagem oral e a escrita, assumindo sua própria identidade no território da comunicação on-line. Para Schwindt e Collischonn (2015), se o uso de símbolos fosse a solução para o problema levantado como linguagem sexista, não seria uma boa solução, já que somente é possível aplicá-la na língua escrita, já que na fala esses **x** e **@** são impronunciáveis.

Considerando que língua e sociedade se retroalimentam na percepção, classificação e construção da realidade, toda tentativa exitosa de mudança estrutural no sistema linguístico depende principalmente do equilíbrio entre a problemática linguística e a reelaboração da identidade de gênero na sociedade atual; contudo, por mais que alguns usuários tenham tentado utilizar esses símbolos, tais iniciativas não prosperaram, dado que ambas as formas se tornaram, em pouco tempo, obsoletas pela sua ausência de oralidade.

Nesse contexto, esses mesmos grupos, que anteriormente impulsionaram construções como *todos e todas*, *tod@s*, *todxs*, estão recomeçando a utilizar a vogal /e/ como vogal temática neutra com o intuito de standardizar um gênero neutro na língua espanhola. Segundo Schwindt e Collischonn (2015), é inviável comprometer esse pensamento ideológico em relação ao gênero para a terminação /e/, visto que, para os linguistas, há pesquisas acerca do gênero de substantivos do português que apresentaram perfeito equilíbrio entre palavras femininas (*a ponte*) e masculinas (*o pote*); portanto, torna-se irrealizável tratar essa declinação como neutra.

Abaixo, temos um exemplo em relação ao uso da letra /e/ com o historiador argentino Guillermo O'Donnell ao referir-se a ambos sexos do povo brasileiro como **los brasileiros**.

Quadro 1 - Fragmento de Trabalho Científico do Historiador G. O'Donnell

Una es la extraordinária (y aquí no acepto que me digan que es máscara o efectividad superficial***) de los brasileiros (com la "e" quiero indicar ambos sexos, para que nadie se ofenda) com los niños (crianças): para que viene de um paísque por momentos pareció enamorado de la muerte.

Fonte: Perfil “El Mono de Sofista”, Twitter (2018)¹³.

A ideia de linguagem não sexista perpassou a ideologia oral e virtual chegando ao âmbito tanto universitário quanto governamental. Isso ocorreu não somente no espanhol (peninsular e latino americano), mas também no português brasileiro.

O Estado do Rio Grande do Sul, em 2014, publicou o chamado **Manual para o uso não sexista da linguagem**, que foi elaborado a partir do manual da **Red de Educación Popular Entre Mujeres de Latinoamérica y Caribe** (Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina e do Caribe). Na sua apresentação, encontra-se a justificativa da sua imprescindibilidade, a qual procura construir um Estado menos desigual nas relações de poder entre homens e mulheres.

É tarefa dos governos verdadeiramente democráticos e republicanos combater as desigualdades sociais e econômicas, onde quer que elas se apresentem. [...] Insere-se neste contexto a crescente reivindicação pelo fim do tratamento discriminatório às mulheres, cuja presença em todos os campos da atividade vem se acentuando. [...] Conscientes deste cenário, instituímos a Secretaria Estadual de Políticas para Mulheres, orientada para o debate e a implementação de políticas públicas afirmativas, visando à promoção dos direitos da mulher. [...] Ficou mais evidente, nessa experiência, a necessidade de enfrentar, ao mesmo tempo, um obstáculo importante: os comportamentos, atitudes, linguagem e expressões discriminatórias que, infelizmente, ainda são aceitas com naturalidade por parte expressiva da nossa sociedade. Eles estão nas raízes do imaginário popular e, portanto, presentes também nas administrações públicas. Este Manual determina e orienta a “revisão” da linguagem internalizada na administração do Estado do Rio Grande do Sul. Com ele, estamos oferecendo condições para a compreensão das discriminações de gênero e, a partir daí, concretamente fazermos a transição para um outro modelo de tratamento linguístico, com maior visibilidade das mulheres e onde o uso do masculino não continue a legitimar a ideia já superada de superioridade de sexo. Queremos que este Manual se torne mais uma ferramenta poderosa para que o Estado seja também invadido pela construção da igualdade entre homens e mulheres. (RIO GRANDE DO SUL, 2014, p. 9)

Para Schwindt e Collischonn (2015), uma noção importante de compreensão de qualquer sistema linguístico é entender como funciona o seu **sistema de marcação**. Num sistema de dois gêneros, como o do português e o do espanhol, um dos gêneros é o não marcado. Os sistemas linguísticos de oposições trabalham de tal maneira que sempre um membro da oposição é o mais básico, isto é, é o mais frequente e quase automático ao citar uma palavra. Ele é usado, por isso, como o termo genérico, que engloba os dois gêneros. “**Todos**” inclui homens e mulheres; “**todas**” só inclui as mulheres.

¹³ Disponível em: <https://twitter.com/odonnellmaria/status/1006711458422513670?lang=es>. Acesso em: 12 jan. 2018.

A não marcação não representa sexismo linguístico, pois há línguas em que a forma não marcada, ou seja, genérica, é a feminina, embora sejam culturas extremamente machistas. Por exemplo, Quesada (2012) considera muito difícil harmonizar a afirmação de que uma sociedade como a Zayse, da Etiópia, é mais exigente em relação aos direitos das mulheres, porque, nessa língua, o gênero feminino é mais produtivo; porém, nessa sociedade, ainda é praticada a circuncisão feminina.

A visão da língua como ciência está muito distante das justificativas do manual; nele é apresentado que o papel do estado é impor uma forma correta e não preconceituosa de uso linguístico. Além disso, no **Manual para o uso não sexista da linguagem**, do Rio Grande do Sul, fica evidente que a sua fonte bibliográfica não se baseia em nenhuma pesquisa, autor ou qualquer informação relacionada ao âmbito linguístico, visto que não compreende que a língua não é algo estanque e imutável, pelo contrário, ela está em constante transformação. Isso ocorre de maneira natural, nunca imposta, como podemos ver na sua apresentação abaixo:

Se a Língua Portuguesa apresenta os gêneros masculino e feminino, porque não os usamos quando falamos, escrevemos ou lemos? Por sua origem, não se caracteriza como uma ferramenta de comunicação sexista, mas sim a forma como a utilizamos faz com que haja discriminação entre mulheres e homens. Da mesma forma que contribui para a discriminação de gênero, a linguagem pode ser utilizada para reforçar estereótipos impostos culturalmente. A linguagem sexista, utilizada de forma irrestrita, impõe-nos que o masculino (homem) é empregado como norma, ficando o feminino (mulheres) incluído como referência ao discurso masculinizado. [...] A equidade de gênero na linguagem só será garantida a partir do momento em que se repensar a forma como o tema é tratado nos ambientes educacionais, hoje disseminadores da dominação masculina nos discursos, principalmente quando não identificado o sexo da pessoa a quem se refere. Utilizando o feminino e o masculino para tratarmos de grupos mistos estaremos ampliando a visibilidade das mulheres em todas as esferas sociais, publicizando a participação feminina que sempre existiu na construção histórica do estado e do país, mas nem sempre destacada. Com discursos e documentos oficiais do Governo que incluam expressões no feminino, garantiremos a maior visibilidade das mulheres e caminharemos rumo à mudança cultural e social tão necessária em nosso Estado. (RIO GRANDE DO SUL, 2014, p. 13)

A Universidade Autônoma de Barcelona, em 2011, lançou um **Guía para el uso no sexista del lenguaje en la Universitat Autònoma de Barcelona**, no qual explica como evitar o masculino e o uso da língua espanhola de maneira machista. Como podemos perceber, no índice, há desde justificativas até um tutorial de como fazer uso dessa linguagem:

Quadro 2 - Guía para el uso no sexista del lenguaje em la Universitat Autònoma de Barcelona

Índice

I.	Introducción.....	5
II.	Recursos para el uso no sexista del lenguaje	9
	1. Uso de la forma femenina	9
	Documentos	11
	2. Formas genéricas y otras expresiones	11
	Documentos	16
	3. Expresiones neutras o despersonalizadas	17
	Documentos	18
	4. Formas dobles	18
	Coordinación y concordancia em el uso de las formas dobles	21
	Documentos	23
	5. Cambio de pronombres	23
	6. Cambios mínimos de redacción	25
III.	Estereotipos	29
	1. Uso asimétrico de los apellidos y de los tratamientos, Y otras asimetrías	29
	2. Adjetivos y nombres com diferente valor semántico si se refieren a hombres o a mujeres	32
	3. Presuposiciones	33
IV.	Consideraciones Finales	35
V.	Referencias Bibliográficas	37
VI.	Anexo	41

Fonte: Universitat Autònoma de Barcelona (2011)

Com a proliferação de artigos sobre gênero, manuais de estilo e uso da linguagem inclusiva, a conjuntura sociolinguística e os múltiplos pronunciamentos da RAE sobre o assunto, os impulsores do espanhol inclusivo mostram-se entusiasmados com a proposta de

tornar a vogal /e/ como indicador de gênero neutro, uma vez que essa letra conseguiria superar as dificuldades do princípio de economia linguística do desdobramento genérico e a inviabilidade fonológica do uso de @ e x. **O Pequeño manifiesto sobre el género neutro en castellano** (GÓMEZ, 2016), por exemplo, enumera e sugere os possíveis usos do gênero neutro desde uma perspectiva feminista:

1. **O plural genérico:** utilizado em lugar do gênero gramatical masculino para referir-se a grupos de indivíduos de diversos gêneros (**les ciudadanes**);
2. **O singular genérico:** segundo a autora, utilizado para identificar aquelas pessoas que não se identificam com nenhum dos gêneros biológicos incluídos no sistema binário de gênero (**Ariel es linde**);
3. **O indefinido:** destinado à designação de pessoas cujo gênero não é conhecido pelo falante (**le nueve empleade**). Sem necessidade de esclarecer a consequente demanda de pronomes caros à concordância gramatical, segue a tabela de pronomes neutros propostos pela autora do manifesto:

Quadro 3 - Pronomes Neutros

	Singular	Plural
Personales	Elle/ Ele	Elles/ Eles
Demostrativos	Este, esse, aquel	Estes, esses, aquellos
Posesivos	Míe, tuye, suye, nuestro, vuestre	Míes, tuyes, suyes, nuestros, vuestres
Numerales	Primere, segunde, tercere, etc.	Primeres, segundes, terceres, etc.
Indefinidos	Misme, une, otre, ningune, etc.	Mismes, unes, otros, ningunes, etc.
Interrogativos	Quién	Quién, cuántes
Exclamativos	Quién	Quién, cuántes
Relativos	Quien, le cual, cuye	Quienes, les cuales, cuyes

Fonte: Gómez (2016, p. 5).

Essas motivações ideológicas incentivaram Bosque (2012) a publicar um artigo sobre **Sexismo linguístico e a visibilidade das mulheres**. Nesse artigo, que se resume em um guia, o autor justifica a publicação de seu material baseando-se no fato de que, nos últimos anos, inúmeros guias linguísticos sobre linguagem inclusiva em relação ao gênero foram publicados

por universidades, comunidades e até prefeituras na Espanha. O problema foi que, na visão do autor, grande parte deles foi escrita sem a abordagem da linguística formal. Por causa disso, a análise baseou-se apenas em aspetos pragmáticos e discursivos, visto que se ignoraram aspectos do léxico, da morfologia ou da sintaxe inerentes à língua.

Esse assunto levou a uma linha de estudos intitulada **Linguagem inclusiva e gênero**. A esse propósito, em junho de 2018, o Secretariado Geral do Conselho da União Europeia lançou um guia de **comunicação inclusiva** em LP, de forma que a comunicação incluía todas as pessoas e evite estereótipos. O documento, que conta com versões em todas as línguas oficiais da União Europeia, destaca a questão do gênero como central. Segundo Bosque (2012), os defensores dessa ideia acreditam que as decisões sobre a língua espanhola ser ou não sexista devem ser tomadas sem a intervenção dos profissionais da língua, baseando-se na premissa de que a decisão sobre se existe ou não machismo na língua espanhola cabe somente às mulheres ou aos cidadãos que se opõem à discriminação. O autor, inclusive, em seu texto, admite que há discriminação contra as mulheres em diversas situações sociais, além de números alarmantes de violência doméstica e assédio sexual, assim como a desigualdade entre gêneros atinge o âmbito profissional. Ele afirma ainda que é necessário ampliar a igualdade social de homens e mulheres e tornar mais visível a presença das mulheres na sociedade. No entanto, ele vê a necessidade de que as pessoas compreendam que a língua não é a responsável pela desigualdade entre homens e mulheres e que o masculino genérico não é reflexo de uma sociedade machista, mas o funcionamento da língua é algo inato de todos nós, falantes.

Tais abordagens retratam claramente a confusão existente entre sexo biológico e GGr, e, como apresentado anteriormente, a palavra gênero pode ter diferentes definições. Assim, por mais que a língua e a sociedade se (inter)relacionem, é necessário distinguir gênero gramatical linguístico de sexo biológico ou de gênero social. Ademais, essas abordagens refutam estudos, inclusive sociolinguísticos, que admitem que, por mais que a língua seja um objeto social e mutável, ela se constitui de um sistema interno regulado por muitas regras que operam abaixo do nível da consciência – o que se costuma entender por gramática, no sentido de conhecimento linguístico.

3 DESCRIÇÃO DO GÊNERO GRAMATICAL

Como vimos, a língua espanhola está passando por um momento social e linguístico bastante crítico e questionável em relação às marcações de GGr e o seu reflexo social. Assim como ocorre no PB, de acordo com Schwindt (2019), os falantes acreditam que palavras femininas terminam em /a/ e masculinas terminam em /o/. Por esse motivo, questionam a capacidade de generalizar a forma não marcada /o/, rotulando, assim, a língua como machista.

Antes de descrever a marcação de GGr no espanhol, pretendemos discutir a razão dessa motivação para tal conceito, seguindo com a análise de marcação de gênero em LE, justificando-a pelo fato de que essa categoria é menos imprevisível na língua do que imaginamos.

3.1 A HIPÓTESE DA PREDIZIBILIDADE DO GÊNERO GRAMATICAL

Ao pontuar o fato da marcação de GGr, Schwindt (2019) refere que nós, usuários da linguagem, temos um conhecimento próprio biológico e internalizado, o qual integramos e categorizamos, desde a primeira infância, de modo sistemático — categorias que se constroem a partir das estruturas, incluindo as palavras, a que somos expostos. Nas línguas românicas, na visão de Dewaele e Véronique (2001), o GGr é um recurso idiossincrático dos nomes que tem de ser adquirido individualmente para cada entrada lexical armazenada no léxico mental. Nada em linguagem é caótico, quer dizer, a forma como expressamos determinadas palavras se dá no que tange à forma como seguimos a nossa intuição, que está pré-disposta ao *input* linguístico ao qual somos expostos em todas as fases de aquisição da linguagem.

A atribuição de um substantivo a um GGr, em diferentes línguas do mundo, para Quesada (2012), apresenta-se de duas formas: semântica e formal. A primeira é autoexplicativa; a segunda se subdivide em dois aspectos: morfológico e fonológico. De acordo com Pinto (2017), no primeiro caso, a marcação do gênero está diretamente relacionada com o conteúdo referencial do nome e, no segundo, confere-se o gênero de acordo com a informação morfofonológica fornecida pelo nome.

Corbett (1991) defende que existem sistemas puramente semânticos e sistemas formais (que não deixam de ser semânticos), posto que, como vimos no capítulo anterior, não há nenhum sistema linguístico exclusivamente formal. Além disso, o autor nos apresenta diversos idiomas com diferentes sistemas de marcação de GGr, tanto em classificação quanto

em quantidade. A classificação do gênero convoca, pois, diferentes níveis – linguístico e extralinguístico – que a tornam complexa. A propósito dessa complexidade, Vilela (1973) declara que não é tarefa fácil relacionar integralmente o gênero natural e o GGr, assim como não é possível basear-se na classificação como um critério puramente mórfico, já que os morfemas não são suficientes para indicar gênero, e, nem sempre, gênero natural tem uma correspondente expressão morfêmica.

Há línguas em que a atribuição de gênero por critérios semânticos é categórica, como em tâmil, uma língua (entre tantas outras) dravidiana da Índia. Vimos que, nessa língua, os substantivos animados são femininos e masculinos de acordo com o sexo biológico do referente, e os inanimados são neutros. Embora haja exceções, o sistema é altamente previsível, pois representa um sistema natural de gênero. No entanto, nem todos os sistemas de gênero são desse tipo. De acordo com Quesada (2012), os sistemas formais são caracterizados por regras que determinam a atribuição de gênero; essas regras podem afetar toda a estrutura da palavra (morfológica) ou apenas um som (fonológico). As regras do espanhol, por exemplo, se organizam da seguinte maneira: a maioria das palavras terminadas em /a/ são femininas e as terminadas em /o/ são masculinas. Na visão do autor, os sistemas morfológicos de gênero atribuem-no de acordo com uma parte da forma de substantivos e como parte de um paradigma, visto em russo, em que não é a forma do substantivo, mas o seu agrupamento em classes, que é capaz de determinar o gênero.

Para Corbett (1991), não há diferença substancial entre GGr e VT; os diferentes termos são meramente produtos de diferentes tradições linguísticas. Por exemplo, encontramos sistemas com três GGr, aos quais o gênero é atribuído aos substantivos por regras similares, tanto em kannada (uma língua dravidiana) quanto em godoberi (uma língua nakhdaghestana). Por tradição, diz-se que a primeira tem três gêneros gramaticais, e a segunda apresenta três vogais temáticas de substantivos. Para o autor, o termo gênero designa ambos os casos.

Schwindt (2018) questiona essa relação entre GGr e VT que Corbett (1991) apresenta: se gênero e VT são duas categorias distintas, ou trata-se duas unidades da mesma natureza. Para esclarecer essa dúvida, ele compara o posicionamento assumido por quatro linguistas: Câmara Jr. (1970), Alcântara (2010), Schwindt (2011) e Armelin (2014). No ponto de vista do primeiro, GGr e VT se distinguem maximamente como categorias morfológicas, embora nasçam combinadas à mesma substância fônica. De acordo com Alcântara (2010), os dois termos se diferenciam relativamente na morfologia, porque o GGr está subordinado à VT.

Para o terceiro, a diferença em questão se dá morfológicamente e têm sua realização limitada pela interação entre uma hierarquia baseada em restrições de marcação fonológica e fidelidade morfológica, visto que os morfemas nascem abstratos e estão sujeitos à exponenciação, ou seja, são realizados fonologicamente e nesse percurso operam tais restrições. Na visão do último, GGr e VT, assim como para Corbett (1991), não se distinguem, posto que VT não existe enquanto categoria gramatical. O que se percebe, para o autor, é que a disputa entre os dois termos é produto da exponenciação de um único núcleo funcional: o gênero gramatical.

Quesada (2012) determina que VT e GGr são arbitrários: a palavra **casa** é neutra em alemão, feminina em espanhol e masculina em russo. Já a palavra **muchacha**, que, em espanhol, é feminina, em alemão é traduzida por **mädchen** e é uma palavra neutra; contudo, ainda no alemão, a palavra **weib**, que significa **mulher**, é gramaticalmente neutra; embora muitas vezes a atribuição de gênero seja natural em alguns idiomas, ela é determinada pela morfologia, como foi o caso da evolução do sistema tripartido latino para um bipartido nas línguas românicas, como em espanhol e em português.

3.1.1 A visão de Corbett (1991) sobre gênero gramatical e vogal temática

O funcionamento do sistema gramatical de gênero mostra grandes diferenças entre as inúmeras línguas do mundo. Corbett (1991), em sua obra sobre o gênero gramatical, feita com dados de cerca de duzentas línguas, distingue-as entre sistemas de atribuição formal de gênero e sistemas de marcação semântica. Nesse sentido, embora afirme que a concordância é o critério básico para identificar a existência e a quantidade de gêneros em um idioma, o autor também considera que essa categoria gramatical sempre dispõe de um núcleo semântico.

Em uma seção específica dedicada à relação entre significado e forma no gênero, ele afirma o seguinte:

[...] os substantivos são atribuídos ao gênero de acordo com critérios semânticos e formais. Em uma extremidade do intervalo, encontramos linguagens como tâmil, em que o significado de um substantivo é suficiente para atribuí-lo a um gênero. No outro extremo, estão linguagens como qafar, nas quais a forma do substantivo seria suficiente para determinar seu gênero em quase todos os casos. Mas há um desequilíbrio aqui, pois mesmo nos sistemas mais próximos do fim formal do espectro há uma considerável sobreposição com critérios semânticos e, quando os dois estão em conflito, é tipicamente o critério semântico que domina. Portanto, os sistemas formais de atribuição são, na verdade, sistemas semânticos mais formais. A mesma tensão entre forma e significado é encontrada quando substantivos são

emprestados de outra língua e devem ser atribuídos a um gênero. (CORBETT, 1991, p. 307-308, tradução nossa)¹⁴

No grupo de sistemas de atribuição de gênero semântico, o autor diferencia, por um lado, **os sistemas semânticos estritos**, aqueles em que o significado do nome determina seu GGr, como acontece com o inglês, idioma em que essa categoria só se reflete em pronomes pessoais, possessivos e reflexivos, e, por outro lado, **os sistemas predominantemente semânticos**, em línguas nas quais existe o que é chamado **resíduo semântico**, que inclui nomes cujo gênero não concorda unicamente por critérios semânticos. Entre os sistemas de marcação de gênero formais, Corbett (1991) distingue os **morfológicos**, nos quais a existência de um dado sufixo pode determinar o gênero gramatical do nome, como no russo, e os **fonológicos**, em que o GGr pode ser atribuído de duas maneiras: com um fonema terminal, como na LE, ou com a posição do acento prosódico da palavra, como na língua afro-asiática qafar.

Ao analisar a categoria do gênero gramatical, é importante perceber que, embora existam dois nomes distintos (VT e GGr), na visão de Corbett (1991), é possível afirmar que apenas há uma diferença terminológica com o mesmo significado. Por exemplo, considera-se que as línguas indo-europeias têm GGr, e as línguas caucasianas VT; porém, segundo Corbett (1991, p. 146), “[...] de pouco adianta tentar manter uma distinção estrita entre ‘gênero’ e ‘vogal temática’, já que sistemas similares são descritos como gêneros numa família linguística e como classes nominais noutra”¹⁵.

Corbett (1991) apresenta a diferença de nomenclatura entre o GGr e a VT do tâmil (família dravídica) e do karata (família caucasiana). O tâmil tem três GGr, já o karata, três VT. O que cabe ressaltar é que ambos têm três marcadores (GGr e VT) que funcionam da mesma maneira: os nomes são distribuídos de acordo com os mesmos critérios semânticos, sendo possível defini-los pelo mesmo parâmetro: a concordância sintática. Portanto, se não existe diferença entre VT e GGr, podemos considerar o gênero gramatical uma vogal temática, porque, em línguas como o português e o espanhol, costuma-se dizer que o /a/ de

¹⁴ “nouns are assigned to gender according to semantic and formal criteria. At one end of the range we find languages like Tamil, in which the meaning of a noun is sufficient to assign it to a gender. At the other extreme are languages like Qafar, in which the form of the noun would be sufficient to determine its gender in almost all cases. But there is an imbalance here, in that even in the systems nearest to the formal end of the spectrum there is a considerable overlap with semantic criteria and, when the two are in conflict, it is typically the semantic criterion which dominates. Hence formal assignment systems are really semantic plus formal systems. The same tension between form and meaning is found when nouns are borrowed from another language and must be assigned to a gender”.

¹⁵ “[...] There is little point in trying to maintain a strict distinction between ‘gender’ and ‘noun class’ since similar systems are described as genders in one language family and as noun classes in another”.

criança ou de atleta são vogais temáticas, ao passo que o /a/ de menina é marcador de gênero. Como apresenta Corbett (1991, p. 9-10, tradução nossa):

[...] línguas diferentes podem ter sistemas similares, mas os linguistas que trabalham com elas podem usar rótulos diferentes. Por exemplo, várias línguas do nordeste do Cáucaso têm três gêneros e atribuem nomes a esses gêneros usando os mesmos critérios semânticos, tal qual o tâmil. [...] ao passo que, na linguística dravídica, costuma-se falar de ‘gêneros’: aqueles que trabalham com línguas caucasianas costumam falar de ‘classes nominais’ em vez de ‘gêneros’. O uso de “gênero” ou “vogal temática” é também mais uma questão de tradição do que de substância [...].¹⁶

Segundo Schwindt (2018), os nomes em algumas línguas românicas, como o PB, por exemplo, comportam informação de GGr. Trata-se de informação categórica, quer dizer, qualquer substantivo da língua apresenta, em sua matriz lexical (conjunto de informações mais básicas de um nome), o traço gênero inerente a ele. Esse traço, de acordo com o autor, manifesta-se binariamente: os substantivos são femininos ou masculinos, não existindo o gênero neutro. O mesmo ocorre com o espanhol, os substantivos **persona**, **puente**, **niño** ou **ninã** nascem já designados quanto ao gênero.

A LE, diferentemente, da LP tem substantivos que são considerados ambíguos quanto ao gênero – aceitam tanto o gênero feminino quanto o masculino sem nenhuma alteração de sentido –, os quais se diferenciam dos substantivos comuns de dois. Como podemos ver nos exemplos abaixo:

(7) Substantivos ambíguos:

- a. El azúcar/ la azúcar
- b. El mar/ la mar

(8) Substantivos comuns de dois

- a. El estudiante/ la estudiante
- b. El cantante/ la cantante

Embora existam substantivos ambíguos ou comuns de dois na LE, Schwindt e Wetzels (2016) afirmam que a não neutralidade ou ambiguidade do gênero do ponto de vista do falante

¹⁶ “[...] different languages may have similar systems but linguists working on them may use different labels. For instance, several North-East Caucasian languages have three genders and assign nouns to them using the same semantic factors as does Tamil. [...] while in Dravidian linguistics it is normal to talk of ‘genders’, those working on Caucasian languages usually talk of ‘noun classes’ rather than ‘genders’. The use of ‘gender’ or ‘noun class’ is also more a matter of tradition than of substance [...]”.

são resolvidas no processo de concordância. Dessa forma, mesmo que cantante não tenha marca explícita de gênero, quando se relaciona com os outros elementos de uma determinada sentença, deixará emergir seu gênero inerente. O mesmo ocorre com os substantivos ambíguos, pois, embora aceitem os dois gêneros, sempre terão de concordar apenas com um. Vejamos os seguintes exemplos:

(9) a. La cantante uruguaya es muy simpática.

b. El cantante uruguayo es muy simpático.

(10) a. La mar está limpia.

b. El mar está limpio.

Corbett (1991) reconhece que existem fatores formais para a marcação de GGr que são constituídos ou por regras morfológicas – que têm em conta a estrutura mórfica da palavra e compreendem mecanismos morfológicos tais como a flexão e a derivação – ou por regras fonológicas. Contudo, o autor admite que, mesmo com a existência de ambas as regras em muitas línguas, nem sempre é simples distinguir entre o seu estatuto morfológico ou fonológico. Sendo assim, para Corbett (1991), há uma relação entre o gênero e a declinação a que ele pertence; desse modo, o autor associa os critérios de ordem morfológica ao GGr a que o substantivo pertence. Portanto, os nomes que contêm determinada declinação já carregam um gênero específico, ou seja, há uma correlação entre esses itens morfológicos e o valor de GGr nos nomes. Resumidamente, a partir disso, os falantes nativos têm a habilidade de atribuir GGr aos substantivos da língua, sendo gênero algo mais transparente aos falantes e menos memorizado e gravado idiossincraticamente no léxico.

Para Schwindt (2018), essa habilidade exposta por Corbett (1991) tem a ver com o sistema de marcação que integra a competência linguística dos falantes de LP e, na nossa visão, também constitui a competência linguística dos falantes de LE. No português, de acordo com Câmara Jr. (1970), a ausência do feminino converge para a presença do masculino. A mesma visão, Bermúdez-Otero (2006) apresenta para o espanhol. Em relação a essas duas evidências, Schwindt (2018) destaca duas: o comportamento dos falantes diante de novas palavras ou de estrangeirismos, e o sistema de concordância, principalmente, em uma situação de plural, quando há substantivos femininos e masculinos na mesma sentença. Em

ambas situações, sem qualquer tipo de recomendação, as palavras foram assimiladas no masculino intuitivamente, ou seja, na sua forma não marcada.

Schwindt (2018) também afirma que a competência do falante nativo para determinar o gênero de palavras novas ou desconhecidas tem a ver com a forma e com a produtividade. Em relação a esses dois aspectos, analisa-se a terminação da palavra, já que, normalmente, palavras terminadas em /a/ são femininas e em /o/ são masculinas, o que se relaciona à produtividade linguística.

3.2 PRODUTIVIDADE

De acordo com Katamba (1993), um dos objetivos da Morfologia é analisar a maneira como os falantes de uma língua compreendem e formam **palavras reais** e palavras **em potencial**. É fato que grande parte de **palavras reais** que estão listadas nos dicionários está memorizada no léxico mental. Todavia, também é possível afirmar que um grande número de palavras usadas em diálogos não integra dicionários por serem novas formações surgidas das necessidades discursivas.

Quando redigimos em um computador, por exemplo, temos inúmeras possibilidades de fonte para a nossa escrita; contudo, caso não escolhamos um tipo de letra específico, podemos escrever sem nenhum impedimento usando fonte pré-determinada como padrão. Logo, o processo discursivo não é interrompido ou modificado pela fonte eleita, pois, simplesmente, na ausência de uma, automaticamente, prevalece outra opção. Isso ocorre por oposição.

Um processo similar rege os sistemas linguísticos que trabalham por oposição entre dois ou mais elementos, como singular/plural e masculino/feminino. A natural demanda de um sistema simples e de fácil aprendizado para o falante implica a identificação dos elementos que compõem a oposição, ou seja, as suas marcas. Em consequência, referimo-nos a elementos marcados e não marcados da língua, sendo o elemento marcado aquele que apresenta a totalidade das características do elemento não marcado e mais uma que o diferencia do não marcado.

Basicamente, para Quesada (2012), os sistemas linguísticos de oposições trabalham de tal maneira que sempre um membro da oposição é o mais básico, isto é, é o mais frequente e quase automático ao citar uma palavra. Por exemplo, na marcação de número (oposição entre singular e plural), o primeiro é o mais básico, como demonstrado pelo fato de que, ao pedir uma entidade, o membro singular é sempre enunciado, e não o plural. Isso é conhecido na

linguística como marcação, e o contraste existente entre o membro não marcado e o(s) membro(s) marcado(s) é(são) chamado(s) de oposição. Na marcação de gênero, a terminação em /o/ é a mais básica – quando se fala genericamente de um animal, por exemplo – fala-se que “**el perro es...**”, não se fala “**la perra es...**”.

Na morfologia verbal da LE e da LP, a oposição também ocorre. Segundo Dixon (1999), em espanhol, existem três vogais temáticas verbais (temas em /a/, em /e/ e em /i/), mas toda vez que um verbo é “inventado” ele pertence ao tema em /a/, porque essa VT é a não marcada e, portanto, a mais produtiva. Assim como a atribuição de gênero é determinada pela dinâmica do sistema, o mesmo acontece com o membro básico, não marcado, da oposição ou do conjunto. A marcação de GGr nas línguas ocorre de forma consciente e sociologicamente não determinada pelos falantes, mas determinada por paradigmas já existentes. Os sistemas de gênero variam em relação aos seus membros marcados (ou não) em diferentes idiomas. A LE e a LP têm como membro não marcado o masculino. No entanto, há sistemas de gênero nos quais o feminino é o membro não marcado e, evidentemente, é o produtivo, como em cayuga, por exemplo. Nessa língua canadense, como o feminino é o membro não marcado no singular e no plural, se há um grupo composto por homens e mulheres, o pronome usado para se referir ao todo de maneira genérica sempre será o feminino.

Uma característica dos membros não marcados das oposições é a produtividade, isto é, a capacidade de atrair novos membros para sua VT mais comum e frequente. Assim, quando um novo substantivo desconhecido, ou algum neologismo aparecer, em espanhol, quase sempre será masculino. Quando falamos em padrões morfológicos produtivos, falamos em mecanismos de formação de palavras que se utilizam de recursos morfológicos já existentes na língua. É inviável, pois, por mais que um grupo queira, inventar um recurso morfológico – como a não marcação de gênero em espanhol com a desinência em /e/ – e torná-lo produtivo.

Na visão de Katamba (1993), produtividade dos processos de formação de palavras pode ser analisada de maneira mais simples e objetiva, visto que não se trata de uma dicotomia (de ser ou não produtivo, trata-se antes de intensidade produtiva. Alguns processos são mais perceptíveis do que outros. Além disso, produtividade tem a ver com a dimensão do tempo. Um processo pode ter sido muito produtivo em certo período histórico e menos produtivo em período subsequente. Não há uma regra específica para a formação de palavras,

visto que elas surgem de maneira natural e de acordo com a necessidade de uma comunidade em um determinado contexto discursivo.

A produtividade, segundo Schultink (1961), é vista como a possibilidade dos falantes de uma determinada língua criar intuitivamente novas palavras, baseando-se em vocábulos já conhecidos. Essa definição tem alguns aspectos que merecem ser considerados. Primeiramente, a **não intencionalidade** expressa a ideia de que estamos interessados na capacidade intuitiva de os falantes de uma língua criarem palavras novas. Nesse sentido, exclui-se do domínio do estudo da produtividade formações criativas, ou seja, **fazer uso de formas inexistentes na língua é improdutivo**, como **todes** no lugar de **todos**. A agramaticalidade nunca será produtiva. Ademais, padrões morfológicos produtivos são aqueles cujos produtos não se restringem a palavras já existentes na língua.

Corbin (1987), ao perceber que o termo **produtividade** expressava ambiguidade, subdividiu-o em disponibilidade e rentabilidade. Segundo o autor, os falantes de uma língua apresentam, internalizado, um sistema de regras no qual se baseiam para criar, modificar e interpretar as palavras da sua língua. A disponibilidade – que se refere à existência em si de regras que podem vir a ser utilizadas no processo de criação de novas expressões idiomáticas – e a rentabilidade – é associada à frequência na qual uma regra é utilizada em função dos casos nos quais poderia ser utilizada. Além disso, pode-se entender a rentabilidade de um processo como um fator contingente, resultante da interação entre as restrições inerentes a um processo e suas condições de uso real – como o fato de haver ou não necessidade comunicativa para o uso de uma formação nova; e, finalmente, a regularidade: o tipo de produtividade que Corbin (1987) utiliza para referir-se à previsibilidade da(s) forma(s) resultante da aplicação de uma determinada regra.

A modelagem gramatical morfológica, para Schwindt (2018), segue o modelo de Corbin (1987), é certificada quando não é contradita por dados da produtividade. Essa produtividade se ramifica binariamente em **disponibilidade** e **rentabilidade**. Na primeira perspectiva (de disponibilidade), a correspondência se dá na relação de regras e de representação), enquanto, na segunda (de rentabilidade), a relação se dá no ponto de vista do quanto essas regras e representações são efetivamente empregadas na comunicação.

Para Booij (1977), a maioria dos estudos em morfologia gerativa concentrou-se na investigação das restrições sobre o uso de padrões morfológicos. Essa investigação de natureza qualitativa gerou uma série de propostas de restrições, tanto específicas a

determinados padrões morfológicos quanto gerais, como o bloqueio¹⁷ e a Hipótese da Base Unitária¹⁸ (ARONOFF, 1976). De acordo com Booij (1977), o grau de produtividade de uma regra de formação de palavras pode ser analisado como inversamente proporcional à quantidade de restrições gramaticais sobre as regras de formação de palavras. A expectativa dos morfólogos dentro dessa tradição é de que a definição das restrições gerais e específicas sobre os padrões morfológicos possa descrever completamente as possibilidades de formação de palavras.

Esses padrões morfológicos, para Quadros (2011), se distinguem de maneira qualitativa e quantitativa. Qualitativamente, porque padrões morfológicos podem apresentar diferentes contextos de ocorrência, com diferentes restrições linguísticas ou extralinguísticas; quantitativamente, porque padrões morfológicos com contextos de ocorrência semelhantes podem se diferenciar quanto a sua rentabilidade, gerando mais ou menos palavras novas.

Aronoff (1983) analisa a relação entre produtividade e frequência de uso. Na sua investigação, o linguista constata que a frequência média de ocorrência de vocábulos de processos produtivos é menor que a de processos não produtivos. Isso ocorre porque palavras representantes de processos não produtivos precisam ser lexicalizadas. A lexicalização, conhecidamente, leva à aquisição de significados especializados pelas construções, tornando-as semanticamente mais complexas. Ainda segundo o autor, formas esporádicas, não lexicalizadas, estruturadas por processos produtivos, tendem a ter semântica mais simples. Desse modo, devemos pensar que a complexidade semântica se reflete na frequência de *tokens*, com o resultado de que palavras que exemplificam padrões pouco ou nada produtivos tendem a ser menos frequentes. Isso implica que podemos usar a frequência de *tokens* de um padrão morfológico como indicativo indireto da complexidade semântica das palavras que o exemplificam, portanto da produtividade desse padrão. Sendo assim, criar palavras em função de uma desinência não é produtivo e utilizar a forma marcada e a não marcada com o objetivo de representar todos os gêneros sociais presentes depara com outro bloqueio: a economia linguística.

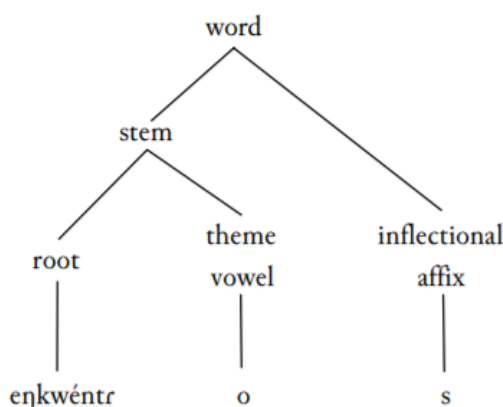
¹⁷ Para Aronoff (1976), o bloqueio ocorre caso o léxico já disponha de uma forma exercendo a mesma função que a oferecida pelo produto da operação da regra. Ou seja, não é possível formar uma palavra quando uma equivalente já existe.

¹⁸ Aronoff (1976) propõe que as regras de formação de palavras não podem operar com especificações de bases distintas, não concebendo, assim, a possibilidade de variação sintática na base de uma regra de formação de palavras específica, a ponto de restrições distintas apontarem para a existência de processos morfológicos diferentes.

4 O SISTEMA DE MARCAÇÃO DE GÊNERO DOS SUBSTANTIVOS DA LÍNGUA ESPANHOLA

Antes de iniciarmos a análise do funcionamento da marcação de gênero gramatical na língua espanhola, é necessário que compreendamos o comportamento dos constituintes dentro de palavras flexionadas. De acordo com Bermúdez-Otero (2012), há três níveis de constituintes: a raiz, o tema¹⁹ e a palavra. A menor unidade morfológica segmentável é a raiz. A raiz combinada com a vogal temática /o/ resulta o tema. Para que compreendamos melhor, vejamos a figura abaixo:

Figura 1 - Organização da palavra por Bermúdez-Otero (2012)



Fonte: Bermúdez-Otero (2012, p. 3).

O **tema** pertence a uma categoria sintática: o nome. Tanto na LP quanto na LE, quando nos referimos a **nome** estamos nos referindo a substantivos e adjetivos; entretanto, nosso trabalho se restringe a analisar somente o gênero nos substantivos, que podem ser flexionados em gênero e número. Em relação ao processo de inserção da vogal temática no léxico, há duas opções: a primeira chama-se **root-driven**, que chamaremos de motivada a partir da raiz; e a segunda, **stem-driven**, que designaremos por motivada a partir do tema.

A inserção da vogal temática motivada a partir da raiz compreende que a raiz é o ponto de partida e o armazenamento lexical é restrito a ela. Já a inserção motivada a partir do tema (ou do léxico) admite que o tema é o possuidor das entradas das vogais temáticas no léxico. Halle e Marantz (1993), Moreno (1997) e Schwindt (2013) e Matzenauer e Bisol (2016) acreditam que o ponto de partida para a análise da inserção da vogal temática é a raiz.

¹⁹ O tema é também designado por Bermúdez-Otero (2012) como radical. Sabendo que o nome não é relevante para a compreensão, adotaremos uma única denominação a fim de simplificar o entendimento desse trabalho: tema.

Em contraponto, Bermúdez-Otero (2012) afirma que o tema tem o gênero masculino inerente e, ao flexionar-se, assume novas formas.

Para Bermúdez-Otero (2012), a raiz não deve ser levada como ponto de partida para análise do gênero gramatical, porque o tema já contém entradas inerentes para as vogais temáticas. Logo, a entrada lexical de **niño-o** já apresenta a vogal temática /o/, mas, se flexionarmos **niño** e obtivermos **niña**, não ocorre mudança na entrada lexical da raiz **niñ-**, mas sim um processo fonológico regular do tema com o objetivo de eliminar a vogal final e substituí-la pela vogal temática /a/. Neste trabalho, assim como Matzenauer e Bisol (2016) e Bermúdez-Otero (2012), defendemos a inserção da VT motivada a partir do tema.

Podemos identificar regras comuns no sistema de atribuição de gênero em português e em espanhol, línguas consideradas muito assemelhadas do ponto de vista da gramática e, em grande medida, de seus inventários lexicais. Por exemplo, para Câmara Jr. (1970), o masculino em /o/ é a forma não marcada (que não possui flexão específica) se opõe ao feminino em /a/ que seria a forma marcada. A flexão de gênero, assim, ocorre apenas de uma forma: com o acréscimo do sufixo flexional /a/ átono com a supressão da vogal temática (quando ela existe no singular), como, por exemplo, **alun(o) + (a) = aluna**.

Segundo Câmara Jr. (1970), são temáticas as palavras terminadas em /o/, /a/ e /e/ átonos e em **L**, **R** e **S**, uma vez que suas formas flexionadas no plural carregam a vogal temática /e/. Por exemplo, o plural de **flor** é **flor+e+s**. A mesma visão é conduzida por Bermúdez-Otero (2006), pois, para o autor, serão temáticos os substantivos terminados em /o/, /a/ e /e/ átonos e em **R**, **L**, **N**, **S**, **Z** e **D**, visto que, o plural de **papel** é **papel+e+s**. Todos os outros substantivos acabados em qualquer outra terminação (incluindo as vogais tônicas /a, /o/ e /e/) serão considerados atemáticos.

Vimos, no Capítulo 3, que para Corbett (1991) não há distinção entre VT e GGr. Tanto no português – para Villalva (2003) – quanto no espanhol – segundo Ambadiang (1999) –, o gênero baseia-se em critérios lexicais morfológicamente marcados pela existência da vogal temática /o/ e /a/, em que palavras terminadas em /o/ serão, normalmente, masculinas e palavras terminadas em /a/ serão, normalmente, femininas. O GGr na LE, na ótica de Pinto (2017), é inerente aos nomes e se divide em duas classes diferentes (masculinos ou femininos). Nesse idioma (excluindo a distinção de palavras com um radical diferente – com gênero supletivo –, como **verno/nuera**), há, em geral, um marcador de gênero presente na estrutura da palavra. Na visão mattosiana, a flexão de gênero abrange todas as palavras da língua portuguesa: criança sempre será uma palavra feminina, por exemplo. Para o autor, não

há espaço para heteronímias, visto que há substantivos privativamente femininos e masculinos, como **mulher** e **homem**, respectivamente. Nesses casos, portanto, não há flexão, são apenas palavras que assumem um gênero específico em todos os contextos.

4.1 A IMPORTÂNCIA DA VOGAL TEMÁTICA E DO GÊNERO NÃO MARCADO PARA A ATRIBUIÇÃO DE GÊNERO GRAMATICAL

Conceber a ideia de que gênero e sexo não se referem a um mesmo ponto já foi discutido neste trabalho. Contudo, para que se compreenda com mais clareza a marcação de GGr na LE, é necessário que se reflita o papel da vogal temática e as evidências da forma não marcada do GGr no idioma.

4.1.1 Vogal temática: um aspecto relevante

Vogais temáticas nos substantivos na língua espanhola não são determinadas nem pela forma fonológica das raízes nem por características sintáticas como gênero. Segundo Bermúdez-Otero (2012), o tema que resulta da combinação da raiz com a vogal temática pertence a uma categoria sintática: o nome. Para o autor, o tema contém as entradas desde a subjacência para as diferentes vogais temáticas. De acordo com Matzenauer e Bisol (2016, p. 351), “entende-se que o tema está armazenado no léxico profundo, encontrando-se a vogal temática, desde a subjacência, na base do processo de derivação”. Segundo esse entendimento, a entrada lexical, por exemplo, da forma **vecino** é: **[[N vecin-o]]2**.

A vogal temática é identificada por Câmara Jr. (1970) como índice classificatório que atribui uma classe morfológica aos nomes da língua. Dividindo os nomes em temáticos e aтемáticos, o autor propõe três vogais temáticas: /a/, /o/ e /e/. Bermúdez-Otero (2012) afirma que a maioria dos substantivos da língua espanhola pertencem a uma das três classes distinguidas por suas respectivas VT; além disso, em formas plurais, a VT sempre precede o sufixo /s/. Vejamos a figura abaixo:

Figura 2 - Organização das vogais temáticas por Bermúdez-Otero (2012)

<i>Class</i>	<i>Theme</i>	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>	<i>Gloss</i>	<i>Gender</i>	
a. <i>o</i> -stem	/-o-/	{ [lí-o] [mán-o]	[lí-o-s] [mán-o-s]	'muddle' 'hand'	M F	
b. <i>a</i> -stem	/-a-/	{ [dí-a] [kán-a]	[dí-a-s] [kán-a-s]	'day' 'grey hair'	M F	
c. <i>e</i> -stem	ordinary <i>e</i> -stem	/-{e,∅}-/	[lápiθ-∅]	[lápiθ-e-s]	'pencil'	M
			[lúθ-∅]	[lúθ-e-s]	'light'	F
			[páðr-e]	[páðr-e-s]	'father'	M
			[máðr-e]	[máðr-e-s]	'mother'	F
	<i>e</i> -only stem	/-e-/	{ [krúθ-e] [éliθ-e]	[krúθ-e-s] [éliθ-e-s]	'crossing' 'propeller'	M F

Fonte: Bermúdez-Otero (2012, p. 8).

A escolha das vogais temáticas nos substantivos é independente da estrutura fonológica das raízes, pois o tema é determinado idiossincraticamente. De acordo com Harris (1991), assim como os membros da classe dos substantivos espanhóis não podem ser previstos a partir da forma fonológica da raiz, o gênero também não pode ser previsto a partir do radical.

Segundo Matzenauer e Bisol (2016), somente /o/ e /a/ cumprem o papel legítimo de vogais temáticas, as quais se correlacionam com o gênero gramatical das palavras, em que normalmente a vogal /o/ predomina em substantivos masculinos e a vogal /a/ em femininos, embora, algumas vezes, ocorra arbitrariamente, como **a tribo** e **o cometa**.

Para Bermúdez-Otero (2012), a VT /a/ deve ser vista como a terminação padrão de substantivos femininos, e a VT /o/ como terminação geral. Essa afirmação é convergente com os achados de Câmara Jr. (1970), quando a relacionamos com as formas de marcação e não-marcação dos substantivos temáticos apresentados pelo autor.

A vogal temática /o/ não serve apenas para substantivos masculinos, pois ele carrega valor genérico, por ser uma forma não-marcada. No entanto, a análise da VT /o/ perpassa essas duas visões sob o ponto de vista de Bermúdez-Otero (2012, p. 15). Ele afirma que no espanhol há muitos substantivos femininos terminados em /o/, e, opondo-se à ideia de Harris (1991), as formas de truncamento devem ser também consideradas (moto, foto)²⁰ femininas

²⁰ As formas truncadas não serão discutidas nesse trabalho; apenas trouxemos a visão de dois autores sobre esse aspecto, visto que já existem estudos sobre esse aspecto e não descartamos uma análise futura específica sobre gênero em substantivos truncados na *LE*.

com a terminação em /o/. O autor apresentou os substantivos mais usados em ordem decrescente de acordo com o CREA²¹:

- (11) mano
libido
nao
dínamo
virago

Além dos exemplos acima, o linguista também apresentou (baseando-se no CREA) palavras masculinas terminadas em /a/. Vejamos os seguintes exemplos:

- (12) día
problema
sistema
planeta
mapa

A distribuição da VT /e/ nos temas apresentados por Bermúdez-Otero (2012) se divide em duas subclasses: **ordinary e-stem**, que chamaremos de VT /e/ comum; e **e-only stem**, que chamaremos de VT /e/ restrita. A VT /e/ comum constitui a subclasse padrão, e o tema tem dois alomorfes: / -∅ / e / -e- /. No singular, a escolha entre esses dois alomorfes é deixada para a fonologia: o tema nulo aparece após segmentos que são foneticamente lícitos na posição final da palavra, normalmente, após uma consoante pertencente ao conjunto /r, l, n, s, θ, d/; caso contrário, /e/ será o escolhido. Caso a palavra seja flexionada no plural, agrega-se a vogal temática /e/. Por exemplo, o plural de **pared** é **paredes**. Cabe destacar que essa VT não é resultado de uma epêntese, visto que o /e/ epentético não é considerado uma VT para Bermúdez-Otero (2012). Portanto, quando o /e/ compuser substantivos plurais, será classificado como temático.

De acordo com Matzenauer e Bisol (2016), a vogal /e/ é legitimadora de empréstimos na língua portuguesa, como **club** > **clubes** e é apoiadora da formação de plural, como, por

²¹ *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA) da RAE.

exemplo **mar** > **mares**. Somente no segundo caso, também no português, o /e/ é considerado uma vogal temática.

A escolha das VT, nos substantivos da LE, não é determinada nem pela forma fonológica das raízes, nem por características sintáticas como o gênero. Bermúdez-Otero (2006, p. 283) explica que as gramáticas estão organizadas de modo a respeitar essas correspondências entre construções gramaticais e domínios fonológicos, visto que: (i) raízes não definem domínios fonológicos; (ii) um domínio fonológico associado a uma operação de derivação **root-to-stem** (raiz para o tema) tem de ser **stem-level** (no nível do tema); (iii) toda palavra morfológica define um domínio **word-level** (nível de palavra); e (iv) a categoria mais alta na expressão linguística define um domínio **phrase-level** (no nível da frase).

O tema possui o gênero gramatical inerente na sua base: o que determina o gênero da palavra não é a vogal temática, pois ele é intrínseco a ela; portanto, o gênero é informação da raiz, que não depende da VT. Temas nominais com seus sufixos normalmente pertencem a uma das três classes flexionais distinguidas por suas respectivas vogais temáticas: /a/, /o/ e /e/. Sobre elas, Câmara Jr. (1970) afirma que, normalmente, /a/ é padrão para temas de gênero feminino; entretanto, a classe /o/, por tratar-se de uma vogal temática não marcada, não é possível ser considerada como marca de masculino por opor-se a /a/, pois, além de apresentar-se em palavras, normalmente, masculinas, ela também representa uma **forma geral** e, dependendo do vocábulo, pode servir como forma feminina, como **el testigo** e **la testigo** apresentados por e Bermúdez- Otero (2013, p. 15).

Em síntese, cada tema do substantivo é imprevisível e idiossincraticamente associado a um dos elementos temáticos /a/, /o/ e /e/ ou é atemático. Tanto /a/ quanto /o/ em substantivos espanhóis serão vogais temáticas. A VT /e/ pode se apresentar de maneira explícita ou não, mas não deve ser confundida com a /e/ da epêntese. Embora as vogais temáticas estejam envolvidas na exponenciação de gênero, elas não são consideradas marcadoras de gênero, e a sua escolha independe de características sintáticas.

4.1.2 O gênero não marcado na língua espanhola

Os elementos linguísticos obtêm valor em função das oposições estabelecidas entre si. Coseriu (1981) apresenta essa relação de contraste binário como oposição privativa (OP). Nela, o termo marcado apresenta um traço diferencial positivo e o termo não marcado veicula dois valores: ao contrário do outro e o genérico. Se analisarmos na perspectiva de número, o

primeiro, singular representa a unidade em oposição à desinência de plural. Na perspectiva do segundo, representa um valor genérico, de certa forma, com um valor de **pluralidade**. É essa duplicidade de valor que possibilita que o termo não marcado substitua o marcado em diferentes contextos. O singular, pelo seu caráter genérico, pode equivaler ao plural, assim como o masculino – por ser considerado o termo não marcado – pode substituir o feminino em diferentes contextos.

Khedi (1998) destaca que a OP ocorre no contraste de um elemento formalmente marcado versus um elemento não marcado. Nos dois idiomas, português e espanhol, podemos exemplificá-la com a flexão de número, contrastando o singular e o plural, em que o singular é o termo não marcado (-), desprovido de desinência, e o plural é o termo marcado (+) por apresentar a desinência (-s). Portanto, a marca é o traço presente em um dos dois termos (o elemento marcado da oposição) e ausente no outro (o elemento não marcado).

De acordo com Bermúdez-Otero (2006) e Morera (2011), nos substantivos que indicam seres animados, há possibilidade de o masculino genérico designar uma classe, ou seja, apontar todos os indivíduos de uma espécie particular, sem distinção de sexos. Por exemplo, na sentença **El alumno que estudia aprueba**, temos a forma geral de número (singular) e de gênero (masculino). Essa concepção baseia-se na sua condição de termo não marcado, em que analisamos a oposição do masculino versus o feminino e do singular versus o plural.

Em relação ao masculino não marcado na língua espanhola, Morera (2011) apresenta um modelo próprio baseado em um valor inerente do masculino que analisa o substantivo orientado em direção ao seu núcleo (para dentro) frente ao feminino que projeta sua marca para fora.

A variante masculina do gênero gramatical apresenta o significado do substantivo de forma neutra, pois direciona sua substância para si mesmo, focalizando-a. A generalidade semântica do masculino não decorre do fato de não possuir uma marca semântica, como parece sugerir a expressão ‘membro não marcado da oposição’ [grifo nosso], mas que essa marca semântica apresenta a substância de tal maneira que o que se destaca é ela em si e por si mesma. (MORERA, 2011, p. 36, tradução nossa)²²

²² “La variante masculina del género gramatical presenta la significación del sustantivo de forma neutra porque orienta su sustancia hacia ella misma, enfocándola. La generalidad semántica del masculino no procede de que este carezca de marca semántica, como parece dar a entender la expresión miembro no marcado de la oposición, sino más bien que esa marca semántica presenta a la sustancia de manera que lo que se destaca es ella en sí misma y por sí misma”.

Para esse autor, não é a categoria gramatical com valor **masculino** que manifesta a neutralidade de gênero. A situação é que palavras como **alumno**, **niño** ou **hermano** se apresentam em seu **estado puro**, sem qualquer particularidade. Bermúdez-Otero (2012), inclusive, afirmou que todo substantivo já tem o gênero masculino na adjacência. Baseando-se nessas duas afirmações, é possível resolver questões em relação a usos discriminatórios do masculino com valor genérico, haja vista que o masculino genérico exhibe substantivos sem restrições, portando, dessa forma, referências gerais quanto ao gênero, sem nenhum tipo de marca. Morera (2011) estende sua apreciação a todos os substantivos animados ou não, já que todo nome em espanhol é sempre apresentado como o estado básico ou mais elementar da substância.

O GGr quando se manifesta em sua forma genérica, opõe-se não apenas ao feminino, mas também ao próprio masculino. Esse amálgama de significados visa, como em todas as encruzilhadas de gênero, a encontrar uma saída que permita oferecer uma definição gramaticalmente válida para a classificação de GGr. De acordo com Morera (2011, p. 40, tradução nossa)²³, o gênero é uma oposição de formas, não de significados:

O masculino é oposto a outros masculinos; o feminino é oposto a outros aspectos particulares de sua variante masculina. Portanto, pode-se dizer que, em geral, a variante do gênero feminino acrescenta um sentido positivo ao conceito semântico básico (não necessariamente masculino).

Morera (2011) conclui que os valores do masculino (quando a referência é animada) não estão ligados somente a uma referência sexuada, mas também a processos semânticos de generalização. O masculino, por conseguinte, tem uma dimensão geral, enquanto o feminino individual, isto é, a diferença se estabelece não pelo caráter não marcado do masculino, mas sim pela marca semântica do feminino que contrasta com o masculino e com o genérico não-marcado.

Admitindo que o gênero se manifesta formalmente através da concordância, a sua variação morfológica apresenta uma dimensão semântica nem sempre regular, mas em todos os casos perceptível entre o masculino e o feminino quando a referência é sexuada. Esses valores de oposição de gênero podem ser circunstanciais, mais ou menos constantes, neutralizáveis, inerentes ou intrínsecos.

²³ “El masculino se opone a otros masculinos; el femenino se opone a otros aspectos particulares de su variante masculina. Por eso, se puede decir que, por lo general, la variante femenina de género añade un plus de significación al concepto semántico de base (no necesariamente masculino)”.

Como vimos, as OP tendem a ser binárias e contrastivas, nas quais o elemento que apresenta o traço distintivo tem carga semântica superior ao elemento não marcado. Desse modo, Coseriu (1981) afirma que quando o elemento não marcado assume tanto o seu valor de oposição ao termo marcado quanto o valor do termo marcado ocorre a supressão da oposição privativa, sendo ela classificada como neutralização.

4.2 A VISÃO SOB A ÓTICA DA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA

A Nova Gramática da Língua Espanhola (RAE, 2009) visa a descrever as construções gramaticais típicas do espanhol, bem como refletir adequadamente as suas características fonológicas, morfológicas e morfossintáticas. De modo geral, tem como objetivo contribuir para que os falantes nativos de espanhol reflitam sobre a própria língua, conscientizem-se de suas possibilidades expressivas, das suas diferentes estruturas linguísticas e vislumbrem a riqueza patrimonial que representa a sua unidade e a sua variedade.

A RAE (2009) dedica o segundo capítulo de seu primeiro volume integralmente ao GGr. Começa com uma definição de gênero que inclui sua tipologia e suas características fundamentais. Depois dessa abordagem, concentra-se no chamado gênero não marcado e no uso do masculino com valor genérico, desenvolvendo e explicando, em seguida, suas marcas morfológicas. Os substantivos comuns quanto ao gênero, ambíguos e epicenos, ocupam as seguintes seções para concluir com o tratamento de gênero nos substantivos que designam os seres inanimados.

A gramática anterior a essa, publicada pela RAE em 1931, define gênero como “o acidente gramatical que serve ou para indicar o sexo das pessoas e dos animais, e aquele que se atribui às coisas, ou para indicar que não há atribuição de sexo a nenhum dos referentes” (RAE, 1931, p. 10, tradução nossa)²⁴. De acordo com essa definição, portanto, todos os substantivos da língua espanhola deveriam ter sexo, físico ou mental. Isso significa que **mesas** (mesas), **hojas** (folhas), **joyas** (joias) são, mesmo que mentalmente, fêmeas, e **estuches** (estojos), **libros** (livros) são machos. Roca (2005), inclusive, analisa a abordagem sobre gênero feita pela RAE em 1931. Ele afirma que um substantivo feminino, como **puerta**, por exemplo, não é feminino porque se trata de uma fêmea, e sim, **puerta** é um substantivo feminino, porque, na concordância, seleciona seus “ligantes” em um conjunto denominado (arbitrariamente) feminino.

²⁴ “el accidente gramatical que sirve para indicar el sexo de las personas y de los animales y el que se atribuye a las cosas, o bien para indicar que no se les atribuye ninguno”.

Portanto, com essa análise, fica evidente que a natureza do gênero gramatical, em espanhol, perpassa o conceito de sexo biológico. Embora as gramáticas normativas tenham continuado a usar o sexo como critério definidor de gênero, a necessidade de separar gênero e sexo na língua espanhola não era algo trivial, pelo contrário. Conseqüentemente, a Academia optou por rejeitar a dicotomia **gênero natural** e **gênero gramatical**, uma vez que não a considera a mais apropriada. Desse modo, em 1973, com o Esbozo, a RAE os separou, como podemos ver abaixo:

quando as formas femininas ou masculinas do artigo e de alguns pronomes [...] se agrupam diretamente com o substantivo em construção atributiva ou aludem a ele fora desta construção. (RAE, 1973, p. 173)²⁵

A RAE (2009), assim como Corbet (1991) e Bermúdez-Otero (2012), afirma que o GGr é uma propriedade inerente dos nomes e que, em LE, os substantivos sempre serão femininos ou masculinos, pois não há gênero neutro. O gênero neutro restringe-se a alguns determinantes, pronomes e quantificadores.

Para a Academia, a propriedade essencial do GGr é marcar a concordância entre o substantivo e as outras classes de palavras que com ele se combinam (artigos, determinantes, adjetivos, quantificadores e participípios). O gênero dos substantivos não se manifesta necessariamente por meio de marcas formais: todos os substantivos são obrigatoriamente femininos ou masculinos, mas poucos refletem essa oposição em suas terminações.

Assim como refletimos principalmente na seção dois, todos os substantivos em LE têm um GGr, não importando se eles se referem a seres sexuados ou não. A RAE (2009) assegura que gênero e sexo são duas noções que se relacionam, mas que não se identificam, uma vez que a noção do primeiro remete ao caráter gramatical e a do segundo, ao biológico. Inclusive, na visão da Academia, há substantivos tanto que designam seres sexuados que são invariáveis (**cobra**, **abeja**, **calamar**) quanto aqueles cuja diferença de terminação não estabelece uma oposição de sexo, mas carregam valores semânticos diferentes, como, por exemplo, **fruto** versus **fruta**.

Em relação a esse quesito, na visão mattosiana (Camara Jr., 1970, p. 88), o GGr é uma distribuição dos substantivos em classes mórficas, e a oposição entre masculino e feminino, frequentemente, serve para distinguir os seres por certas qualidades semânticas. De maneira geral, o masculino é uma forma geral não marcada, e o feminino indica uma especialização

²⁵ “cuando las formas respectivamente femeninas o masculinas del artículo y de algunos pronombres (...) se agrupan directamente con el sustantivo en construcción atributiva o aluden a él fuera de esta construcción”.

qualquer. Por exemplo, [**barco** versus **barca**]²⁶ e [**perro** versus **perra**]²⁷. No primeiro par podemos dizer que **barca** é um tipo especial de **barco**, já no segundo par **perra** é a fêmea do animal chamado **perro**.

Nos substantivos que designam seres sexuados, de acordo com as formas de expressão entre GGr e sexo biológico, a RAE (2009) os separa em diferentes classes: heterônimos – **yerno/nuera**, **hombre/mujer**, **caballo/yegua** –, substantivos de terminação variável – **gato/gata**, **actor/actriz** –, nomes comuns quanto ao gênero – **el/la testigo**, **el/la estudiante** –, e epicenos – **la cobra/el hipopótamo**. Algo a ser destacado é que para a RAE (2009), o grupo de heterônimos é existente, enquanto na visão de Câmara Jr. (1970) não, já que se trata de palavras exclusivamente femininas ou masculinas.

Os substantivos de terminações variáveis manifestam as diferenças entre gênero e sexo por meio de morfemas em palavras cognatas (mesma raiz), como **niño** e **niña**, por exemplo. De acordo com a RAE (2009), os chamados substantivos comuns quanto ao gênero não estabelecem GGr por meio de terminações, o que não os impede de se classificarem como membros de um dos dois grupos, masculino ou feminino, pois seus gêneros são especificados com os critérios de concordância. Por outro lado, os substantivos heterônimos não mostram seu gênero formal através do lexema, uma vez que seu GGr é sempre masculino ou feminino, independentemente de sua configuração lexical, que só é relevante no discurso. Quanto aos substantivos ambíguos em termos de gênero, são consideradas não mais do que variáveis diastráticas ou diatópicas ligadas a usos específicos, sem qualquer relação com sua descrição formal. No discurso, um dos dois gêneros sempre será especificado e, por conseguinte, também o restante dos elementos que dele dependem.

Quando os substantivos designam seres animados, o gênero gramatical fornece informações semânticas, uma vez que geralmente diferencia o sexo que lhes corresponde. A linguagem usa diferentes procedimentos para apontar essas diferenças. Muitos substantivos marcam o gênero adicionando um final ou um sufixo à raiz [...], como em “gato/gata”, em “duque/duquesa” ou em “poeta/poetisa” [...], enquanto outros, chamados HETERÔNIMOS, usam diferentes radicais, como em “toro/vaca”; “yerno/nuera”; “caballo/yegua”, etc. Outros substantivos – os chamados COMUNES EM RELAÇÃO AO GÊNERO – não sofrem mudanças em sua forma e explicitam seu gênero indiretamente, isto é, através dos determinantes ou dos adjetivos que os acompanham: “el artista/la artista”; “profesionales destacados/profesionales destacadas”; “este testigo/esta testigo”. Por outro lado, são

²⁶ Barco - m. Embarcación de estructura cóncava y, generalmente, de grandes dimensiones./barca - f. Embarcación pequeña para pescar, costear o atravesar los ríos.” (RAE, 2005). A forma masculina pode ser traduzida para o português como ‘barco’ e a forma feminina como ‘bote ou barca’.

²⁷ A entrada no dicionário da Real Academia Espanhola apresenta ambas formas. “Perro/rra - m. y f. Mamífero doméstico de la familia de los cánidos, de tamaño, forma y pelaje muy diversos, según las razas, quetiene olfato muy fino y es inteligente y muy leal a su dueño.” (RAE, 2005).

denominadas SUBSTANTIVOS AMBÍGUOS EM RELAÇÃO AO GÊNERO, que podem aparecer no masculino ou feminino, designando em ambos os casos a mesma entidade, geralmente inanimada, como “EL mar/LA mar”. (RAE, 2009, p. 83, tradução nossa)²⁸

Para substantivos cujo referente é uma pessoa, pode-se usar tanto **macho/ hembra** quanto **feminino/ masculino**. Além disso, esclarece-se que, entre os substantivos cuja referência extralinguística é sexuada, são poucos aqueles em que o GGr “não corresponde” ao sexo do indivíduo (pessoa, filhos, vítima). Essa descrição é uma nova amostra do uso de características extralinguísticas para explicar o gênero em substantivos e esconde uma confusão fundamental entre sexo biológico e gênero gramatical.

O contraste existente entre os pares **masculino/ feminino**, **varón/ mujer** e **macho/ hembra** é apontar o sexo do referente através de significados específicos; além disso, esses substantivos executam a concordância com base nas características formais de um substantivo base, sendo que a aposição substantiva é uma marca de sexo, nunca de gênero.

Para abordar o fenômeno do gênero masculino com valor genérico, vai-se à distinção marcado/não marcado. A possibilidade de usar o genérico masculino é o resultado da sua identificação com o gênero não marcado entendido como “o membro de uma oposição binária que pode abranger um todo, tornando desnecessário mencionar o termo não marcado” (RAE, 2009, p. 85, tradução nossa)²⁹. Isso significa que o membro não marcado de uma oposição pode designar todos os membros de uma espécie, inclusive substantivos do sexo feminino e do masculino com valor genérico. Por exemplo, podemos dizer que **El perro es el mejor amigo del hombre**. Nesta sentença, temos dois masculinos genéricos: **perro** que representa a espécie dos cachorros, ou seja, incluem-se **perros** e **perras** e **hombre** que não representa apenas uma pessoa do sexo masculino, mas a espécie humana.

Esclarece-se, então, que é na designação de seres animados que o uso desse valor de generalidade tem provocado maior controvérsia: “substantivos masculinos são usados não só para se referir a indivíduos desse sexo, mas também, em contextos apropriados, para designar

²⁸ “Cuando los sustantivos designan seres animados, el género gramatical aporta información semántica, ya que suele diferenciar el sexo que les corresponde. La lengua emplea distintos procedimientos para señalar estas diferencias. Muchos sustantivos marcan el género añadiendo una desinencia o un sufijo a la raíz [...], como en gato/gata, en duque/duquesa o en poeta/poetisa [...], mientras que otros, llamados HETERÓNIMOS, utilizan diversos radicales, como en toro/vaca; yerno/nuera; caballo/yegua, etc. Otros sustantivos – los llamados COMUNES EN CUANTO AL GÉNERO – no experimentan cambios en su forma y hacen explícito su género indirectamente, es decir, mediante los determinantes o los adjetivos que los acompañan: el artista/la artista; profesionales destacados/profesionales destacadas; este testigo/esta testigo. Por otra parte, se llaman SUBSTANTIVOS AMBÍGUOS EN CUANTO AL GÉNERO los que pueden aparecer en masculino o femenino designando en ambos casos la misma entidad, generalmente inanimada, como en el mar/la mar”.

²⁹ “el miembro de una oposición binaria que puede abarcarla en su conjunto, lo que hace innecesario mencionar el término no marcado”.

a classe que corresponde aos indivíduos da espécie, sem distinção de sexos” (RAE, 2009, p. 85, tradução nossa)³⁰. Essa afirmação é seguida por uma série de dissertações sobre precisamente aqueles usos contextuais que impedem ou dificultam a utilidade do masculino com valor genérico, as quais consideram a LE sexista e que pregam a LI.

No que diz respeito aos traços de gênero que as palavras apresentam, a Academia opta pelo termo **marca** e aponta as marcas morfológicas que aparecem nos substantivos (os morfemas de gênero) que permitem, em sua alternância flexional, distinguir o sexo biológico de referências animadas. A RAE adverte do perigo de identificar o morfema flexivo /o/ com o masculino e o /a/ com o feminino e se lembra de outras denominações que abarcam estudos morfológicos como marcas segmentais ou desinência de gênero com um valor similar.

4.3 O GÊNERO EM SEU VIÉS LINGUÍSTICO: IGNACIO ROCA

Roca (2005) procura refletir sobre a questão do GGr na LE analisando as relações estruturais presentes no idioma a fim de esclarecer que o papel do sexo na língua espanhola é muito mais limitado e sutil do que aparenta. O autor contrasta, inicialmente, o sexo biológico com o sexo semântico. Para ele, o primeiro representa um objeto do mundo material, enquanto o segundo, um objeto do mundo linguístico; embora esses dois objetos, em algumas circunstâncias, se relacionem, trata-se de dois propósitos distintos.

Roca (2005) se incomoda com o fato de que as pessoas consideram o espanhol uma língua sexista. Para ele, não é a língua que é sexista, mas sim os seus usuários, já que o sexismo não radica no uso linguístico, mas na mentalidade da sociedade. Sabendo que com a justificativa de acabar com o sexismo linguístico, muitos usuários, usam em seus discursos a duplicidades de gêneros: feminino e masculino, como, por exemplo, **Alumnos y alumnas, hoy vamos a estudiar el género gramatical de la lengua española**; Roca (2005), com o objetivo de que o leitor reflita sobre a língua espanhola, propôs um exercício. Neste exercício, o autor apresenta 16 sentenças baseadas na seguinte estrutura: **señoras e señores: ciudadanos todos**. Como podemos ver abaixo:

³⁰ “los sustantivos de género masculino no solo se emplean para referirse a los individuos de ese sexo, sino también, en contextos apropiados, para designar la clase que corresponde a los individuos de la especie, sin distinción de sexos”.

Quadro 4 - Exercício de gênero gramatical proposto por Roca (2005)

a. señores y señores: ciudadanos todos	i. señores y señores: ciudadanas todas
b. señores y señores: ciudadanos todas	j. señores y señores: ciudadanas todos
c. señores y señores: ciudadanas todos	k. señores y señores: ciudadanos todas
d. señores y señores: ciudadanos todos	l. señores y señores: ciudadanas todas
e. señores y señores: ciudadanas todas	m. señores y señores: ciudadanos todos
f. señores y señores: ciudadanas todos	n. señores y señores: ciudadanos todas
g. señores y señores: ciudadanos todas	o. señores y señores: ciudadanas todos
h. señores y señores: ciudadanas todas	p. señores y señores: ciudadanos todos

Fonte: Roca (2005, p. 19)

Sabendo que a intuição linguística dos falantes é fundamental para compreender (a)gramaticalidade dos usuários do idioma, o autor espera que, principalmente, o falante nativo ou um falante que seja fluente no espanhol como segunda língua escolha as melhores construções oracionais.

Com essa análise, o autor esclarece que a maioria das sentenças apresentadas no exercício são consideradas improváveis no discurso de um nativo, visto que essas estruturas vão contra a intuição de um falante nativo da língua espanhola; além disso, essa “contraintuição revela a incompatibilidade com a gramática internalizada de um falante” (ROCA, 2005, p. 19)³¹. Portanto, essas combinações, no entendimento do autor, não se fixam, e sua frequência discursiva é anulada.

Além da primeira distinção entre sexo biológico (objeto do mundo material) e sexo semântico (objeto linguístico), Roca (2005) considera que gênero, à semelhança do que vimos antes, principalmente com Corbett (1991), deve ser configurado no léxico.

Gênero é uma correspondência entre um controlador (nome) e seus dependentes, de tal forma que ambos pertencem uniformemente à classe masculina ou feminina. O pertencimento a cada um é, em princípio, arbitrário e precisa ser especificado no léxico, como parte da informação que configura cada peça lexical. (ROCA, 2005, p. 26, tradução nossa)³²

É importante notar que essa definição incorpora a informação de gênero como um elemento central na configuração de cada substantivo, isto é, como um dos principais aspectos do significado lexical de cada palavra.

³¹ “la contraintuitividad revela incompatibilidad con la gramática interiorizada por el hablante”.

³² “El género es una correspondencia entre un controlador (nombre) y sus dependientes, de tal manera que ambos pertenezcan uniformemente a la clase de masculinos o femeninos. La pertenencia a cada uno es, en principio, arbitraria, y necesita ir especificada en el lexicón, como parte de la información que configura cada pieza léxica”.

Roca (2005) se incomoda com a estreita relação que muitos fazem entre GGr e sexo biológico, pois, para ele, “está na moda” mesclar as duas palavras como se fossem sinônimos. Ele entende que esse legado é antigo e que, durante muitos anos, as pessoas, ao estudarem o gênero gramatical, se apegavam à principal gramática de todas: a da RAE, a qual diferencia gênero gramatical de sexo biológico há pouco tempo (se pensarmos no histórico de análises feitos anteriormente). Por esse motivo, o linguista acredita que o maior problema de tal equívoco é a desinformação ou o legado explicativo presente até os dias de hoje.

Dessa forma, para Roca (2005), gênero é definido, inicialmente, como classes de nomes refletidas na conduta de certas palavras associadas. Aliás, o autor afirma que essa definição explica diretamente o motivo de o espanhol ter GGr marcado, e o inglês não. Isso ocorre porque se trata de línguas diferentes, e, como já vimos nas seções anteriores, o gênero é uma classe que pode ou não estar ligada ao sexo de seus referentes, e porque, embora o inglês não tenha gênero gramatical, nele há entidades que apresentam sexo biológico.

A concordância, na visão de Roca (2005, p. 25, tradução nossa), é uma das partes mais intrigantes dos estudos sobre GGr na LE. Para ele, quando questionado sobre o que é gênero, sua resposta, breve e sensata, se resume em três palavras: **gênero é concordância**³³.

4.3.1 A visão de Roca sobre a estrutura desinencial do espanhol

Mesmo que o contraste entre gênero gramatical e sexo biológico de Roca (2005) siga a linha de raciocínio vista até então, sua análise sobre a estrutura dos substantivos e a sua relação com o gênero gramatical na língua espanhola é um pouco peculiar. Inicialmente, o linguista afirma que denominará a terminação dos substantivos de desinências, não mais de vogal temática, pois a vogal temática apenas originou a desinência³⁴. Ele também acredita que o contraste abstrato do gênero em língua espanhola se manifesta como um contraste fônico na margem direita da palavra, ou seja, a desinência /a/ contrasta com a desinência /o/, como ocorre em **niño** e **niña**. Logo, na visão do autor, a fonologia é a responsável pela desinência, e a desinência é o principal expoente de gênero dos substantivos em LE.

A desinência, para Roca (2005), é apenas uma expressão morfológica que significa **classificação** e que auxilia o restante dos elementos que acompanham o núcleo substantivo a ligar-se a uma das classes: masculina ou feminina. GGr classifica não entidades, mas unidades

³³ “Género es concordancia” (ROCA, 2005, p. 25).

³⁴ Neste capítulo, respeitaremos a nomenclatura de Roca e deixaremos o termo “desinência” no lugar de VT, pois o autor salientou uma comparação entre as duas designações.

gramaticais. O autor afirma que as propriedades das desinências se identificam sobre a base de certas características de comportamento que se agregam a diferentes gêneros gramaticais, como podemos ver abaixo:

Quadro 5 - As propriedades desinenciais da língua espanhola

- possível alternância vinculada ao gênero: amarill/o/ vs. amarill/a/;
- atonicidade: templ/o/, mont/e/;
- posição na margem direita da palavra, com a conseqüente perda das desinências pré-sufixais: templ/o/ > templ/a/rio, mont/e/ > mont/a/ña;
- autonomia em relação ao gênero: la crem/a/ vs. el tem/a/, ela ñ/o/ vs. la man/o/;
- autonomia em relação ao significado (sexuado): person/a/.

Fonte: Roca (2005, p. 27)

A forma de expressão formal de gênero, isto é, o que Roca (2005) chama de desinência, caracteriza-se por apresentar uma série de propriedades, como alternância, atonicidade, posição (margem direita) e autonomia em relação ao significado e ao próprio gênero. Essa caracterização pode apresentar certas dúvidas, pois nenhum desses aspectos demarcados como intrínsecos carece de exceções, embora o interessante sobre essa análise seja o fato de apresentar a desinência distanciada do significado do substantivo e da própria noção de gênero, o que nos pareceu um pouco contraditório. Cabe ressaltar a última propriedade, pois Roca (2005) afirma que nela a desinência sozinha não determina o sexo do referente.

O problema dessa definição é que ela assume, em todos os casos, uma remissão ao plano fonético que, como ele mesmo reconhece, nem sempre é observável, e há situações em que esse contraste pode ser apresentado através de diferentes elementos. Essa questão também foi debatida por González Calvo (1979, p. 60, tradução nossa), o qual apontou a imprecisão do uso de outros nomes tradicionais: “Se falamos de ‘terminações’ em um plano morfológico e não apenas etimológico, não há outro caminho a não ser considerar o gênero em sua expressão morfemática flexional”.³⁵

³⁵ “Si se habla de ‘terminaciones’ en un plano morfológico y no meramente etimológico, no hay más remedio que considerar el género en su expresión morfemática flexional”.

As colocações de Roca (2005), de certa forma, contradizem os autores anteriores e, também, nosso entendimento sobre a marcação de gênero, visto que nossas análises sobre o gênero se basearam, principalmente, em dois segmentos: o primeiro é inserção da vogal temática motivada a partir da raiz, em que o armazenamento lexical é restrito a ela; e o segundo é a inserção motivada a partir do tema, o qual admite que o tema é o possuidor das entradas das vogais temáticas no léxico. Em ambos os casos, na visão de Halle e Marantz (1993), Moreno (1997), Schwindt (2013), Bermúdez-Otero (2012) e Matzenauer e Bisol (2016), a escolha da vogal temática é idiossincrática, e o gênero já faz parte do tema ou da raiz, ou seja, a palavra assume o gênero feminino ou masculino na subjacência, não na superfície, pois, como o autor afirma, a desinência está no plano fonético, não no fonológico.

Roca (2005) não apenas contradiz os estudos apresentados nas outras seções em relação à análise de o gênero ser analisado no nível de superfície e não de adjacência, porque para ele, as desinências (que neste trabalho compreendemos anteriormente como vogais temáticas) não são representadas apenas por /a/, /o/ e /e/. O autor acredita que, quando a palavra, na derivação, gera novas palavras com as **tradicionais vogais temática**, podemos considerar as terminações desinências. Portanto, Roca (2005, p. 29) apresenta diferentes tipos desinências:

- a. **desinências vocálicas adicionais:** para o autor /i/ e /u/ devem ser consideradas desinências, caso apresentem distribuição sufixal, como, por exemplo, *trib/u/ > trib/a/l*, *espírit/u/ > espirit/o/so*. Esse tipo de alternância, para Roca (2005) evidencia a condição de desinência vocálica no final da palavra.
- b. **desinências complexas:** esse grupo adicional é considerado complexo, pois Roca (2005) apresenta palavras terminadas com /s/ depois de cada uma das cinco vogais. Cabe ressaltar que, para o autor, a terminação /s/, nesses casos, não é uma simples marca de plural, pois acompanha uma desinência singular complexa. Vejamos os seguintes exemplos:
 - /as/: *mecen/as/ > mecenazgo*, *Honduras > hondureño*.
 - /es/: *diabetes > diabético*, *tireoide > tireoídico*.
 - /es/: *cutis > cutâneo*, *tenis > tenista*.
 - /os/: *cosmos > cósmico*, *tétanos > tetánico*.
 - /us/: *vírus > viral*, *humus > húmico*.

Roca (2005) afirma que, nesse grupo desinencial complexo, a perda no interior da palavra ocorre em função da morfologia. Quer dizer, nesse aspecto, o autor contraria a sua análise desinencial anterior, em que afirmava que as desinências estavam no campo da fonética, ou seja, na sua estrutura de superficial.

- c. desinências ausentes ou palavras sem desinência:** nesse ponto, Roca (2005) faz uma análise diacrônica, pois, segundo o autor, as desinências do espanhol são descendentes da vogal temática da declinação latina. Para ele, os substantivos terminados em consoantes não têm marcas desinenciais, inclusive palavras que aceitariam a marca de /e/ nos seus respectivos plurais entram neste grupo, visto que, para Rocca (2005), o acréscimo do /e/ nos plurais não passa de uma epêntese. Nesse aspecto, o autor discorda de Câmara Jr. (1970) e de Bermúdez Ottero (2012), pois, para ambos há diferença entre o /e/ de epêntese e o /e/ de VT, como vimos no capítulo anterior.

Um aspecto bastante relevante apresentado por Roca (2005) é sua análise sobre as marcas de gênero em palavras sem desinência, já que essa ausência em espanhol não afetaria o gênero:

As formas sem desinência podem ser masculinas (cariz), femininas (nariz) ou ambigênicas (calor, mar). Tampouco a ausência desinencial repercute nas referências de sexo: “un varón” (um homem) e “una mujer”, sem marcas desinências serão necessariamente masculino e feminino, respectivamente. (ROCA, 2005, p. 32, tradução nossa)³⁶

Isso nos leva a concluir que, nos substantivos sem desinência, o GGr se manifesta através de outros meios lexicais ou sintáticos que, para todos os fins, nos levam à dissociação entre a desinência e o gênero.

- d. desinências alternadas:** Roca (2005), ao analisar as desinências /a/ e /o/ na margem da palavra, como **alumn/a/** e **alumn/o/**, por exemplo, afirma que essas terminações são motivadas pelo gênero. O autor, aliás, generalizou que todas as palavras terminadas em /a/ serão femininas e as terminadas em /o/ serão

³⁶ “*Las formas sin desinencia pueden ser masculinas (cariz), femeninas (nariz) o ambigenéricas (calor, mar). Tampoco repercute la ausencia de desinencia en las referencias de sexo: un varón, sin desinencia, es necesariamente macho, y una mujer, también sin desinencia, es necesariamente hembra, por ejemplo*”.

masculinas, assim como, para ele, o feminino /a/ também contrasta com o masculino /e/ ou com o morfema zero masculino, como, por exemplo, **el presidente** vs. **la presidenta** e **alemán** vs. **alemana**. O mais intrigante na colocação de Roca (2005) é a relação direta que o autor faz das desinências com o GGr. Por exemplo, quando uma palavra feminina terminar em /o/ ou masculina terminar em /a/ ocorre uma alternância desinencial, posto que /a/ é marcação de palavras femininas e /o/ de palavras masculinas.

Roca (2005) chama atenção para o fato de que não há nenhuma outra alternância desinencial determinada pelo gênero da palavra. É o que ocorre em **el/la gurú** e **el/la yanqui**. Por essa razão, ele cogita concordar com estudos anteriores que consideram o conjunto de desinências (ou vogais temáticas para outros autores) limitado a /o/, /a/ e /e/, ou melhor, restringi-lo a /o/ e /a/, visto que a terminação /e/ poderia ser considerada apenas epentética. No entanto, sua nova análise contraria essas ideias e sugere uma lista com dez desinências, em que três se destacam por participar das alternâncias de gênero. Vejamos o seguinte quadro desinencial de Roca (2005):

Quadro 6 - Lista com dez desinências sugeridas por Roca (2005)

/o/	/os/
/a/	/as/
/e/	/es/
/i/	/is/
/u/	/us/

Fonte: Roca (2005, p. 34)

Portanto, na visão do autor, depois de muitos estudos e contradições, embora seja apresentada uma lista com dez desinências, apenas três são importantes para a marcação de gênero gramatical, o que convergiu com estudos anteriores.

4.3.2 A análise da desinência como morfema de gênero

Roca (2005) gostaria que as desinências não fossem somente expoentes de gênero, mas sim, morfemas de gênero; contudo, de acordo com os dados analisados no seu artigo, o autor reconhece que essa afirmação é limitada e insustentável. Embora, para ele, exista uma

relação direta da terminação /a/ com o gênero feminino e da /o/ com o masculino, as duas terminações podem apresentar-se em ambos gêneros. O mesmo ocorre com as outras oito desinências apresentadas: elas também se associam a palavras femininas e masculinas.

Na sua análise, ocorrem exemplos femininos e masculinos (no singular) para cada desinência. No entanto, questionamos o substantivo **remedios**, que, para o linguista, além de estar no singular, assume o gênero feminino, visto que no Dicionário da RAE esse substantivo não é apresentado nem como singular, nem como feminino. Como podemos ver no quadro de exemplos a seguir:

Quadro 4 - Apresentação das dez desinências de Roca (2005)

/o/: la mano, el libro	/os/: el cosmos, la remedios*
/a/: el día, la yema	/as/: la mecenas, el paraguas
/e/: el diente, la mente	/es/: el martes, la diabetes
/i/: el/ la yanqui	/is/: el análisis, la crisis
/u/: el espíritu, la tribu	/us/: el humus, la venus

Fonte: Adaptado de Roca (2005)

Roca (2005), com suas pesquisas, percebeu que a desinência não é a responsável pelo gênero da palavra. Por isso, é inviável justificar que **cuerpo** é masculino porque termina em /o/ e **espalda** é feminina porque termina em /a/. Na verdade, Roca parecia confuso em sua própria nomenclatura e terminou notando, com suas análises, que as desinências de **mano** e de **planeta** não estavam invertidas, pois GGr não é desinência. Após esse esclarecimento, o autor supõe que o gênero é uma propriedade idiossincrática de cada morfema nominal e cada palavra o apresenta inerentemente.

Como assinalamos, embora a maioria das desinências em espanhol não sejam unívocas, em vez de sistematizar, ordenar e descrever o funcionamento de todas elas no discurso, a gramática tradicional limitou-se a apontar desvios do padrão /o/ e /a/ de uma série de exceções que viriam mostrar que, no gênero gramatical, a desinência não é um sinal claro de manifestação de gênero. Para Roca (2005), gênero é uma característica binária onde (-F) descreve o masculino e (+F), o feminino. Desse modo, o gênero é reduzido, novamente, a um sistema de OP, como vimos em Câmara Jr. (1970), em que, na falta do feminino, temos masculino.

Essa estrutura opositiva de gênero na gramática espanhola significa que sempre encontramos disparidades associadas ao seu uso discursivo que são resolvidas por meio de

argumentos distintos. A LE escolhe, de todas as possibilidades oferecidas pelo sistema, o masculino como meio de concordância (substantivos, pronomes, adjetivos) em sintagmas mistos, precisamente porque o gênero masculino é caracterizado como o **não feminino**, ou seja, porque é apresentado por alguns estudiosos como uma forma neutralizada, isto é, não marcada. Roca (2005) apresenta um **modelo de gênero** com o objetivo de sistematizar todos os traços empíricos de gênero, concluindo que haveria dez classes de desinenciais e duas marcas semânticas de sexo que ele resume da seguinte forma:

1. o espanhol tem apenas um gênero, feminino;
2. no espanhol há 10 desinências finais;
3. /a/ é atribuído por padrão às formas [+F];
4. /o/ é atribuído por padrão às outras formas;
5. o resto das desinências (inclusive /o/ e /a/) em contextos que não são “por padrão” requerem especificação lexical.

Roca (2005, p. 44) adverte que esse modelo unitário de gênero pode ser contraproducente, citando a existência de “certos fatos semânticos”, mas prefere manter o tradicional binarismo m/f com o [+F] versus [-F]. As ideias sugeridas nesse estudo levantam algumas questões sobre a maneira como o gênero (qualquer que seja o tipo) se materializa em línguas naturais e se existe ou pode ser percebido como uma base cultural ou pragmática que fundamenta essa classificação em línguas naturais.

Vamos agora resumir nossas descobertas sobre o gênero do espanhol, mediante argumentos empíricos. O sistema é composto pela característica semântica $[\pm H]$, pela morfosintática $[\pm F]$ e por um aspecto morfofonológico para cada classe desinencial: todos esses aspectos são necessários para dar conta dos fatos que ocorrem na superfície. No nível lexical, no entanto, os valores não marcados podem ser deixados sem especificação: [-F] e [O], ou [A] se [+F], são fornecidos por regras de redundância. A marca semântica $[\pm H]$ não satura as representações relevantes, tanto no léxico quanto na superfície, o que explica a interpretação livre de sexo de muitas palavras, incluindo a maioria daquelas emparelhadas com uma feminina marcada como [+H]. O sexo semântico, portanto, não é coextensivo ao sexo biológico. O sexo semântico, quando existe, determina o gênero através da regra $[\alpha H] \rightarrow [\alpha F]$. No espanhol atual, parece não haver exceções. As estruturas resultantes estão sujeitas à interpretação no mundo real, de acordo com os princípios universais da pragmática. (ROCA, 2006, p. 427, tradução nossa)³⁷

³⁷ “Resumiremos ahora nuestros hallazgos sobre el género del español, obtenidos todos mediante argumentos empíricos. El sistema está compuesto del rasgo semántico $[\pm H]$, el rasgo morfosintático $[\pm F]$ y un rasgo morfofonológico para cada clase desinencial: todos estos rasgos son necesarios para dar cuenta de los hechos que se dan en la superficie. A nivel léxico, sin embargo, los valores no marcados pueden dejarse sin especificar: [-F] y [O], o [A] si [+F], los proporcionan reglas de redundancia. El rasgo semántico $[\pm H]$ no satura las

Como se vê, o gênero em espanhol, para o autor, se compõe por dois traços: pelo semântico, que pode ser $[\pm H]$ e pelo morfossintático $[\pm F]$. Em relação ao traço morfossintático, temos duas especificações:

- (i) se o traço é $[-F]$ a vogal temática será /o/;
- (ii) se o traço é $[+F]$ a vogal temática será /a/.

A marca semântica $[\pm H]$ explica a interpretação livre de sexo de muitas palavras, incluindo a maioria daquelas emparelhadas com uma forma feminina marcada como $[+H]$. Isso se dá pela existência do masculino não marcado e do feminino marcado.

A regra do sexo semântico sempre ocorrerá nesta sequência, visto que a forma marcada, segundo Clegg (2010), é a /a/ feminina que corresponde ao traço $[+F]$, ou seja, nunca poderá assumir um grupo com palavras masculinas; já o oposto pode acontecer sem nenhum equívoco $[\alpha H] \rightarrow [\alpha F]$.

representaciones pertinentes, tanto en el lexicon como en la superficie, lo que explica la interpretación libre de sexo de muchas palabras, incluyendo la mayoría de las emparejadas con una femenina marcada como $[+H]$. El sexo semántico no es, pues, coextensivo con el sexo biológico. El sexo semántico, cuando existe, determina el género a través de la regla $[\alpha H] \rightarrow [\alpha F]$, que en el español actual parece no tener excepciones. Las estructuras resultantes se someten a interpretación en el mundo real, de acuerdo con los principios universales de la pragmática”.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE EMPÍRICA DA MARCAÇÃO DE GÊNERO DOS SUBSTANTIVOS EM LE PENINSULAR NA FALA DE MULHERES FEMINISTAS

Com o crescimento dos movimentos feministas, os estudos acerca do GGr ascenderam nos últimos anos. Discussões sobre a LE ser ou não sexista em relação, principalmente, ao uso do masculino genérico não marcado inspiraram o nascimento da LI. Concomitantemente, o surgimento e o avanço da internet, além de estreitarem laços culturais e linguísticos entre diferentes comunidades, facilitaram o acesso a dados de linguagem, em canais como o YouTube, por exemplo, que hoje viabilizam pesquisas linguísticas até pouco tempo utópicas.

Marchuschi e Xavier (2005), ocupando-se da discussão a respeito da linguagem em meios digitais, consideram-na totalmente flexível e apta a mudanças sociais e segue com total vigor a criatividade do ser humano no aspecto comunicativo. Por isso, nossa pesquisa é feita a partir da análise da fala de mulheres que se intitulam feministas para um canal do Youtube chamado **BuzzFeed LOLA**, justamente pela possibilidade de perceber as características apresentadas pelos autores em questão. Nesse âmbito, procuramos verificar se essas mulheres fazem uso da LI ou não. Então, examinamos as suas falas no que diz respeito à predizibilidade do GGr e a sua relação com a LI, justamente pela espontaneidade no contexto grupal. Dessa forma, é possível ver como o sistema linguístico – embora sempre um sistema vivo e em constante mudança – se comporta nesse tipo de enunciação comunicativa, típica dos meios audiovisuais – espontânea e específica desse grupo sincronicamente. É importante lembrar que a língua é natural e interna ao sujeito, sendo o sistema linguístico um sistema coeso em si.

Nosso estudo baseia-se na linguagem vernacular de mulheres falantes nativas do espanhol peninsular. Investigamos a marcação do GGr em substantivos da LE terminados nas vogais temáticas /a/, /o/ e /e/, sob a ótica da produtividade morfológica e dos conceitos de disponibilidade e rentabilidade. Para isso, foram analisados cinco vídeos com cinco diferentes mulheres falantes do espanhol peninsular. O primeiro vídeo apresenta Mello Moreno, *youtuber* e cantora, e tem seis minutos e 11 segundos; o segundo apresenta Bolli, *youtuber*, *instagrammer* e *stuffmaker*, com cinco minutos e 37 segundos; o terceiro conta com Tomasa del Real e dispõe de quatro minutos e 54 segundos; o quarto exhibe Teresa Rodríguez, deputada, professora, ativista e política e contém 19 minutos e 16 segundos; e o último vídeo traz Mala Rodríguez, cantora de rap, e dispõe de sete minutos e sete segundos, totalizando 43 minutos de espanhol falado.

Observamos, nessa análise, o discurso de mulheres que estão acostumadas a falar em público e que se auto intitulam feministas, justamente, para poder analisar a marcação do GGr no sistema linguístico utilizado por elas da forma mais natural possível. A escolha desse grupo específico teve como estímulo o fato de poder estudar um dos motivadores do nascimento da LI. Isso significa que queríamos perceber a teoria dos guias escritos e das linguagens da internet com o objetivo de explorar como essa linguagem funciona na prática. Pensamos que, de forma natural, as mulheres feministas, além de serem as maiores representantes do discurso antimachista, são as que o carregariam também para o sistema linguístico.

Tendo em conta o conceito de língua como um sistema interno e inato ao sujeito, acreditamos que o uso da LI não é natural e não é econômico e que o julgamento do uso do masculino genérico como machista é equivocado. Por essa razão, analisamos a fala dessas mulheres cientificamente, buscando descrever e compreender o uso e o gênero gramatical dos substantivos femininos e masculinos na fala de expoentes do problema.

Na nossa pesquisa, analisamos quantitativamente e qualitativamente palavras femininas e masculinas, com presença de traço [+animado] e [+sexuado], de acordo com a vogal temática final. Não analisamos palavras terminadas em consoantes, pois nosso maior questionamento se manifesta no uso do masculino genérico como uma forma sexista da linguagem. Portanto, restringimo-nos a substantivos que carregam apenas terminações em vogais átonas terminais, /a/, /o/, /e/ (e seus respectivos plurais), visto que, de acordo com Schwindt (2019), a distribuição dessas terminações nos substantivos da LP permite falsear a tese de pareamento entre /a/ e feminino, de um lado, e /o/ e masculino, de outro (e mesmo de /e/ a um suposto neutro). A escolha por substantivos é motivada pelo fato de que os eles são o núcleo do sintagma nominal, e a os artigos e os adjetivos concordam com os substantivos. Em relação às terminações, analisamos apenas vogais temáticas, pois o /a/ é o mais associado ao feminino, o /o/ ao masculino e, na LI, os seus representantes normalmente querem considerar o /e/ neutro.

5.1 ESPECIFICIDADES DE PESQUISA

O tema central deste trabalho é a relação não isomórfica existente entre GGr e sexo biológico. As dúvidas são originadas, principalmente, pelo senso comum, no qual a crítica e a proposta de reforma no sistema de gênero na LE é causada por desconhecimento a respeito de

como a gramática se organiza na mente humana e de como as mudanças linguísticas se processam no tempo. Com base nesse aspecto, e em todas as controvérsias levantadas nessa dissertação, o objetivo foi escolher não apenas falantes, mas falantes representativos de um grupo específico contextualizado para a nossa discussão: mulheres feministas. Sendo assim, nosso objetivo é averiguar o uso da LI dentro de um grupo representativo que, teoricamente, acredita no seu uso: um grupo feminista.

Queremos analisar justamente o maior representante da linguagem inclusiva, ou seja, o grupo que motivou a atual ambivalência entre sexo biológico e gênero gramatical, porque não há melhor *corpus* analítico que a sua fala espontânea. Confusões e contradições podem ocorrer em relação ao uso da LI na fala dessas mulheres; dessa forma, apropriamo-nos deste recurso para comprovar que a língua é natural, e não imposta. Como visto anteriormente, a linguagem é um sistema; logo, não deve ser considerada machista pelo fato de usar o gênero masculino como o não marcado.

Nossa hipótese é a seguinte: mesmo que as entrevistadas sejam feministas, representantes da LI, na sua fala natural e espontânea acabarão utilizando a linguagem como todos os outros indivíduos presentes sincronicamente no mesmo sistema linguístico. Assim, embora exista um movimento impositivo que force o uso de uma linguagem não sexista, esse movimento é inviável, porque a utilização do código como comunicação é natural, inata, coesa e econômica. Dessa forma, a escolha do *corpus* foi proposital: um canal popular, feminista e espanhol, do Youtube, que tem como descrição **Quererte a ti misma es revolucionario** (Amar a si própria é revolucionário). As mulheres foram escolhidas de acordo com a sua representatividade e seu discurso. Todas têm um discurso engajado politicamente feminista, e a análise de *corpus* trouxe argumentos para justificar a chamada “linguagem inclusiva” apresentada neste trabalho.

5.2 OBJETIVO PRIMÁRIO

Objetivamos investigar a marcação de gênero gramatical dos substantivos de língua espanhola terminados nas vogais temáticas /a/, /e/ e /o/ — e se há a presença ou ausência do masculino não marcado na fala dessas informantes.

5.3 OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

Como objetivos secundários, queremos analisar a frequência do uso da linguagem inclusiva, ou seja, se ela está ou não presente no discurso de mulheres feministas. Além disso, queremos investigar predizibilidade da marcação de gênero em língua espanhola e o uso do masculino genérico à luz da produtividade morfológica e dos conceitos de disponibilidade e rentabilidade.

5.4 MÉTODOS

5.4.1 Materiais e participantes

A análise foi feita no discurso de cinco mulheres de diferentes idades em uma entrevista sobre feminismo para o canal *BuzzFeed LOLA* do Youtube. Por serem figuras públicas, não houve necessidade de termo de consentimento.

Todas as entrevistadas são populares e assumidamente feministas. Em relação ao perfil de cada entrevistada, vejamos o quadro abaixo:

Quadro 7 - Entrevistadas

ENTREVISTADA	PROFISSÃO
Vídeo 1: Melo Moreno	<i>youtuber</i> e cantora
Vídeo 2: Bolli	<i>youtuber</i> , <i>instagrammer</i> e <i>stuffmaker</i>
Vídeo 3: Tomasa del Real	cantora de <i>reggaeton</i>
Vídeo 4: Teresa Rodríguez	deputada, professora, ativista e candidata às eleições de Andalucía
Vídeo 5: Mala Rodríguez	cantora de <i>rap</i>

Fonte: Autora (2019)

5.4.2 Procedimento de coleta de dados

As entrevistas foram transcritas e analisadas individualmente. Nelas, observamos treze tipos de substantivos, divididos em cinco grupos. O primeiro grupo contém os substantivos femininos animados sexuais e não sexuais; o segundo, substantivos femininos inanimados;

o terceiro, substantivos masculinos animados sexuados e não sexuados; o quarto, substantivos masculinos inanimados; e o quinto, substantivos com gênero não marcado.

Grupo 1: substantivos femininos [+animado] [+sexuado] terminados em /a/, /e/ ou /o/

Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /a/

Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /a/

Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /e/

Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /e/

Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /o/

Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /o/

Grupo 2: substantivos femininos [-animado] terminados em /a/, /e/ ou /o/

Substantivos femininos [-animado] em /a/

Substantivos femininos [-animado] em /e/

Substantivos femininos [-animado] em /o/

Grupo 3: substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] terminados em /a/, /e/ ou /o/

Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /a/

Substantivos masculinos [+animado] [-sexuado] em /a/

Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /e/

Substantivos masculinos [+animado] [-sexuado] em /e/

Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /o/

Substantivos masculinos [+animado] [-sexuado] em /o/

Grupo 4: substantivos masculinos [-animado] terminados em /a/, /e/ ou /o/

Substantivos masculinos [-animado] em /a/

Substantivos masculinos [-animado] em /e/

Substantivos masculinos [-animado] em /o/

Grupo 5: gênero não marcado [+animado]

Substantivos com gênero não marcado.

5.5 RENTABILIDADE DA MARCAÇÃO DE GÊNERO NA LE

Nesta seção, nossa finalidade é descrever os resultados obtidos em nossa pesquisa sobre a produtividade no emprego de gênero gramatical e de *VT* no espanhol peninsular falado por mulheres feministas.

A primeira constatação importante da nossa pesquisa é a distribuição de gênero em substantivos terminados em /a/, /e/ e /o/ (e seus plurais) no espanhol. Cabe salientar que vocábulos repetidos não foram considerados e, por mais que nossa investigação contemple um grupo específico de substantivos, sabemos da relevância de pronomes como **todos** e **nosotros**. Por esse motivo, agregamos nos exemplos a sua presença, mas não na porcentagem final, a fim de fazer uma análise fiel à classe proposta.

Após a apresentação dos dados abaixo, analisamos os seus resultados, que foram os seguintes:

Tabela 1 - Resultados do Vídeo 1 de Melo Moreno (*youtuber* e cantora)

Tipo de substantivo	Quantidade	Exemplos
Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /a/	1	chica
Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /a/	1	persona
Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /e/	2	madre, cantante
Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /e/	1	gente
Substantivos femininos [-animado] em /a/	12	discográfica, caña
Substantivos femininos [-animado] em /e/	2	calle, series
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /a/	1	colega
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /o/	1	chico
Substantivos masculinos [-animado] em /a/	2	día, tema
Substantivos masculinos [-animado] em /o/	25	ámbito, conciertos
Substantivos com gênero não marcado [+animado]	3	todos, niños, amigo

Fonte: Autora (2019)

A fala da primeira entrevistada, a *youtuber* e cantora, Melo Moreno, não contemplou substantivos femininos com os traços [+animado] e [+sexuado] terminados em /o/; e, substantivos masculinos com os traços [+animado] e [-sexuado] terminados em /a/, [+animado] e [+sexuado] terminados em /e/, [+animado] [-sexuado] terminados em /o/ e

substantivos masculinos [-animado] em /e/. Percebemos que os substantivos femininos e masculinos com os traços [+sexuados] e [+animados] foram completamente proporcionais, mas, no contexto geral, houve muito mais substantivos masculinos que femininos, estando de acordo com as pesquisas de Clegg (2010).

A marcação de gênero foi explícita, principalmente, quando, no discurso era necessário confrontar as pessoas do sexo feminino e do masculino, como no exemplo a seguir, pronunciado por Melo Moreno:

- (13) [...] las **chicas** también hacemos humor mejor o peor eso va a gustos, como que te analizan más si eres una chica. Si eres un **chico** como que te valoran simplemente tu contenido [...].
- (14) [...] como que hay que digamos que romper una pared cuando eres una **chica** que el **chico** la tiene rota ya [...].
- (15) [...] Somos **poquitas** la verdad, el top 100 de **los youtubers** más vistos hay poquitas mujeres.

Nos exemplos (13) e (14), temos, claramente, os substantivos mais discutidos na LI, possuidores dos traços [+animado] e [+sexuado] e terminados em /a/ e /o/ motivadores do sexismo linguístico. Contudo, ao analisarmos o exemplo (15), embora tenhamos um adjetivo, **poquitas** (que não entrou na análise do corpus) e um substantivo não terminado em /a/, /e/, e /o/, podemos comprovar de que a forma feminina é sempre a forma marcada, e a forma masculina pode ser tanto masculina quanto não marcada, visto que em *los youtubers*, a entrevistada, além de se incluir no discurso, inclui as outras *youtubers* mulheres.

Além desse aspecto, percebemos que houve, de maneira proporcional, uma quantidade expressiva de palavras com o gênero não marcado. Como podemos visualizar em partes de seu discurso com os exemplos (16) e (17):

- (16) [...] puedes encontrar a alguien y sentirte identificado con esa persona sin conocerla y parece que es tu mejor **amigo**.
- (17) [...] los **niños** de los 90 no teníamos, porque en las series o en las películas no se hablaba de esas cosas.

A partir dessa fala da primeira entrevistada, percebemos que o uso do masculino genérico acontece naturalmente, mesmo em seu discurso feminista.

Tabela 2 - Resultados do Vídeo 2 de Bolli (*youtuber, instagrammer e stuffmaker*)

Tipo de substantivo	Quantidade	Exemplos
Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /a/	2	<i>chica, amiga</i>
Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /a/	1	<i>persona</i>
Substantivos femininos [-animado] em /a/	16	<i>fortaleza, vida</i>
Substantivos femininos [-animado] em /e/	1	<i>suerte</i>
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /e/	1	<i>hombre</i>
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /o/	3	<i>chico, amigo, hermano</i>
Substantivos masculinos [-animado] em /a/	2	<i>día, problema</i>
Substantivos masculinos [-animado] em /e/	3	<i>timbre, nombre, debates</i>
Substantivos masculinos [-animado] em /o/	24	<i>conflicto, trapo</i>
Substantivos com gênero não marcado [+animado]	3	<i>amigo, hermano</i>

Fonte: Autora (2019)

A fala da segunda entrevistada, Bolli, não apresentou substantivos femininos com os traços [+animado] e [+sexuado] terminados em /e/ e em /o/ e com o traço [-animado] terminado em /o/; e, substantivos masculinos com os traços [+animado] e [+sexuado] terminados em /a/, [+animado] e [-sexuado] terminados em /e/, [+animado] [-sexuado] terminados em /o/. Além disso, houve mais substantivos com o gênero não marcado e substantivos masculinos com os traços [+sexuado] e [+animado] que femininos com os mesmos traços.

Bolli, em sua entrevista, enfatizou que detesta qualquer tipo de eufemismo em relação ao machismo, como podemos perceber no trecho a seguir:

- (18) Yo odio, odio los eufemismos como, como figura retórica están fetén, pero en la vida real los eufemismos blanquean absolutamente todo. No es “idiota”, no es “gilipollas”: es machista.

E, mesmo sendo uma ativista feminista, usa o gênero não marcado, como podemos perceber nos exemplos de sua fala a seguir:

- (19) [...] No es un **fanático** radical, no no es facha.
 (20) [...] Si tú has tenido la suerte - **amigo, hermano** o **querido** - de no tener jamás un problema, un daño [...].
 (21) [...] Al final somos **todos** chicos y chicas con un discurso.

Tabela 3 - Resultados do Vídeo 3 de Tomasa del Real (cantora de Reggaeton)

Tipo de substantivo	Quantidade	Exemplos
Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /a/	2	<i>señorita, mamá</i>
Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /a/	1	<i>Persona</i>
Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /e/	1	<i>cantante</i>
Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /e/	1	<i>gente</i>
Substantivos femininos [-animado] em /a/	10	<i>fiesta, culpa</i>
Substantivos femininos [-animado] em /e/	1	<i>suerte</i>
Substantivos femininos [-animado] em /o/	1	<i>mano</i>
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /a/	1	<i>turista</i>
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /e/	1	<i>hombre</i>
Substantivos masculinos [+animado] [-sexuado] em /e/	1	<i>personaje</i>
Substantivos masculinos [-animado] em /a/	2	<i>día, temas</i>
Substantivos masculinos [-animado] em /e/	2	<i>tatuaje, pasaje</i>
Substantivos masculinos [-animado] em /o/	16	<i>tiempo, video</i>
Substantivos com gênero não marcado [+animado]	3	<i>amigos</i>

Fonte: Autora (2019)

O discurso da cantora de *reggaeton*, Tomasa del Real, não apresentou substantivos femininos com os traços [+animado] e [+sexuado] terminados em /o/; e, substantivos masculinos com os traços [+animado] e [-sexuado] terminados em /a/ e [+animado] [-sexuado] terminados em /o/. Além disso, houve mais substantivos com o gênero não marcado e substantivos masculinos com os traços [+sexuado] e [+animado] que femininos com os mesmos traços.

Sua entrevista foi bastante superficial em relação a gênero e machismo. As palavras usadas foram quantitativamente interessantes, pois preencheram, praticamente, todos os grupos. Um aspecto relevante foi, assim como nas entrevistas anteriores, o uso do masculino genérico para se referir a pessoas de ambos os sexos, como podemos ver no exemplo abaixo:

- (22) [...] Siento que *el reggaeton* un poco ha traído eso y nos dejó a **nosotros** más libres a las generaciones nuevas que lo entienden.

Tabela 4 - Resultados do Vídeo 4 de Teresa Rodríguez (deputada, professora, ativista e candidata às eleições de Andalucía)

Tipo de substantivo	Quantidade	Exemplos
Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /a/	7	niñas, limpiadora
Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /a/	1	personas
Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /e/	2	madre, docente
Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /e/	1	gente
Substantivos femininos [-animado] em /a/	54	aula, ayuda
Substantivos femininos [-animado] em /e/	3	mente, clases, bases
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /a/	1	pensionista
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /e/	1	hombres
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /o/	3	niños, diputados, “señoros”
Substantivos masculinos [-animado] em /a/	4	clima, problemas
Substantivos masculinos [-animado] em /e/	3	recortes, cine, mensaje
Substantivos masculinos [-animado] em /o/	65	tiempo, mundo
Substantivos com gênero não marcado [+animado]	3	niños, abuelos

Fonte: Autora (2019)

A fala da quarta entrevistada, a deputada, professora, ativista e candidata às eleições de Andalucía, Teresa Rodríguez, foi a mais monitorada e menos natural. Teresa não contemplou, em seu discurso, substantivos femininos com os traços [+animado] e [+sexuado] terminados em /o/; e, substantivos masculinos com os traços [+animado] e [-sexuado] terminados em /a/, [+animado] e [-sexuado] terminados em /e/, [+animado] [-sexuado] terminados em /o/. Percebemos que a deputada, em seu discurso, teve como pauta principal mulheres, políticas públicas e machismo e acreditamos que isso refletiu na análise quantitativa dos substantivos proferidos pela quarta entrevistada.

A quantidade de substantivos femininos e masculinos, de maneira geral, foi bastante proporcional, mas os substantivos femininos e masculinos com os traços [+sexuados] e [+animados] tiveram como maior enaltecimento os femininos terminados em /a/. Isso comprova a hipótese de que o feminino é o gênero marcado da língua, visto que Teresa Rodríguez procurou enfatizar muito a dicotomia entre os sexos feminino e masculino com a duplicação de gênero, como vemos a seguir:

- (23) [...] **diputadas y diputados** concretos podemos hacer [...];
- (24) [...] la educación **de los niños de las niñas**;
- (25) [...] por parte de **compañeros y compañeras** que podamos detectar casos de machismo;
- (26) hemos sido **todo y toda** educada en un sistema patriarcal;
- (27) [...] en cada una de **nosotras y nosotros** [...].

Além desse aspecto, a ativista, além de marcar o gênero masculino, normalmente, como ocorre no exemplo (25), também, compreende que a terminação /o/ é uma forma de marcação na LE, e a terminação /e/ compreende uma neutralidade como acontece com a palavra **señoros** (inventada pela entrevistadora com o intuito de marcar o gênero masculino em uma palavra que já o apresenta e que contrasta com **señoras**).

- (28) [...] mi madre me dijo con ocho años que hubiera preferido que yo hubiera sido un **niño**.
- (29) [...] si encontré esa solidaridad por parte de la mayoría de la gente luego es verdad que los **señoros** machistas sí estaban muy envalentonado entonces [...].

O que mais chamou atenção foi o fato de Teresa Rodríguez tentar usar a duplicação do gênero em praticamente toda a sua fala, porém, mesmo assim, utilizar, de maneira natural, o gênero masculino não marcado.

Embora sua fala atente-se a marcar ambos os gêneros, nem a própria falante conseguiu manter-se com esse discurso, pois, no meio de sua oratória, mesmo com o gênero duplicado, a entrevistada fez uso do masculino não marcado, inclusive, para se incluir no seu exemplo argumentativo, como podemos conferir abaixo, em (30), antes da duplicação dos pronomes **nosotros** e **nosotras**:

- (30) le dejemos la política a quienes tienen el corazón tan negro que tenemos que hacerla a **nosotros** para que nos lo hagan por **nosotras y nosotros**;

Essa atitude se repete, nos exemplos (31), (32) e (33). A política e professora utilizou os substantivos **niños** (31), **abuelos** (32) e **hijos** (32) como formas não marcadas, assim como – embora não estejamos analisando pronomes –, no exemplo (33), ela utilizou o pronome **nosotros** como forma não marcada para incluir-se no próprio discurso.

- (31) [...] atención **a niños** con necesidades educativas especiales;
- (32) [...] no era capaz de gestionar la sanidad de **los abuelos** y la educación de **los hijos**;
- (33) [...] **nosotros** hablamos de feminizar la política.

Tabela 5 - Resultados do Vídeo 5 de Mala Rodríguez (cantora de *rap*)

Tipo de substantivo	Quantidade	Exemplos
Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /a/	5	gitanas, amigas
Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /e/	1	gente
Substantivos femininos [-animado] em /a/	21	búsqueda, justicia
Substantivos femininos [-animado] em /e/	2	clase, suerte
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /a/	1	artista
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /o/	2	raperos, tío
Substantivos masculinos [-animado] em /a/	1	problemas
Substantivos masculinos [-animado] em /e/	2	cine, aprendizaje
Substantivos masculinos [-animado] em /o/	23	besos, libro

Fonte: Autora (2019)

Com Mala Rodríguez, cantora de *rap*, finalizamos a análise da fala das cinco entrevistas escolhidas do canal BuzzFeed LOLA. A última entrevistada foi escolhida com o objetivo de contrastá-la com a professora e ativista da quarta entrevista, pois, aparentemente, foi a menos engajada com o feminismo. A sua fala não contemplou substantivos femininos com os traços [+animado] e [-sexuado] terminados em /a/, [+animado] e [+sexuado] terminados em /e/, [+animado] e [+sexuado] terminados em /o/; e, substantivos masculinos com os traços [+animado] e [-sexuado] terminados em /a/, [+animado] e [+sexuado] terminados em /e/, [+animado] [-sexuado] terminados em /o/. Além disso, a cantora não utilizou nenhum substantivo com o gênero não marcado.

Com essa pesquisa, percebemos que, na visão geral, em relação a todos os vídeos, a análise se concretizou de acordo com a tabela a seguir, onde V designa vídeo, sempre acompanhado de seu número, de 1 a 5. Portanto, V1 refere-se ao primeiro vídeo, de Melo Moreno; V2, ao segundo, de Bolli; V3 ao terceiro, de Tomasa Real; V4, ao quarto, de Teresa Rodríguez; e, finalmente, V5, à última entrevistada, Mala Rodríguez.

Tabela 6 - Resultados Gerais da Pesquisa

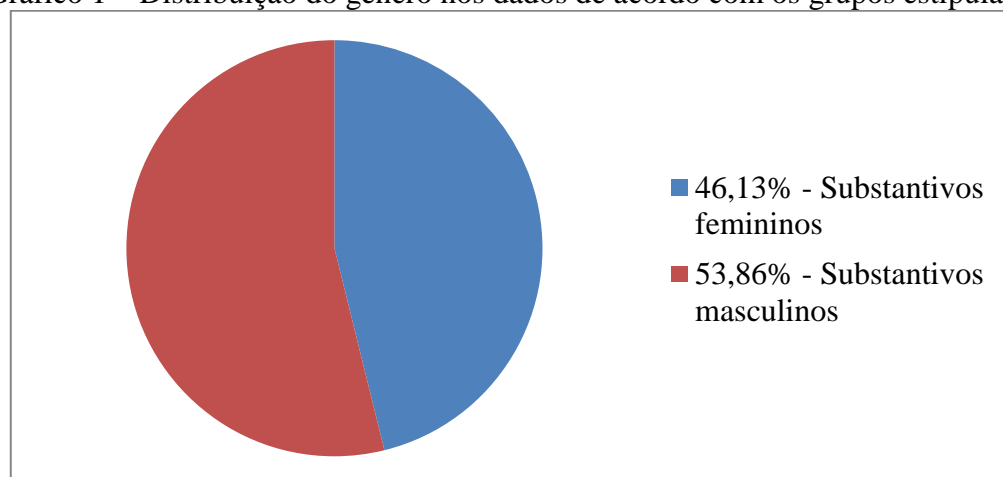
Tipo de substantivo	V1	V2	V3	V4	V5	Total
Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /a/	2	2	2	7	5	18 5,35%
Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /a/	0	1	1	1	0	3 0,89%
Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /e/	2	0	1	2	0	5 1,48%
Substantivos femininos [+animado] [-sexuado] em /e/	1	0	1	1	1	4 1,19%
Substantivos femininos [-animado] em /a/	12	16	10	54	21	113 33,63%
Substantivos femininos [-animado] em /e/	2	1	1	3	2	9 2,67%
Substantivos femininos [-animado] em /o/	2	0	1	0	0	3 0,89%
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /a/	1	0	1	1	1	4 1,19%
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /e/	0	1	1	1	0	3 0,89%
Substantivos masculinos [+animado] [-sexuado] em /e/	0	0	1	0	0	1 0,29%
Substantivos masculinos [+animado] [+sexuado] em /o/	1	3	0	3	2	9 2,67%
Substantivos masculinos [-animado] em /a/	1	2	2	4	1	10 2,97%
Substantivos masculinos [-animado] em /e/	2	3	2	3	2	12 3,57%
Substantivos masculinos [-animado] em /o/	0	24	16	65	23	128 38,09%
Substantivos com gênero não marcado [+animado]	1	3	3	3	0	10 2,97%
Substantivos femininos [+animado] [+sexuado] em /a/	4	0	0	0	0	4 1,19%
Total	31	56	43	148	58	336 100%

Fonte: Autora (2019).

Nas cinco entrevistas, percebemos que a representatividade de alguns substantivos foi nula, como, por exemplo, substantivos femininos [+animados] terminados em /o/, não importando o traço [+sexuado], substantivo masculino [+animado] e [-sexuado] terminado em /a/ e Substantivos masculinos [+animado] [-sexuado] em /o/.

É possível constatar na tabela seis dos resultados gerais da pesquisa que o desfecho dessa análise foram os seguintes: há mais palavras do gênero masculino (54,88%) que do gênero feminino (45,12%). A LE e a LP têm comportamento semelhante; contudo, nesse aspecto, nossa pesquisa não convergiu com a de Schwindt (2019), na qual ele afirma que há mais palavras femininas que masculinas na LP.

Gráfico 1 – Distribuição do gênero nos dados de acordo com os grupos estipulados



Fonte: Autora (2019).

As palavras terminadas em /a/ e /o/, independentemente de sua classificação como marcadores de GGr ou de VT, são predominantemente femininas e masculinas, respectivamente – essa característica parece se sobrepôr em termos de generalização ao fato de não haver isomorfismo perfeito na direção contrária (de gênero para vogal terminal). O que mais nos chamou atenção foi descobrir que, de fato, há mais substantivos masculinos terminados em /o/; entretanto, estamos analisando os substantivos como um todo, ou seja, incluindo substantivos concretos, abstratos, animados, inanimados, sexuados e não sexuados.

Como já enfatizamos, a LE e a LP manifestam comportamento semelhante. Em ambos idiomas, há predomínio de substantivos não sexuados. As pesquisas descritas por Schwindt (2019), apresentaram três aspectos relevantes: (i) há mais substantivos femininos na LP; (ii) entre os nomes animados e sexuados, há prevalência de masculino, assegurando, talvez, para muitos, a percepção de uma língua machista; (iii) palavras terminadas em /a/ e /o/ são, predominantemente, femininas e masculinas.

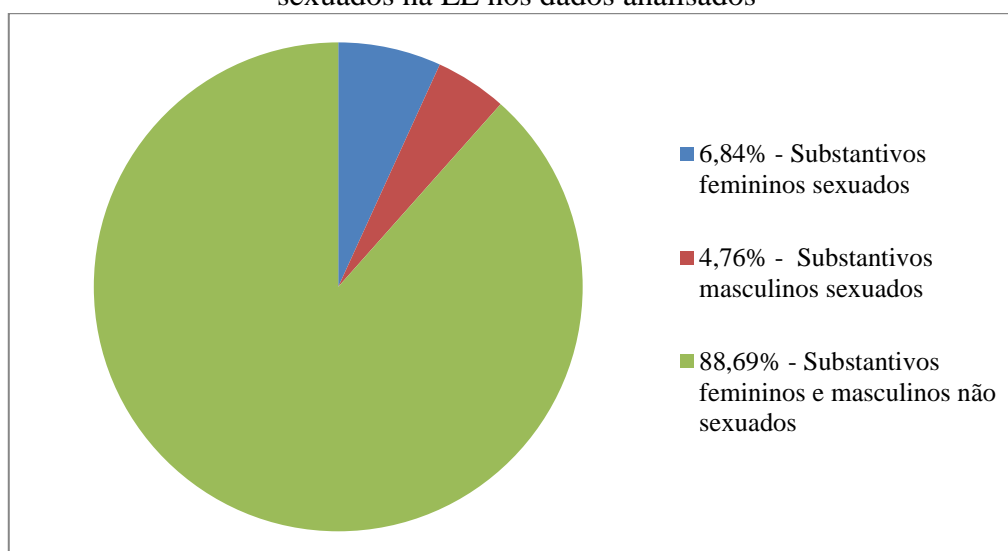
Nossa investigação, embora trate de línguas bastante semelhantes, não obteve os mesmos resultados em relação às duas primeiras perspectivas; entretanto, perante a terceira, esteve de acordo com Schwindt (2019). As principais evidências se resumem a seguir:

- (i) há mais substantivos masculinos na LE;
- (ii) entre os nomes animados e sexuados, há prevalência do GGr feminino;
- (iii) substantivos animados sexuados terminadas em /a/ e /o/ são, predominantemente, femininos e masculinos.

Poderíamos nos questionar sobre este número, pois se trata de uma análise fundamentada em um público específico e com perguntas direcionadas, fazendo com que a escolha lexical não seja tão abrangente. Contudo, em relação à porcentagem de palavras, embora restritas, vimos que está de acordo com os dados relatados por Clegg (2010) em relação à LE, que também afirma haver mais palavras masculinas que femininas.

Schwindt (2019) relatou que, entre os nomes animados sexuados, na LP, há prevalência de masculino, assegurando, talvez, para muitos, a percepção de uma língua machista, apesar de, como afirmamos, de modo geral, haver mais substantivos femininos do que masculinos na LP. Todavia, na LE, percebemos que há mais substantivos femininos sexuados que masculinos.

Gráfico 2 - Porcentagem geral de substantivos femininos e masculinos sexuados e não sexuados na LE nos dados analisados



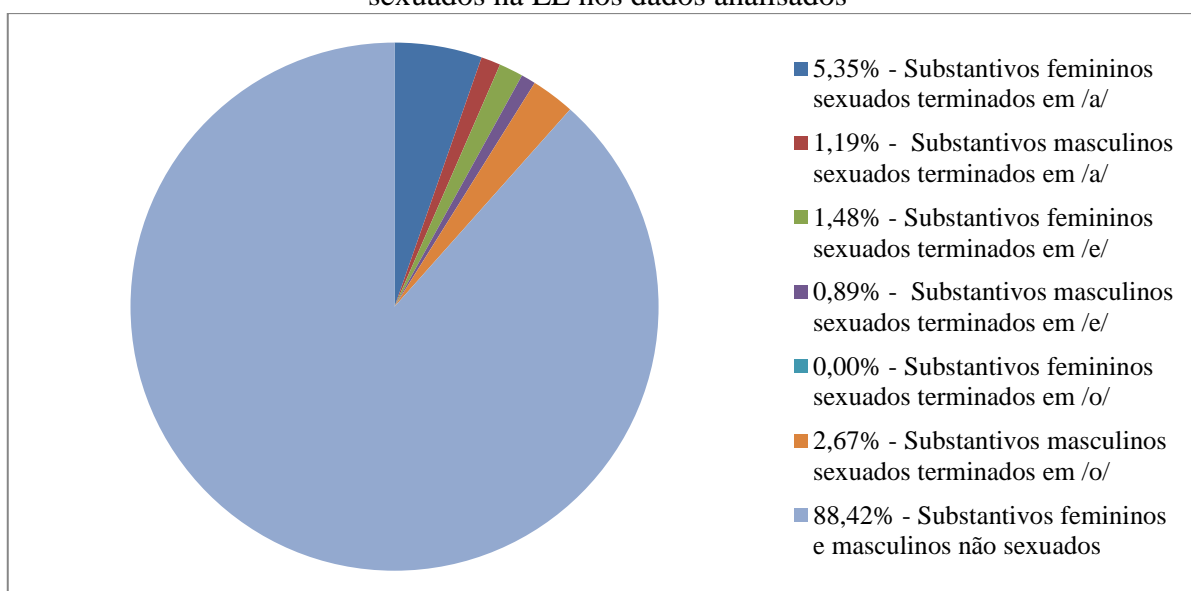
Fonte: Autora (2019).

Ao analisar somente substantivos animados e sexuados vimos que há mais substantivos femininos terminados em /a/ (6,84%) do que masculinos terminados em /o/

(4,76%), o que aparentemente contradiz a pesquisa de Schwindt (2019) da LP, na qual o autor apresentou que há mais substantivos biformes masculinos que femininos.

Nessa pesquisa, também interpretamos que não há substantivos femininos sexuados terminados em /o/, embora existam masculinos terminados em /a/; todavia, cabe informar que os substantivos masculinos terminados em /a/ são todos comuns de dois. Em relação ao gênero gramatical detalhado dos substantivos animados, sexuados e não sexuados, temos o seguinte gráfico:

Gráfico 3 - Porcentagem detalhada de substantivos femininos e masculinos sexuados e não sexuados na LE nos dados analisados



Fonte: Autora (2019).

Um fato bastante curioso despertou alguns questionamentos: todas as entrevistadas eram feministas – critério para participarem do referido canal. Todas usaram a forma do masculino não marcado para se referir a todas as pessoas incluídas naquele discurso. Contudo, a quarta entrevistada, Teresa Rodríguez, deputada e professora, como vimos anteriormente, foi a única que tentou utilizar a forma duplicada para a marcação do gênero não marcado. Como podemos visualizar em partes de seu discurso no exemplo (34), com os substantivos **compañeros** e **compañeras** e no exemplo (35) com os pronomes **nosotros** e **nosotras**; contudo, mesmo que sua fala se atente a marcar ambos os gêneros, a ativista não se manteve com a duplicação do gênero, visto que, no meio de sua entrevista, mesmo com o gênero duplicado, ela usou o masculino não marcado, como podemos conferir no exemplo (36), antes da duplicação dos pronomes **nosotros** e **nosotras**:

- (34) [...] por parte de **compañeros y compañeras** que podamos detectar casos de machismo;
- (35) [...] en cada una de **nosotras y nosotros** [...].
- (36) le dejemos la política a quienes tienen el corazón tan negro que tenemos que hacerla a **nosotros** para que nos lo hagan por **nosotras y nosotros**;

Em relação à terminação /e/, assimilamos, com a análise de dados, que os substantivos femininos animados sexuais e não sexuais terminados em /e/ foram apenas dois: **gente** (animado e não sexual) e **madre** (animado e sexual). No que se refere aos substantivos masculinos animados terminados em /e/, somente, encontramos um: **hombre**; e, além disso, há um número muito superior de substantivos masculinos inanimados terminados em /e/ do que femininos inanimados terminados com a mesma VT. De acordo com Clegg (2010), na LE, essa terminação é, normalmente, masculina. Além disso, tivemos a presença da palavra arte, no vídeo 3, de de Tomasa del Real (cantora de *reggaeton*), sem gênero explícito, a qual é ambígua, ou seja, aceita tanto o gênero feminino quanto o masculino sem alterar o seu sentido. Dessa forma, não a contabilizamos.

Observamos que, na LE, assim como a terminação /o/ é majoritariamente masculina, a terminação /e/ corresponde a essa mesma característica. Justificar, portanto, a utilização do /e/ como gênero neutro representa a mesma situação de utilizar a terminação /o/ com uma visão machista.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero, de maneira bastante precisa, ligado ao nível gramatical, não representa necessariamente sexo biológico (embora englobe a ideia), já que, como vimos, de acordo com Corbett (1991), ele também pode ser usado como um sistema organizacional, como uma espécie de classificador de uma categoria ou grupo.

Neste trabalho, detivemo-nos nos seguintes pontos:

- (i) a relação existente entre gênero gramatical e sexo biológico;
- (ii) a marcação de gênero em língua espanhola;
- (iii) a predizibilidade do gênero gramatical e a linguagem inclusiva;
- (iv) o uso da marca de gênero por mulheres feministas.

Em relação ao primeiro ponto – (i) a relação existente entre GGr e sexo biológico – compreendemos que a confusão linguística presente em relação ao vocábulo gênero tem suas justificativas, as quais são extremamente plausíveis, visto que, enquanto cada disciplina o adapta a um campo científico específico, a possibilidade de estudar as várias manifestações discursivas que o abrigam em diferentes ramos do conhecimento gerou mais questionamentos do que clareza. Conseguimos perceber que a noção desse vocábulo tem oferecido amostra suficiente para questionamentos do seu significado, repercutindo na dificuldade de seu uso com um significado puramente gramatical.

A delimitação acadêmica de GGr é inquestionável para muitos linguistas; contudo, o vocábulo gênero, quando analisado por outros teóricos não linguistas – em seu uso linguístico –, reflete essa confusão analisada nessa dissertação. O valor significativo do termo gênero configurou-se como uma coleção de significados abstratos, até então contidos no sexo, que vem ganhando terreno acadêmico e político a partir de sua generalização com o surgimento do movimento feminista. Desde então, as discussões sobre gênero na história, na gramática, na arte, na mídia, na sociologia ou em outros ramos do saber que lidam com pessoas transformaram-no em um amálgama de significados. Dessa forma, é compromisso nosso, estudiosos da linguagem, compreendê-lo, sistematizá-lo e separá-lo da noção de sexo biológico, fazendo nossa ciência ser considerada tão séria quanto as outras.

O GGr é determinado por um conjunto de propriedades que foram delimitadas na estrutura teórica desse trabalho, mas, ao mesmo tempo, está ligado de maneira natural à

percepção que o falante tem da realidade. Em função dessa relação com a realidade, compreendemos que o usuário da linguagem encontra, na sistematização de gênero (no nível linguístico), uma ajuda para transmitir a categorização da diferença (seja referencial seja social) entre homens e mulheres.

Os significados conotativos – como categoria social – que comportam o vocábulo gênero fizeram com que os falantes e defensores da LI considerassem a língua como um objeto não científico e utilizassem-na como uma transcrição metafórica do simbolismo sexual. Acreditamos que essa é a maior motivação para o surgimento de uma série de publicações que destacam os chamados “usos sexistas da linguagem”.

É importante ressaltar que, em nenhum momento, esse trabalho posiciona-se de maneira sexista, pelo contrário. Ele é escrito por uma mulher feminista que consegue diferenciar o que é um sistema linguístico formal de uma relação social entre homens e mulheres e que, além disso, compreende que a linguagem é um sistema natural, inato, coeso e econômico.

Sob o viés de Câmara Jr. (1970), nos estudos gramaticais, a definição de GGr é um critério de distribuição estrutural que não está diretamente ligada ao sexo biológico. Dessa forma, o autor vê que existe uma “incompreensão semântica”, tendo em vista que, normalmente, os falantes associam o GGr, somente, ao sexo biológico dos seres. Por esse motivo, cabe lembrar que o GGr pode se basear em sexo biológico; entretanto, o sexo é apenas uma de suas interfaces: ele faz parte da classificação de gênero gramatical na LE (assim como na LP), enquanto o gênero não contribui para o sexo biológico.

Em relação ao segundo aspecto – (ii) a marcação de gênero em LE – as circunstâncias semânticas relatadas pelo GGr vinculadas à oposição masculino/feminino são diversas e não exclusivamente relacionadas ao sexo. Temos, então, de especificar que a semântica do GGr pode ser traçada apenas em uma parte dos substantivos em espanhol e se manifesta no plano formal de maneiras muito diversas, e não apenas em substantivos animados sexuados (vecino/vecina); podemos encontrá-la nos substantivos inanimados (río/mano) ou nos animados não sexuados (persona).

Sabemos que as terminações das palavras, normalmente, quando se referem a substantivos animados e sexuados, mantêm uma relação direta com o gênero; portanto, esse trabalho visou, inicialmente, a esclarecer a confusão existente entre GGr e sexo biológico, dado que a atribuição de gênero é menos semântica e, na maioria dos casos, a exponência fonológica de gênero gramatical é da esfera da morfologia e da fonologia.

Nos fundamentamos em Ambadiang (1999), a classificação do gênero se baseia em critérios lexicais morfológicamente marcados pela existência da VT e pelo contraste de diferentes palavras. A VT é identificada por Câmara Jr. (1970) e por Bermúdez-Otero (2006) como índice classificatório que atribui uma classe morfológica aos nomes e aos verbos da língua, e os dois linguistas propõem três vogais temáticas: /a/, /o/ e /e/. Além disso, na visão de Corbett (1991), existe uma relação entre o gênero e a declinação a que ele pertence; portanto, o autor associa os critérios de ordem morfológica ao gênero gramatical a que a palavra pertence.

Nossas pesquisas nos apresentaram os seguintes resultados:

- (i) há mais substantivos masculinos na LE;
- (ii) entre os nomes animados e sexuados, há prevalência do GGr feminino;
- (iii) substantivos animados sexuados terminadas em /a/ e /o/ são, predominantemente, femininos e masculinos;
- (iv) o masculino, por ser a forma não marcada, assume também o valor genérico.

Embora compreendamos que as terminações não são determinantes para classificação do gênero gramatical e que há palavras terminadas em /a/ que são masculinas (**el planeta**) e palavras terminadas em /o/ que são femininas (**la mano**), quando tratamos de substantivos animados e sexuados, normalmente, a terminação /a/ será para vocábulos femininos (**la muchacha**) e a terminação /o/ para vocábulos masculinos (**el muchacho**). A LE também usa o masculino como uma forma não marcada. Esses dois pontos são as principais motivações deste trabalho, visto que há mais palavras masculinas, e o masculino é, também, a forma não marcada. A língua é considerada machista, por conter mais palavras masculinas e usar o masculino com valor genérico – o que causa a impressão de que o masculino está muito mais presente que o feminino; contudo, quando o masculino assume sua forma genérica, o seu valor corresponde ao todo, não somente a seres que são, ou se consideram, do sexo masculino. Para Clegg (2010), como o fato de /a/ ser o único final feminino produtivo e marcado, a generalização do masculino é necessária por ser econômica.

No que se refere ao terceiro tópico – (iii) a predizibilidade do gênero gramatical e a produtividade – nos alicerçamos na visão de Pinto (2017) e de Corbett (1991). O primeiro autor afirma que o gênero, na LE, é inerente aos nomes, e se divide em duas classes diferentes (masculina ou feminina). Nesse idioma (excluindo a distinção de gênero através de palavras com um radical diferente, como yerno/nuera), o GGr tem, em geral, um marcador presente na

estrutura da palavra, chamado VT. Já o segundo declara que os nomes que portam determinada declinação já carregam seu GGr específico, ou seja, há uma correlação entre esses itens morfológicos e o valor de gênero gramatical nos nomes. Dessa maneira, de acordo com Corbett (1991), os falantes nativos têm a habilidade de atribuir gênero aos substantivos da língua, sendo gênero algo mais transparente aos falantes e menos memorizado e gravado idiossincraticamente no léxico. Isso é também o que revelou, para o PB, a análise empírica realizada por Schwindt (2019).

É inegável que a maioria das palavras do gênero masculino são terminadas em /o/ e do gênero feminino em /a/. Essa percepção de binarismo no gênero gramatical motivou, junto com movimentos feministas, o nascimento de guias da LI ou não sexista. Esse modelo de linguagem se impõe no uso da língua de duas formas: duplicando o gênero – é necessário que o falante use tanto o feminino quanto o em seu discurso –, e substituindo o masculino não marcado /o/ pela terminação /e/.

Em relação à primeira hipótese, da duplicação, como, por exemplo, o uso de “todos e todas” é menos econômico, o que, em geral, as línguas evitam, em especial na ausência de um argumento compensatório. Além disso, essa repetição é estruturalmente limitada. Uma das entrevistadas de nossa amostra, a propósito, empregou a duplicação alternando-a com o uso masculino genérico, como mostramos anteriormente.

Na utilização da LI, como vimos, há, inclusive, guias para o seu uso, nos quais se identifica um movimento de substituição de formas genéricas masculinas pela terminação /e/. No entanto, valendo-nos da perspectiva de Corbin (1987), essa substituição não parece rentável na língua. A rentabilidade linguística depende de um fator contingente, resultante da interação entre as restrições inerentes a um processo e suas condições de uso real, ou seja, como parece que a maior parte dos usuários da LE não identifica necessidade concreta comunicativa para esse uso, a suposta forma nova se mostra improdutiva. Também do ponto de vista da disponibilidade, a terminação /e/ é suspeita para marcar nomes sexuais genéricos, uma vez que há inúmeras palavras de gênero único na língua espanhola, masculinas e femininas, como **puente** ou **leche**, respectivamente, que são fechadas por essa vogal.

Tendo em consideração o último item – (iv) resultado da análise empírica – percebemos que o uso do masculino não marcado foi recorrente para todas as entrevistadas feministas, inclusive, para a quarta, Teresa Rodríguez, que tentou arduamente, usar a duplicidade de GGr em grande parte de seu discurso. No entanto, como já havíamos previsto,

por mais que ela se esforçasse, a LI não é algo natural, pois, quanto mais ela falava, mais misturava a forma do masculino não marcado com a LI.

Gênero gramatical é uma categoria intrigante, que, aparentemente, está enraizada na estrutura de algumas línguas e ausente em outras. Isso é encontrado até mesmo em línguas relacionadas: assim, enquanto, entre as línguas indo-arianas, algumas têm dois ou três gêneros, com concordância substancial, outras, como o bengali, não têm gênero nem mesmo nos pronomes pessoais, como descreve Corbett (1991). Nas línguas em que ocorre gênero, as regras de atribuição podem ser simples, como em kannada e qafar, ou complexas, como em francês e alemão.

Com esse trabalho, confirmamos que a língua, por mais que se transforme, não ocorre de maneira caótica e nem pré-determinada. Ela é o reflexo da sociedade, e não a sociedade é o reflexo dela. Afirmar que o espanhol ou português são idiomas machistas por usarem o masculino como forma não marcada é, em nosso entendimento, equivocado. Caso essa afirmação fosse verdadeira, implicaria que as sociedades em que o gênero feminino é o não marcado – portanto, o mais produtivo –, como ocorre na língua Zayse da Etiópia, seriam mais progressistas; porém, nesse lugar, ainda é praticada a circuncisão feminina. Os sistemas linguísticos de oposições trabalham de tal maneira que sempre um membro da oposição é o mais básico, isto é, é o mais frequente e automatizado ao citar uma palavra. Línguas em que o masculino é o membro não marcado não correspondem necessariamente a sociedades patriarcais e altamente discriminatórias das mulheres.

Percebemos que estudos sobre o gênero gramatical estão gradualmente progredindo e atraindo cada vez mais interesse, abrindo espaço para um debate progressivo. Os linguistas que cogitam defender a tese de que os sistemas gramaticais são um reflexo das relações de gênero social colocam-se diante da difícil tarefa de reunir evidências que contradigam sistemas de regras, incluindo a noção de marcação, e mesmas descrições sobre produtividade no emprego de marcas de gênero. Se é, pois, a língua que espelha a sociedade, não o contrário, todo esforço explicativo deve acompanhar essa direção.

Queremos esclarecer que nossas discussões apenas tentaram compreender quais são as motivações da LI e se esse novo sistema linguístico faz ou não sentido na LE. Em nenhum momento tentamos reorganizar o sistema de GGr e VT na LE, apenas tentamos esclarecer que a língua é interna e coesa. Nossos resultados, aliás, confirmam que o GGr é uma categoria complexa, que, aparentemente, está enraizada na estrutura de algumas línguas e ausente em outras, além de articular-se com o sistema formal morfofonológico.

Nosso objetivo foi lançar um olhar baseado em produtividade morfológica para compreender como os falantes conseguem prever o GGr das palavras. No entanto, mesmo com a intenção de impor uma nova forma de linguagem, são incapazes de modificar o sistema linguístico.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, C. As classes formais do PB. **Letras de Hoje**, v. 45, n. 1, p. 5-15, 2010.
- ALMELA, R. **Materiales para el estudio del español (morfémica)**. Barcelona: DM, 1994.
- AMBADIANG, T. La flexión nominal. Género y número. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Orgs.). **Gramática descriptiva de la lengua española: entre la oración y el discurso: morfología**. Madrid: Espasa, 1999. p. 4843-4913.
- ARMELIN, P. Classifying Nominals in Brazilian Portuguese: a unified account for gender and inflectional class. In: VESELOVSKÁ, L.; JANEBOVÁ, M. (Eds.). **Complex Visible Out There: Language Use and Linguistic Structure**. Olomouc: Palacky University, 2014. p. 67-82.
- ARONOFF, M. Potential words, actual words, productivity and frequency. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF LINGUISTICS, 13., 1983. **Anais...** Tokyo, 1983. p. 163-171.
- ARONOFF, M. **Word Formation in Generative Grammar**. Cambridge: MIT Press, 1976.
- AUSTIN, P. **A Grammar of Diyari, South Australia**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- ÁVILA, M. C.; COX, M. I. P. O “internetês” e o legado da história da escrita. **Signótica**, v. 20, n. 2, p. 419-445, jul./dez. 2008.
- BERMÚDEZ-OTERO, R. Morphological structure and phonological domains in Spanish denominal derivation. In: MARTÍNEZ-GIL, F.; COLINA, S. (Eds.). **Optimality-theoretic studies in Spanish phonology**. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 278-311.
- BERMÚDEZ-OTERO, R. The Spanish lexicon stores stems with theme vowels, not roots with inflectional class features. **Probus**, v. 25, n. 1, p. 3-103, 2012.
- BOOIJ, G. **Dutch morphology: a study of word formation in Generative Grammar**. Dordrecht: Foris, 1977.
- BOSQUE, I. Sexismo lingüístico y visibilidad de la mujer. In: UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE BARCELONA. **Guía para el uso no sexista del lenguaje**. Barcelona: Universidad Autònoma de Barcelona, 2012. Disponível em: https://www.uab.cat/Document/964/953/Guia_uso_no_sexista_lenguaje2,0.pdf. Acesso em: 12 jan. 2019.
- CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CALVO, M. G. El género, ¿una categoría morfológica? **Anuario de Estudios Filológicos**, n. 2, p. 51-73, 1979.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, D. O traço de gênero na morfossintaxe do português. **Delta**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 635-660, abr./jun. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-44500810472004 0323>. Acesso em: 5 fev. 2019.

CLEGG, J. H. Native Spanish Speaker Intuition in Noun Gender Assignment. **Language Design**, v. 12, Indiana University-Purdue University Fort Wayne, p. 5-18, 2010.

COLLING, A. M. **Substituição de marcadores de gênero na linguagem escrita busca diminuir preconceitos**. Gaúcha ZH, 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/10/substituicao-de-marcadores-de-genero-na-linguagem-escrita-busca-diminuir-preconceitos-4861701.html>. Acesso em: 5 fev. 2019.

CORBETT, G. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

CORBIN, D. **Morphologie dérivationelle et structuration du lexique**. Tübingen: Niemeyer, 1987.

COSERIU, E. **Lecciones de lingüística general**. Madrid: Gredos, 1981.

CUERVO, R. Sobre los usos del sufijo -o en castellano. In: **Disquisiciones sobre filología castellana**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1954. p. 89-102.

DEWAELE, J. M.; VÉRONIQUE, D. Gender assignment and gender agreement in advanced French interlanguage: a crosssectional study. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 4, n. 3, p. 275-297, dez. 2001. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/bilingualism-language-and-cognition/article/gender-assignment-and-gender-agreement-in-advanced-french-interlanguage-a-crosssectional-study/4C135291684ADCEE1EBBC784C0D93ECD>. Acesso em: 12 jan. 2019.

DIXON, R. M. W. Arawá. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. (Eds.). **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 293-306.

EMENEAU, M. B. **Kolami: a Dravidian Language**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1955.

FROMKIN, V. et al. **Linguistics: an Introduction to Linguistic Theory**. USA: Blackwell Publishing, 2000.

GIRALDO, J. J. M. Notas sobre el género gramatical en Bello y en la actualidad. **Thesaurus**, v. 52, n. 1-3, p. 144-155, 1997. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/52/TH_52_123_144_0.pdf. Acesso em: 12 jan. 2019.

GÓMEZ, R. **Pequeño manifiesto sobre el género neutro en castellano**. 2016. Disponível em: <https://linguaultrafinitio.files.wordpress.com/2016/04/pequec3b1o-manifiesto-sobre-el-gc3a9-nero-neutro-en-castellano.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Ed.). **The view from the Building 20: essays in Honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge: MIT Press, 1993. p.111-176.

HARRIS, J. W. The exponence of gender in Spanish. **Linguistic Inquiry**, v. 22, n. 1, p. 27-62, 1991. Disponível em: http://linguistics.fas.harvard.edu/files/linguistics/files/james_harris_on_sp_gender.pdf?m=1394463289. Acesso em: 23 fev. 2019.

HUALDE, J. I.; OLARREA, A.; ESCOBAR, A. M. **Introducción a la lingüística hispánica**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

JAWORSKI, A.; COUPLAND, N. Introduction: perspectives in discourse analysis. In: **The discourse reader**. 2. ed. London: Routledge, 2006.

KATAMBA, F. **Morphology**. Hampshire: Palgrave, 1993.

KEHDI, V. **A morfologia e a sintaxe portuguesas na obra de J. Mattoso Câmara Jr.** São Paulo: USP/Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Área: Filologia e Língua Portuguesa, 1998 (tese de livre-docência).

LOMOTÉY, B.A. **El sexismo lingüístico e implicaciones reformistas para la lengua: una perspectiva crítica del español y un estudio colateral del ga**. Universidad Nacional de Educación a Distancia (España). Facultad de Filología. Departamento de Lengua Española y Lingüística General – Área: Filologia, 2015 (tese de doutorado).

MÄDER, G. R. C. **Masculino genérico e sexismo gramatical**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2015.

MARCUSCHI, L. C. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. C.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67.

MARCUSCHI, L. C.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MATZENAUER, C. L. B.; BISOL, L. O inventário e a distribuição subjacente das vogais temáticas na classe dos nomes do português. **Alfa**, São Paulo, v. 60, n. 2, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1608-5>. Acesso em: 7 fev. 2019.

MIRANDA, P. A. ¿Una Constitución “bigénero”? **El País**, jun. 2018. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2018/07/19/opinion/1532016490_743662.html. Acesso em: 12 jan. 2018.

MORENO, C. **Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

MORERA, M. **El género gramatical en español desde el punto de vistasemántico**. Frankfurt: Peter Lang, 2011.

MOTA, M. A. Morfologia nas interfaces. In: MARTINS, C. (Ed.). **Manual de linguística portuguesa**. Berlin/Boston: De Gruyter/Bizarro, 2016. p. 168-188.

NIETO, A. M. P. ELE: género gramatical y sexismo lingüístico. In: **Nuevas perspectivas en la enseñanza del español como lengua extranjera : actas del X Congreso Internacional de ASELE**, Vol. 2, 2000, ISBN 84-921520-7-9, págs. 551-558. Cádiz, 22-25 de septiembre de 1999.

OLIVEIRA, R. N.; DUQUE, A. P.; WEYL, L. M. Linguagem inclusiv@: O que é e para que serve?! In: SOUZA JUNIOR, J. G.; APOSTOLOVA, B. S.; FONSECA, L. G. D. (Orgs.). **O direito achado na rua: Introdução crítica ao direito das mulheres**. Brasília: CEAD/FUB, 2012. p. 129-132.

PARKER, I. Discourse: definitions and contradictions. **Philosophical Psychology**, v. 3, p. 189-204, 1990.

PERISSINOTTO, G. Lingüística y sexismo. **Diálogos**, v. 18, n. 2, p. 30-34, 1982.

PINTO, J. A aquisição do género e da concordância de género em português língua terceira ou língua adicional. In: OSÓRIO, P. (Coord.). **Teorias e Usos Linguísticos**. Lisboa: Lidel, 2017. p. 91-110.

POSSENTI, S. Você entende internetês? **Discutindo Língua Portuguesa**, v. 1, n. 2, 2006.

QUADROS, E. S. Reflexões acerca da produtividade morfológica e de sua medição: estudo de sufixos nominalizadores do português. **ReVEL**, ed. esp., n. 5, 2011. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_reflexoes_acerca_da_produtividade_morfologica.pdf. Acesso em: 12 jan. 2019.

QUESADA, J. D. Lengua(je) y género: Entre lo sensato y lo ridículo. **Káñina**, Universidad Costa Rica, v. 36, n. 1, p. 215-229, 2012. Disponível em: <https://zwww.redalyc.org/articulo.oa?id=44249252016>. Acesso em: 12 jan. 2018.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). **Diccionario Panhispánico de Dudas**. 2005. Disponível em: <http://lema.rae.es/dpd/srv/search?id=Tr5x8MFOuD6DVTIDBg>. Acesso em: 12 jan. 2019.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**, Madrid, Espasa Calpe, 1973.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). **Gramática de la Lengua Española**. Madrid: Espasa Calpe, 1931.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). **Nueva Gramática de La Lengua Española**. Madrid: Espasa Calpe, 2009.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). **Nueva Gramática de La Lengua Española: manual**. Madrid: Espasa Calpe, 2010.

RIO GRANDE DO SUL. **Manual para o uso não sexista da linguagem**. Porto Alegre: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf. Acesso em: 5 fev. 2019.

ROCA, I. La gramática y la biología en el género del español (1ª parte). **Revista Española de Lingüística**, n. 35, v. 1, p. 17-44, 2005.

ROCA, I. La gramática y la biología en el género del español (2ª parte). **Revista Española de Lingüística**, n. 35, v. 2, p. 397-432, 2006.

ROMEO, P. G.; MUÑOZ, L. O. **Gramática castellana**. Texto establecido sobre la ed. “princeps” de 1492. Vol. I. Madrid: Junta del Centenario, 1946.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1986.

SCHULTINK, H. **Produktiviteit als Morphologisch Fenomeen**. 1961. Disponível em: https://www.dbnl.org/tekst/schu018prod01_01/. Acesso em: 14 jan. 2019.

SCHWINDT, L. C. **Exponência de gênero e classe temática em português brasileiro**. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-44509154975775546>. Acesso em: 8 fev. 2019.

SCHWINDT, L. C. (Org.). **Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHWINDT, L. C. Palavra fonológica e derivação em Português Brasileiro: considerações para a arquitetura da gramática. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Fonologia: teorias e perspectivas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 15-28.

SCHWINDT, L. C. **Predizibilidade da marcação de gênero em substantivos no português brasileiro**. In: CARVALHO, D.; BRITO, D. (Org.). **Gênero e Língua(gem): teoria e análise** (título provisório). (Manuscrito aceito para publicação). 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B98IqtmAZ-MNUmFzOURma1A0aEE/view>. Acesso em: 23 fev. 2019.

SCHWINDT, L. C. Zeros na morfologia nominal portuguesa à luz da Optimal Interleaving Theory. **ReVEL**, edição especial, n. 5, 2011.

SCHWINDT, L. C.; COLLISCHONN, G. **Por que a distinção entre gênero social e gramatical na língua portuguesa é necessária ao idioma**. Gaúcha ZH, 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/12/por-que-a-distincao-entre-genero-social-e-gramatical-na-lingua-portuguesa-e-necessaria-ao-idioma-4928930.html>. Acesso em: 4 fev. 2019.

SCHWINDT, L. C.; WETZELS, W. L. The morphology and phonology of inflection. In: COSTA, J.; MENUZZI, S. M.; WETZELS, W. L. **Handbbook of Portuguese Linguistics**. Nova Kersey: Wiley-Blackwell, 2016. p. 188-209.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. New York: Columbia University Press, 1989.

SPITZOVÁ, E. **Morfologia espanhola**. Praha: Universidad de Masaryk, 2001.

SRIDHAR, S. N. **Kannada: Descriptive Grammars Series**. London: Routledge, 1990.

UNIVERSITAT AUTÒNOMA DE BARCELONA. **Guía para el uso no sexista del lenguaje el la Universitat Autònoma de Barcelona.** Barcelona: UAB, 2011. Disponível em: https://www.uab.cat/Document/964/953/Guia_uso_no_sexista_lenguaje2,0.pdf. Acesso em: 14 jan. 2019.

VILELA, M. Considerações sobre o género gramatical. **Revista do Porto**, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 1, p. 139-150, 1973.

VILLALVA, A. Estrutura mórfica básica. In: MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa.** 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 919-931.

ANEXO A - VÍDEO 1



VÍDEO 1

Duração: 06:11

Título: Girl Crush: Melo Moreno, YellowMellow

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=bORWqD1I188>

Hola! Soy Melo Moreno, aunque en Youtube me conocen más como Yellowmelo y soy Youtuber y cantante.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Cómo te sientes al ser una de las pocas mujeres con cifras altísimas en Youtube? ¿Te mirán más con lupa cuando eres mujer?

Hay poquitas sobre todo en mi ámbito, que es entretenimiento, como algo un poco más general porque sí que hay muchas que son muy grandes de moda, de belleza que es como un plan lo único en lo que las mujeres pueden ser grandes, pero sí ahora por suerte han crecido nuevas como Paula Ganu o mi compi Roenlared. Somos poquitas la verdad, el top 100 de los youtubers más vistos hay poquitas mujeres. Igual sí que hay prejuicios aún pero creo que poco a poco sobre todas las nuevas generaciones la gente joven que nos ven creo que eso se va eliminando porque se va viendo que sí que las chicas también hacemos humor mejor o peor eso va a gustos, como que te analizan más si eres una chica. Si eres un chico como que te valoran simplemente tu contenido, pero creo que las chicas tenemos este pequeño impedimento que es como que bien vale, esta pava antes de ver lo que me está contando lo que te decía, me van a fijar en cómo es, cómo viste, como si maquilla, si se depila bien las piernas, si tiene el mostacho depilado o no o como tiene los labios de cortados. Que esto es algo que me pasa a mí y lo tengo desde siempre, desde pequeña y es algo que no puedo solucionar? Vale? Dejadme en paz. Pero sí, como que hay que digamos que romper una pared cuando eres una chica que el chico la tiene rota ya.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Qué es lo más guay que te ha dado Youtube?

Yo creo que la sensación de la sensación de que a mucha gente le estás haciendo bien? sabes? la sensación de, vale, le estoy aportando algo realmente algo que tiene valor para alguna gente no estoy aportando simplemente un momento de entretenimiento que es perfectamente válido y lícito y correcto, pero aparte de eso también está bien tener la sensación de vale "he ayudado a esta persona" o te escribe un mensaje una chica un día "oye, tenía un día de mierda y gracias a este video me has ayudado un montón". Yo creo que al final es la magia de Youtube en sí, es la gente en su casa que podría ser tú, podría ser cualquiera, podría ser cualquiera que esté viendo el video y contando sus cosas como si se las estuviera contando a un colega. Yo creo que eso es el digamos que el secreto del éxito que ha tenido el Youtube con los jóvenes que de repente tienen un montón de referentes, pues que te pueden hablar de repente de género, de sexualidad de mira tema ansiedad de tal

referentes que antes quizás nosotros en los niños de los 90 no teníamos, porque en las series o en las películas no se hablaba de esas cosas. Igual en las series o en las películas sólo se veían parejas heterosexuales y si en algún momento si a ti te pasaba algo o te gustaba un chico y eras un chico o una chica y eras una chica, decías “pero que me pasas? soy muy rara” porque no lo veías y ahora en Youtube, creo que los jóvenes que crecen viendo Youtube, que son la gran mayoría, tienen este tipo de referentes, tienen variedad tiene... “me siento así y mira esta chica habla de esto, voy a verla...” y yo creo que es como la magia del éxito de Youtube entre los jóvenes que hay un montón de referentes para todo y puedes encontrar a alguien y sentirte identificado con esa persona sin conocerla y parece que es tu mejor amigo y luego cuando te vienen por la calle te abrazan y vale me conocen bien y yo a ella no, pero es curiosa.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Te has encontrado alguna barrera por ser youtuber en tu carrera música?

De momento no me estoy encontrando ninguno, ninguna barrera porque o sea a todas las entrevistas que estoy yendo esta semana hemos tenido montón y como que todos muy curiosos en el plan y todos coinciden en el hecho de que no por ser youtuber no vas a tener talento extra que es como un concepto que se tiene bastante generalizado y bueno he tenido las sorte de rodearme con gente que me apoya un montón, el equipo de la discográfica, el productor... toda la gente es como dale caña, porque al final el hecho de que hagas vídeos en Youtube no significa que no tengo nada que contar, justamente lo contrario, justamente en absolutamente todo lo contrario, o sea que hay mucho talento en Youtube lo que pasa es que igual de las cosas que se ven son las que menos se tendrían que ver como el na vida intera.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Cómo te sientes al pasar de un entorno body positive como suele ser Youtube a un mundo que suele ser más normativo, como la industria musical?

Sí que es cierto que vengo de un entorno bastante seguro, te sientes cómoda, en el que todo el mundo se acepta, o al menos eso dice porque luego al final claro, una cosa es distinta lo que dices y lo que haces, pero no sé, igual, igual también en la música hay que entrar a romper un poco con eso, con estos tipos de estereotipos, pero igual no me pongo un traje como el que se pone a Rihanna para hacer sus conciertos que por cierto a Rihanna también le metió muchísima caña. Nunca entenderé las críticas a Rihanna, pero bueno no sé creo que las cosas van avanzando y cuanto más vayan saliendo gente que se salen del canon o de lo normativo, pues mejor y creo que poco a poco va a pasar también en la música.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿En qué momento de tu vida tomas conciencia feminista?

Yo creo que el año pasado fue muy bestia para el movimiento del feminismo. Quizás 2017 para muchas ha sido un despertar, porque creo que hemos despertado todas juntas ¿no? y te das cuenta de pequeños comentarios o actitudes que tienes que dices “pero madre mía, pero si esto que estoy haciendo es machista, esto que digo es supermachista.” y bueno, creo que en

general el año pasado para mí fue descubrir y aprender muchísimo también porque hay mucha gente en Youtube que empezó a hacer vídeos hablando de eso gente que llevaba muchas cifras hablando de eso y fue bastante bueno y sigo aún hoy en día corrigiendo movidas.

ANEXO B - VÍDEO 2



VÍDEO 2

Duração: 05:37

Título: Girl Crush: Bolli

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=G_CbOIfkZH0

Hola! Soy Bolli y tengo 29 años soy youtuber, instagramer, stuffmaker y estoy despierta.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Cómo lidia con los haters una persona que hace tanto activismo en las redes sociales?

Normalmente no suelo entrar al conflicto a menos que considere que de esto se puede sacar algo; no soy yo muy fan de ponerme; yo genero un debate, lo planteo y sí a veces hay suerte pues, sí se genera un debate sano. Pero, es verdad que siempre está el o los señores que vienen a comentar y normalmente no entró al trapo porque considero que es muy nocivo y muy tóxico. Yo soy una persona que sí hace mucho optimismo; que sí, a veces puede ser muy hostil - o yo no quiero definirme como "hostil", pero sí directa, y entiendo que eso genera ciertos dolores, pero suelo acabar los debates o las discusiones que puede haber dentro de mis redes sociales. Las cierro muy rápido porque directamente digo "No, aquí no hay debate. Fuera, se acabó".

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Crees que la palabra "HATER" se está usando para blanquear a auténticos acosadores?

Yo odio, odio los eufemismos como, como figura retórica están fetén, pero en la vida real los eufemismos blanquean absolutamente todo. No es "idiota", no es "gilipollas": es machista. No es un "fanático radical", no es "facha". Las cosas tienen un nombre, y no tienen más. Es que... me sucede mucho, me sucede cuando visibilizo, señalo, apunto un caso de acoso y alguien viene me dice "es un idiota, un caso concreto", y digo: sería un caso concreto si realmente no hubiera una comunidad homogénea que hubiera apuntado el mismo problema. ¿No os parece muy grave, señores, personas del mundo, que de verdad haya una comunidad, el 50 por ciento de la población que haya dicho literalmente que ha sufrido acoso? Y yo lo vivo porque mi comunidad es 80 por ciento mujeres, y raro es el día que no hay un acoso, hay una violación y eso tiene un nombre, y llamarlo de otra manera, llamarlo "hater"; es que los "haters"...! No! Son verdaderas personas... o sea, son criminales, pero son personas que están cometiendo delitos de odio. Y ya está, ahí tienen su nombre dentro de cada categoría. Y que, de hecho, "heter" es una palabra que no utilizo casi nunca porque me parece, que al final, es recurrir siempre al discurso de "es odio". Sí, es odio, pero a un colectivo concreto: es misoginia, es machismo, es homofobia, es transfobia. Y todo este tipo de "fobias" al final esconden algo mucho más duro.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Han aumentado el machismo y la misoginia en redes sociales en los últimos meses?

Bueno, siempre que hay una fuerza positiva la naturaleza tiende a generar una fuerza negativa, esto es por física pura. Esto solamente significa que estamos haciendo muy bien nuestro trabajo. Llevo diez años en redes y yo he visto cómo hemos pasado de jiji jaja, de donde Twitter era un sitio mucho más... no quiero decir menos oscuro, pero era un sitio pues más alegre. Pero a partir de según qué situaciones, donde nos hemos dado cuenta de que podemos quejarnos... no solamente podemos, debemos quejarnos. Eso, pues, evidentemente tiene una contraprestación negativa, donde el “pero por qué no te quejas”, “esto no tiene ningún sentido” ... Si tú has tenido la suerte - amigo, hermano o querido- de no tener jamás un problema, un daño... perfecto, de verdad; has vivido ha vivido un sitio, un oasis. Pero yo sí. Yo sí lo he tenido, y tengo derecho a quejarme por ello. Tengo que tener un hueco para hacer hacerlo.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Se percibe y se juzga de forma distinta a los hombres y a las mujeres en Youtube?

A mí me decían, una de las cosas que más me llama la atención, que grito mucho. Y es verdad, tengo un torrente de voz guapo, pero que les molestaba mucho que gritara, y “es que siempre gritas, por qué”. Luego veo que esas mismas personas que a mí me decían “gritas mucho” ahora son fans de Ignatius o de Ibai, que son personas que tienen un torrente de voz encimaba... que además es un recurso para comunicar una cosa. Entonces, al final dices “creo que no era mi voz lo que les molestaba, no era el tono de mi voz, no era el timbre, no era... Te molesto yo. Y pregúntate tú por qué te molesto yo. Yo estoy a gusto conmigo. Y hay una comunidad que parece que sí me entiende a pesar de los altos y bajos en el tono de mi voz. Una mujer necesita, no solamente ser guapa sino ser inteligente. Y yo digo “quiero ser igual de gilipollas que un hombre”. ¿Tengo derecho a ser igual de gilipollas que un hombre? ¿Se me permite poder triunfar siendo una mujer gilipollas? Por qué un hombre gilipollas puede triunfar de eso no hay ninguna duda. Pero una mujer gilipollas...eso ya es más difícil. Y de verdad, hay muchas cosas de las que me arrepiento, pero no me arrepiento de haber sido mal hablada y vulgar porque yo tengo un vocabulario muy rico, pero luego lo mezclo con “coño”, “ya tu sabes”, “que lo qué” porque me gusta. Me gusta combinar, y al final son recursos, son maneras de traerte, de devolvarte, de enseñarte que puede ser muy vulgar, puedes ser ordinaria... puedes ser verdulera. Tienes derecho a hacer verdulera, amiga. ¡Sé cómo te dé las ganas de ser y comunica! Que al final, toda mi obsesión es comunicar. Creo que fue Melo la que dijo “yo creo que habría llegado más lejos en este mundo, habría alcanzado un objetivo mucho antes si hubiera sido un chico”. Y lo comparto totalmente.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Hay sonoridad entre youtubers?

Realmente sí; sí hay mucha sonoridad, sí que hay cierta comunidad, cierta unión y cuando nos juntamos, siempre acabamos siendo una comunidad que se divierte, que se ríe, Al final

somos todos chicos y chicas con un discurso. Un poco pues, no sé... Con otra perspectiva, otra sensibilidad no mejor o peor, sino otra. Y acabamos uniéndonos un poco, pero la realidad es que nada, es que basta que alguien se vaya a Andorra para que se divida la comunidad, lo cual me parece fantástico.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Qué le dirías a tu yo de 18 años?

Le diría que no tuviera no tuviera miedo, que cuando el miedo dirige tu vida... normalmente sueles encallando y no hay faro que te pare. Entonces, yo creo que eso: que le diría que no tuviera miedo a nada ni a nadie. Y que esas “cosas raras” que siente en su interior no van a ser lo que la haga vulnerable, sino que lo que la haga fuerte, y que de esa fortaleza va a sacar unas raíces que va a dar gusto verlas.

ANEXO C - VÍDEO 3



VÍDEO 3

Duração: 04:54

Título: Girl Crush: Tomasa del Real

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=o0TkilCl2_M

Hasta hola, hola, soy Tomasa del Real, cantante de reggaeton, y están viendo Girl Crush.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Cómo pasas de tatuadora a reina del reggaeton?

Bueno empecé en el estudio tatuajes; tenía mucho tiempo y libre mi mamá me regaló una MacBook; me empecé a grabar allí, en el estudio, de hecho, en los primeros vídeos que están en Youtube salen atrás los flash del tatuaje, porque estaba en el estudio. Agarré todo, lo subí a internet y ahí empecé como... con el iphone a descargar los vídeos; empecé a juntar música con video lo subí a internet, y de ahí amigos empezaron a decir “ahh deberías hacer una canción con “no sé quién” o “te presto un estudio”, o “te ayudo”. Y así me fui armando; me cambié por tatuajes. no sé... las cosas para grabar, un micrófono, cosas así. Y ahí fui como aprendiendo un poco. Y gracias al tatuaje también - como viajaba mucho, iba cantando en diferentes partes. Siento que todos tuvimos mucho reggaeton toda la vida, bueno en Latinoamérica, sur américa... allá está el reggaeton todo el rato; cuando me empecé a divertir en el compu lo más natural para mí fue cantar algo que era como reggaeton, no lo pensé. Si no tatuaba no comía, ese era mi trabajo, y de ahí era como “no, ve ni tocar y te pagamos”. Y era como “ooh, puedo ir, no tengo que pagar los pasajes, no tengo que estar tatuando todo el día”, que me dolía la espalda... y ahí me cambié.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Crees que el reggaeton aún mantiene ese punto de orgullo de clase, de barrio, de sus orígenes?

Siento un poco que el reggaeton en sí, cuando empezó, en en la época que empezó hablaba de ciertas cosas y el reggaeton de hoy habla de otras cosas. ¿Por qué? Porque a los que hacían reggaeton les fue bien, escucharon su música y si ahora andan en Gucci, y tienen plata y, “vamos a hablar de otras cosas” y viene otra gente a hacer reggaeton, y en la evolución del reggaeton no lo veo como algo malo, no veo malo que alguien que no es de barrio cante reggaeton, por ejemplo. Es como al revés, es como el triunfo del barrio que hizo que el otro se pusiera a cantar reguetón.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Haces letras muy sexuales: ¿Han sido bien recibidas o te han criticado por ellas, como le ha pasado por ejemplo a Becky G... pero no a tíos, como Maluma?

Siento que el recibimiento de este tipo de música ha sido como: “siii, esperábamos esto” pero también... porque Becky G tiene que explicar sus letras porque su perfil de artista es el de “una señorita” – que es muy extraño verla diciendo esas cosas por ahí. Con el perfil que he tenido yo como artista, no se extraña que diga “tratantanplasticopiiii” rapidito, todo bonito. Es como “sí, de tí esperábamos eso y por ahí no esperábamos eso de ella”. No sé, de ese perfil de persona, no sé yo esperaría algo más nice porque – no sé – eso es lo que esperaría de ella. Nos sé...es un entendimiento igual un poco tonto, pero es así. A mí en lo personal no me han pedido explicaciones. Las posibilidades hoy ya no son “hombre y mujer” y esa conversación, como que siento que es mucho más amplio y que, por ahí, los personajes como Becky G, por ejemplo, tiene un perfil más mujer. Claro, el mundo le pone encima una etiqueta donde no esperan que ella diga eso.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿El reggaeton genera mucha controversia en España. ¿Crees que esa crítica parte del clasismo y racismo?

Pienso que en general el género urbano fue abarcando espacio y se convirtió un poco en el nuevo pop porque las letras y todo este contenido - que es un poco chocante - es muy real, también. Y esos son temas que antes se censurados y entonces siempre va a haber gente que va a querer que esos temas que estén censurados y no escucharlos y no que sean populares, pero también está bueno que el día de hoy como nueva generación podamos sacar de todos los temas no solo de lo bonito y entender de qué se puede hacer arte no necesariamente tienes que ser como un súper culto y haber ido a estudiar arte y pintar flores preciosas sino que uno puede hacer arte de cualquier parte y si tú vienes de un barrio y tu arte es tu realidad en los cerebros no deberías a curarse como poco al turista pensar que alguien de un barrio no puede hacer arte o no con su música o no puede decir lo que quiera o no hablar de su realidad. Igual esa gente siento que también no están obligados a entenderlo porque nacieron en otras generaciones y no es su culpa, no es como una guerra de sí entiende el reggaeton y escúchalo. No como entiendo de qué hay gente vieja que sus papás los criaron de cierta manera y dónde hay temas que no se hablan y que no se van a hablar nunca hasta que se mueren y nosotros tenemos suerte de poder hablar de eso hoy e ir a la fiesta y pasarlo bien y no tener esos como ataduras morales o sociales. Siento que el reggaeton un poco ha traído eso y nos dejó a nosotros más libres a las generaciones nuevas que lo entienden.

ANEXO D - VÍDEO 4



VÍDEO 4

Duração: 19:16

Título: Girl Crush: Teresa Rodríguez

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=pItStCqR88s>

No basta con tener muchas mujeres en las instituciones que ocupen su lugar sino hay que hacer políticas feministas y hacer políticas organizadas hacer políticas que al final benefician a la mayoría de la población porque en lucha contra la precariedad y contra los recortes sociales... soy teresa rodríguez y esto es scratch.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Tu vocación política nació ligada a un despertar feminista?

Yo creo que primero fui feminista y después ya tuve no sé la determinación de hacer políticas para tratar de cambiar las cosas que me molestaban como feministas y fue un feminismo muy primitivo yo creo que como la mayoría de nosotras surge de un malestar que primero es difícil de explicar y luego encontramos en el feminismo la forma de dar la explicación y de no sentirnos sola en esa en ese no estar a gusto no es con las situaciones que se nos daban desde que somos conscientes de que somos niñas empezamos a ver un trato desigual que te molesta que genera un malestar mi madre me dijo con ocho años que hubiera preferido que yo hubiera sido un niño yo recuerdo que aquello me marcó tremendamente porque yo todavía no era consciente exactamente de lo que suponía ser niña más allá de la mente exterior no sabía lo que suponía socialmente ser una niña y cuando aprendí eso... e... encontrar a otras mujeres que antes que yo y que al mismo tiempo que yo en otros lugares del mundo estuvieran peleando por la igualdad... pues hizo que abrazar al feminismo como una terapia de felicidad en mi propia vida y luego hice una reflexión más profunda sobre el feminismo que tenía que ver no solamente con la necesidad de un trato igual sino con la necesidad de construir una sociedad diferente donde los valores relacionados con el cuidado de las personas con el cuidado del medio ambiente con las relaciones de igualdad con personas de distintas etnias de distintas clases sociales la necesidad de hablar de acabar con todas las desigualdades y construir un mundo diferente desde una perspectiva feminista... dios'dieron lugar a que eso fuera me llevará a un compromiso político completo pero primero fui feminista de forma muy nata muy personal así es como yo diría que el mundo no me gustaba que que había que cambiar.

CANAL BuzzFeed LOLA - Denunciaste una situación machista por parte de un empresario en 2016. ¿Crees que ahora en pleno #metoo, habría sido diferente?

Yo creo que es verdaderamente lo que ha pasado desde el 2016 y hasta ahora es que quienes han sido machistas desde siempre pues ahora tienen que dar más explicaciones que antes es lo que ha cambiado verdaderamente yo entonces si encontré la solidaridad especialmente de

las mujeres que habían vivido en sus vidas cotidianas situaciones muy similares y que entendían que una agresión de ese tipo no es una broma sino que es un delito que está estipulado en el código penal y que debe ser castigado para que no se reproduzca para que no pase más y si encontré esa solidaridad por parte de la mayoría de la gente luego es verdad que los SEÑOROS machistas sí estaban muy envalentonado entonces y ahora parece como que tienen que armarse de más argumentos a la hora de atacar a las mujeres que salen a la luz a denunciar este tipo de casos o que salen a la luz destacándose como feminista en cualquier ámbito público sabemos que van a seguir las agresiones los insultos pero esto es normal porque todo el que cuestiona una situación de privilegio de uno sobre otro si quieres romper esas relaciones de privilegios quienes se sienten amenazados en sus privilegios van a reaccionar de forma virulenta el lógico y es normal si no estuviéramos generando esas reacciones es que no estamos tocando nada por tanto es el neomachismo que aparece ahora porque siente que está perdiendo privilegios el signo de que estamos tocando la médula espinal del patriarcado que hemos buscado durante tantos años y que hemos intentado quebrar donar durante tantos años y que tanto trabajo nos cuesta acabar con él así que yo creo que es una buena señal lo estamos haciendo bien si se están enfadados este tipo de personas.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Qué crees que falta para que veamos un verdadero #metoo en España?

Falta un empoderamiento económico falta que seamos lo suficientemente independientes de los varones como para poder denunciar este tipo de casos porque yo me temo que en determinados sectores que son fuertemente corporativos si sale una voz que denuncia este tipo de agresiones pues corre el riesgo de tener dificultades a la hora de poder seguir trabajando en su sector e eso pasa en el cine es pasar también en la política a otro nivel quiero estar las próximas listas y por tanto tengo que portarme bien porque además los marcos machistas y patriarcales están en todas las organizaciones tanto a la interna como la relaciones entre partidos como en la forma de hablarnos las instituciones están impregnadas de testosterona no es de ese tipo de agresividad y rebelarse contra eso es poner en riesgo la propia supervivencia digamos el poder seguir en el sitio donde se están

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Cuánto machismo encontramos en la política y las instituciones españolas?

Hay muchos casos y está muy impregnado en cada una de las personas incluso que formamos parte de las organizaciones y en la sociedad en general también es decir el patriarcado y el machismo está en la base más pequeña de nuestra cultura si echamos la vista atrás o si vemos la educación de las niñas y los niños si vemos los catálogos para pedir los juguetes a los reyes o los dibujos animados en las en los canales infantiles no ha cambiado tanto la cosa se siguen reproduciendo los mismos roles y eso hace que lo tengamos fuertemente arraigado en nuestra cultura eso el racismo el clasismo la transfobia la homofobia es decir que tenemos que ser conscientes de que esa realidad se da que se da en cada una de nosotras y

nosotros y que se da evidentemente en estructuras sociales conformadas por seres humanos que se han criado en un contexto abiertamente machista en lo que sienta sus bases además económicas incluso en esa relación de desigualdad para seguir adelante que depende de esas relaciones de desigualdad para seguir adelante que depende de que las hayas mujeres que hagan hagan el trabajo que el estado no quiere hacer en el cuidado a las personas por ejemplo es una cosa que está muy arraigada cultural y materialmente por tanto lo importante no es es decir que en mi organización estamos exentos de ese tipo de reacciones sino ser conscientes de que lo estamos ponerse las gafas violeta para darse cuenta de dónde están y cuándo se producen y tener un mecanismo y protocolo para actuar frente a esa dinámica y plantear alternativas de relación entre iguales pero es que tenemos que construir un mundo diferente para pensarnos en clave de igualdad porque el que hay el mundo real en el que vivimos no lo es.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Cómo se manifiesta ese machismo en la política de gobiernos y partidos?

Me gusta más hablar de qué políticas se hacen que perjudican especialmente a las mujeres y donde no se tiene en cuenta es necesaria visión y perspectiva de género para poder cambiar verdaderamente la realidad cuando hay recortes sociales además de estas haciendo políticas antisociales se están haciendo políticas contra las mujeres porque quienes suplen los recortes en educación sanidad y dependencia son las mujeres con su trabajo invisible en pagado cuando se habla de feminismos en las instituciones que todo el arco parlamentario de todos los partidos todas ya nos llamamos a nosotras mismas feminista incluidas las del partido popular luego hay que demostrarlo preocupándonos por cuál es el salario que cobra la limpiadora que nos limpian los extraños por ejemplo la administración pública subcontratas muchos de sus servicios que ha privatizado están casi al cien por cien feminizado todos los limpiezas de hospitales de colegios y atención a niños con necesidades educativas especiales aula matinal por la mañana monitores de educación especial personas que atienden ayuda que hacen la ayuda a domicilio de la ley de dependencia casi en el cien por cien son mujeres y son mujeres sobreexplotadas que cobran salarios de tres euros la hora en algunos casos que son las que ellis de la administración pública y que no están nunca en los discursos feministas de las mujeres de los parlamentos y los congresos por eso no basta contener muchas mujeres en las instituciones que ocupen su lugar sino hay que hacer políticas feministas y hacer políticas es hacer políticas que al final benefician a la mayoría de la población porque en lucha contra la precariedad y contra los recortes sociales.

CANAL BuzzFeed LOLA - Cómo política, ¿has sufrido ataques machistas por parte de la prensa y los medios?

Hay que preocuparse del techo de cristal pero también del suelo pegajoso en términos feministas. El recuerdo que en su momento la campaña electoral de 2015 que fue la primera vez que yo me presenté a las elecciones y alguien sacó una foto de una chica que estaba desnuda en una playa y dijo que era yo esto que en principio bueno pues no es más que

parece una broma pesada se convirtió en viral y se convirtió en viral porque creo que alguien pensó en la mejor forma de perjudicarme políticamente era proyectar me como una mujer que por el hecho de ir desnuda una mujer que tiene a su cuerpo su cuerpo en contra de sí misma no de tener cierta edad de ir desnuda en una playa no era capaz de gestionar la sanidad de los abuelos y la educación de los hijos. Creo que fue una operación en contra de mi candidatura y he visto otros casos en los cuales la hipersexualización de las candidatas contribuye a colocarlas como en una posición de insolvencia y notaba como había muchos medios de comunicación y también muchos discursos públicos hacia mí donde por el hecho de ser joven y de ser mujer y tener una determinada de apariencia se me vincula a la insolvencia en la posibilidad de la gestión de lo público eso sí lo he notado creo que eso y por el hecho de ser una media de más de izquierda feminista claramente abiertamente feminista y demás eso eso sí es muy perceptible y lo he notado de forma muy clara en el ámbito político.

CANAL BuzzFeed LOLA - *Habéis hablado mucho de “feminizar la política” ¿A qué os referís exactamente con eso?*

Nosotros hablamos de feminizar la política incluso más allá de despatriarcalización la política es decir de hacer que efectivamente la mitad de la población tenga una representación en toda su diversidad también que no somos todas iguales y algunas acumulan todo doble y triple discriminación por su condición sexual por su origen racial por su discapacidad en está en representar las instituciones eso sería feminizar la política por otra parte que en las relaciones que se produjeran en el ámbito de la política estuviera más a través atravesada por algo que en el bípólíticas se llama potenciar el acuerdo y el potenciar el consenso y el tratar de encontrar más que las confrontación esos choques testosterónico que se producen en los parlamentos pues poner la política a los cuidados en el centro y las medidas que de verdad pueden ayudar a la ciudadanía no apostar más por la oxitocina y menos por la testosterona no hay hormonas también en la política cuando se lleva a cabo de apostar con la política del acuerdo que es lo que hemos visto los movimientos sociales cuando en los colectivos de afectados por los desahucios sean unidos o los pensionistas sean unidos o las feministas nos hemos unido pues tratar de encontrar ese clima de cooperación en el ámbito institucional que desde luego por hoy no se da hoy es un choque de hormonas testosterónica no en este caso eso también es feminizar la política y por otro lado hacer políticas feministas que cambien de verdad la realidad de la mayoría de las mujeres reales de nuestro país que sufren especialmente pues la precariedad el machismo en su vida cotidiana la agresiones sexuales que no encuentran en muchos casos en la justicia una solución a sus problemas y hemos visto una justicia muy patriarcalizada con el caso de la manada por ejemplo y con algunos casos de violencia machista que nuestras jóvenes tienen miedo siguen teniendo miedo a la hora de volver a de noche puede hacer políticas respecto a eso dar solución política a esos problemas es despatriarcalizar la política.

CANAL BuzzFeed LOLA - *¿Cuál crees que es la vía para combatir el neomachismo?*

Pues yo creo que el neomachismo es como te decía antes síntomas de que se está tocando la médula dorsal de un sistema de dominación donde quienes son beneficiarios de ese sistema de dominación no quieren renunciar sus privilegios y que por tanto es síntoma de que se están haciendo las cosas que cuando hay una reacción por parte de bueno de quienes defienden el status e dicho esto cómo se combate eso pues fundamentalmente con la movilización yo creo que las movilizaciones del 8 de marzo las movilizaciones espontáneas que se produjeron después de la sentencia de la manada que fueron instantáneas con mensajes muy similares con una enorme creatividad en los eslóganes y en las consignas en un movimiento muy horizontal donde no había liderazgos personales sino que era una enorme masa anónima de mujeres de todas las edades yo disfruté de aquella manifestación con mi madre me acuerdo que desde los momentos más bonitos qué pasa con ellas que también estaba en sus batallas en su vida creo que eso cambia mucho más las cosas que cualquier medida que es diputadas y diputados concretos podemos hacer las instituciones que tenemos que hacerlas también como reflejo de eso pero tenemos que saber y creo que las mujeres hemos aprendido que nuestras victorias nunca están consolidadas definitivamente pasa también en otros ámbitos nuestros derechos laborales parecieron conquistados definitivamente y hoy por hoy están absolutamente puestos en cuestión la posibilidad de tener un contrato estable o de que los estudios te lleven al poder conseguir tus metas a nivel laboral eso que en algún momento pensamos que era posible y nos derrumbaron completamente esa certeza no pues en el caso del movimiento feminista más que ningún otro sabemos que lo que conseguimos hoy es que lo que conquistamos hoy mañana lo van a poner en cuestión y van a intentar tirarlo atrás por tanto es necesario estar siempre alerta movilizada leyendo aprendiendo compartiendo y alimentando ese sentido como alternativo que nació con el 8m y que debe continuar el 8m del año que viene y el del año que viene.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Por qué crees que alguna gente, incluso dentro de la izquierda sigue mostrándose reacia al feminismo?

Bueno, en muchos momentos se defendió dentro de los movimientos de izquierda en particular que el feminismo a ver era una forma de romper la izquierda o de romper a la clase trabajadora bueno cuando se concedió o cuando las mujeres conquistamos el derecho al voto en este país quienes ponen en cuestión es el derecho al voto fueron en las pocas ocasiones personas y portavoces de la izquierda diciendo que las mujeres íbamos a votar a la derecha si se nos daba la oportunidad de votar es decir la lucha feminista hacia una lucha muy transversal donde hemos tenido que enfrentar a personas procedentes de distintas ideologías y es precisamente por eso porque es un sistema de dominación el que entra dentro de otros sistemas de opresión que ambos se relacionan entre sí y el sistema económico y el sistema patriarcal pero donde el sistema patriarcal se beneficia también a los hombres de izquierdas pese a que esos hombres quieren acabar con las relaciones de poder entre las clases sociales puede que no quieran renunciar a sus propios privilegios por ejemplo en el ámbito de sus propios hogares no y además hemos sido todo y toda educada en un sistema patriarcal desde muy pequeña con unas escuelas atravesadas por valores cristianos que a su vez han reproducido también católicos que ya suben reproducción también determinados

valores machistas y patriarcales con una violencia simbólica hacia las niñas y hacia las mujeres es muy importante y eso pues lo hemos mamado todo y todavía insisto en ninguno nos libramos de ellos cuál es el reto del feminismo puede ser capaces de introducir lógica de crítica por parte de compañeros y compañeras que podamos detectar casos de machismo y ser capaces de corregirlos no pero siendo conscientes de que todos vamos a tener naturalmente reacciones machistas porque nos hemos educado en eso y trabajando cada día en nuestra propia vida en el ámbito de nuestra propia vida privada que no siempre es lo más fácil seguramente en los más difícil es aterrizarlo en el ámbito de la propia vida en pareja o de la propia vida familiar lo que hemos aprendido del movimiento feminista para cambiar la realidad

CANAL BuzzFeed LOLA - Si tuvieras una varita mágica para hacer tres cambios potentes sobre igualdad, ¿Cuáles serían tus prioridades?

Pues la primera sería los cuidados garantizados es decir que la sociedad garantizase a todas las personas el cuidado en situaciones de dependencia en situaciones de vulnerabilidad la educación de los niños de las niñas la atención a las personas mayores la atención a la atención a las personas enfermas es decir que eso estuviera absolutamente garantizado por el común por la sociedad porque se entienda que una sociedad más feliz de una sociedad que garantiza cuidado a las personas eso es liberaría a las mujeres de esas tareas de cuidado y por tanto les permitiría emanciparse no garantizar a la siguiente generación de niñas un contexto de libertad para desarrollarse plenamente. La segunda tiene que ver con acabar y esto sí sería pura magia con unas relaciones entre sexos que están fuertemente atravesadas por la subalternización de las niñas y esto es difícil porque tienen yo soy docente y he visto en los institutos muy cotidianamente cómo se reproducen esos roles los cuales las niñas son vistas por los niños y por sí mismas como subalterna al varón a sus deseos sexuales a su voluntad su libertad es decir conseguir una generación de niñas que se sienta absolutamente libre para hacer lo que quieran ser incluido seguir siendo niña o no o no serlo pues sería un deseo que tengo incluso para mi propia descendencia legal a mi hija un mundo en el que pueda ser absolutamente libre es lo que quiere hacer desarrollar los roles que quiera desarrollar porque creo además que segundo sería también más bonito y tendría un potencial mucho mayor porque tenemos a la mitad de la sociedad encorsetada y el tercero pues sería acabar con la violencia material que se ceba con las mujeres o sea acabar con la violencia simbólica sería la segunda y la tercera la violencia material y conseguir un mundo donde no haya diferencias salariales donde no haya sobreexplotación de nuestras madres de nuestras hermanas donde a nuestras jóvenes no se las trate no se aproveche esa vulnerabilidad previa como mujeres para pagarles menos salarios para conseguir más beneficios por parte del sistema capitalista es decir y combatir la violencia material

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Qué le dirías a una niña que no se sienta representada por la política de señores actual?

Pues le diría que no le dejemos la política a quienes tienen el corazón tan negro que tenemos que hacerla a nosotros para que nos lo hagan por nosotras y nosotros y que tenemos que ser capaces de que la política se parezca a la vida de la gente como en el centro de las prioridades de la mayoría de la gente que cuida de lo suyo que sé felices que sé libre que tiene un medio ambiente sano que respetarse a esos valores que en general afloran en muchos casos la condición humana que sean el centro de la política y que para eso necesitamos muchas niñas que hagan políticas y la hagan para cambiar su entorno más cercano y su realidad.

Substantivos com gênero não marcado: 3

[...] atención a niños con necesidades educativas especiales.

[...] no era capaz de gestionar la sanidad de los abuelos y la educación de los hijos.

[...] nosotros hablamos de feminizar la política.

Obs:

1) Duplicação

diputadas y diputados concretos podemos hacer

la educación de los niños de las niñas.

*por parte de compañeros y compañeras que podamos detectar **casos de machismo***

*hemos sido todo y toda educada en un **sistema** patriarcal*

*la educación de las **niñas** y los **niños***

en cada una de nosotras y nosotros

2) Contradição:

*Le dejemos la política a quienes tienen el **corazón** tan negro que tenemos que hacerla a nosotros para que nos lo hagan por nosotras y nosotros*

ANEXO E - VÍDEO 5



VÍDEO 5

Duração: 07:07

Título: Girl Crush: Mala Rodríguez

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=QMLi9i_N5M0

Tú tú decides qué va a hacer con tu vida pero no puedes estar todo el rato metiéndote en cárceles porque todo está fatal habría que buscar otro tipo de soluciones no nos educan para que no nos violen pero no educaron a la gente para no violar.

Hola, soy la mala y esto es girl crush!

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿es difícil ser mujer y hacer rap en España? ¿Sigue siendo un mundo de hombres?

Como cualquier otra profesional en su mundo, me he encontrado en la misma situación: un mundo con mucho machismo en el que ni siquiera eres consciente del grado de machismo que existe. Lo único que me centraba era hacer lo mío, en aprovechar y expresar todo lo que yo tenía dentro y en seguir adelante cuando yo empiezo a escuchar rap tengo como digamos referente chicas. Sí había raperos que me gustaban mucho, pero por ejemplo a mí me encantaba ladybug the big game los planes por supuesto Lawrence Hill también me gustaba y realmente si el visto que había mujeres haciéndolo e incluso en España es trabajar y otras artistas también me han inspirado desde pequeñas siempre he visto mujeres fuertes y no me queda bien quiero hacer rap voy a hacer el rap que hacen los raperos del Brown. Ni yo quería ni podía ni era me parece que la baza que tenía que jugarlos, ¿no? y yo quería saber quién era yo, ver que podía aportar yo desde mi punto de vista y desde el lugar donde he crecido algo muy especial porque era una búsqueda que empezaba ahí tenía que hacer justicia con mi historia, mi propia historia. No hay género machista, o feministas... son los artistas los que hacen ciertas canciones u otras ¿no? como bien dicen, en el indie hay muchas letras, ¿qué tal? o en el rock, hay muchísimas letras que, en el cine, depende que cine ¿no? son los artistas que ponen ahí su esencia y luego pues...

CANAL BuzzFeed LOLA - ‘Gitanas’ es un hino feminista y antirracista ¿Cómo surge esta canción?

Para mí la canción de gitanas hace una celebración de toda esta lucha que tiene la mujer y está claro que tengo, siento una identidad, por la experiencia que he tenido, por la vivencia que he tenido, por la cultura que he vivido... era necesario hacer una canción y hablar en primera persona, compartir en las preguntas que yo me he hecho, como tú te has hecho, como todas mis amigas se han hecho, como todas las mujeres que hemos vivido estos dos últimos años, nos hemos hecho y es para mí un honor que digan: a esta canción para mí es unirnos, porque el de verdad, que es que mira le quita y la música yo la canto sola a capella y

para mí el mejor acompañamiento es de tener otra mujer a mi lado, porque esta canción significa mucho para mí. Es el feminismo como yo lo entiendo, no entiende de clase y no entiende de razas. es todo ha de partir de la igualdad, porque si no es así, que feminismo de pastel me estás contando. y he tenido la suerte de compartir conversaciones con muchas mujeres increíbles y realmente siempre llegamos al mismo punto, ¿sabes?

CANAL BuzzFeed LOLA - ‘Gitanas’, ‘brujas’, las niñas’ ¿por qué te atraen tanto las historias de las mujeres?

No lo puedo evitar, siempre he sentido que tenía que hablar de lo que conozco. Entonces fue sí eso lo he visto y si eso lo he vivido y si eso lo he respirado pues tengo que contarlo. Hubiera sido mucho más sencillo que hubiera hecho otra cosa, pero si a mí se me ponen los pelos de punta cuando yo estoy contando la historia de la niña, pues la tengo que contar. Cuando hablo de la bruja, hablo de ese poder que tiene la bruja que se sabe con ese poder, todo ese poder innato que tiene la mujer, que por mucho tiempo ha controlado y contenido. Es importante para mí compartir mis ideas con otra gente porque disfruto mucho viendo cómo afecta a otros esta botella no que tiro yo al mar, pues llegan y repercuten y eso es lo que hace que se convierta todo esto en cultura, esto es cultura y esto es grandioso.

CANAL BuzzFeed LOLA - Acabas de presentar ‘contigo’, un temazoailable: ¿es un cambio de estilo para ti?

Y la verdad es que me apetecía, ¿Tú sabes las de barra que he escrito? ¿y la de barra que canto? y de repente centrarme en disfrutar de la melodía, a mí me sienta bien. Los prejuicios más graves, digamos, son los que tienen el mismo público. En cada vez fue tenido como una de gente triste en blanco porque ya no hiciste lo que hiciste antes y ahora estoy haciendo otra cosa, porque qué haces con eso puesto...tío, pero no puedo dejar de probar cosas en toda la discografía mía, vas a ver que está llena de todas las referencias de vida mía. Está llena de mis aciertos, de mis errores, de mi búsqueda personal ... si yo siento que algo me divierte, si siento que algo me emociona... yo me presto, no tengo tantos prejuicios, ¿entiendes? Cuando te han ubicado en un espacio le es complicado sacarte de ahí y tener que ubicarse en otro, como, pero ya no es rapera entonces ¿qué hace cantando? o si ella siempre ha sido de expresar una onda más agresiva, audaz... ¿porque de repente usar este otro tipo de registro? y no entiendo bien porque desde que empecé con canciones como más hierro o yo marco el minuto siempre he mostrado muchos lagos con muchos registros bastante amplios ¿sabes? como yo no creo que haya dejado nunca de hacer algo y empezado a hacer algo distinto.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Qué mujeres, dentro y fuera de la música, te inspiran?

A mí me gustaba mucho la Tina Turner, Rocío Jurado, Lole Montoya, por ejemplo, por mencionarte algo más de ahora la Bici y después de sentir esa mejora mucho, ella adquiere un montón le mando mil besos... si es así por favor. He leído su libro y tengo la suerte de conocerla y mira... puedes estar de acuerdo o no con ella, pero te remueve las tripas.

¿sabes? te hace como... enserio, eso es lo que me gusta: gente que no te dejas indiferente que te hace cuestionarte cosas.

CANAL BuzzFeed LOLA - ¿Qué consejos darías a tu de 18 años?

Diría está bien todo... está haciendo bien. Haz lo que tú sientas y sigue para adelante. Me parece que es lo más adecuado, porque si no ¿cuál es el truco? tienes que vivirlo tienes que caerte, tienes que levantarte, tienes que mojarte, tienes que ensuciarte... sino cual, ¿qué va a hacer todo? no hay aprendizaje. Creo que, si viene aquí, es para aprender. Entonces si no se te plantean problemas, ni obstáculos... que cuáles junto aquí, no está bien también.

Tipo de substantivo	Quantidade	Exemplos
Substantivos femininos animados sexuados terminados em /a/	5	<i>gitanas, amigas, bruja, chicas, artistas</i>
Substantivos femininos animados não sexuados terminados em /a/	0	-----
Substantivos femininos animados sexuados terminados em /e/	0	-----
Substantivos femininos animados não sexuados terminados em /e/	1	<i>Gente</i>
Substantivos femininos animados sexuados terminados em /o/	0	-----
Substantivos femininos animados não sexuados terminados em /o/	0	-----
Substantivos femininos inanimados terminados em /a/	21	<i>búsqueda, justicia, historia, letras, esencia, botella, cultura, discografía, barra, melodía, ideas, lucha, experiencia, vivencia, cultura, preguntas, razas, cosa, música, onda, tripas</i>
Substantivos femininos inanimados terminados em /e/	2	<i>clase, suerte</i>
Substantivos femininos inanimados terminados em /o/	0	-----
Substantivos masculinos animados sexuados terminados em /a/	1	<i>Artista</i>
Substantivos masculinos animados não sexuados terminados em /a/	1	<i>Artista</i>
Substantivos masculinos animados sexuados terminados em /e/	0	-----
Substantivos masculinos animados não sexuados terminados em /e/	0	-----
Substantivos masculinos animados sexuados terminados em /o/	2	<i>raperos, tío</i>
Substantivos masculinos animados não sexuados terminados em /o/	0	-----
Substantivos masculinos inanimados terminados em /a/	1	<i>problemas</i>
Substantivos masculinos inanimados terminados em /e/	2	<i>cine, aprendizaje</i>

Tipo de substantivo	Quantidade	Exemplos
Substantivos masculinos inanimados terminados em /o/	23	besos, libro, obstáculos, truco
Substantivos com gênero não marcado	0	-----